

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo:  
uma *etnografia autista* da cena da Cultura de Baile/*Ballroom* em  
Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista**

BRENDALY SANTOS DE FREITAS JANUÁRIO

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning  
Coorientador: Luis Antonio Bitante Fernandes

GOIÂNIA  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Brendaly Santos de Freitas Januário

#### 3. Título do trabalho

*Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo: uma etnografia autista da cena da Cultura de Baile/Ballroom em Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista.*

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Brendaly Santos De Freitas Januário, Discente**, em 03/09/2024, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Henning, Professor do Magistério Superior**, em 04/09/2024, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4795466** e o código CRC **9FA3A3C3**.

---

BRENDALY SANTOS DE FREITAS JANUÁRIO

**Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo:  
uma *etnografia autista* da cena da Cultura de Baile/*Ballroom* em  
Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista**

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Sociologia, da  
Faculdade de Ciências Sociais, da  
Universidade Federal de Goiás (UFG), como  
Requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Sociedade, Política e Cultura  
Linha de pesquisa: Desigualdades, Diferenças e Violências

Orientador: Professor Doutor Carlos Eduardo Henning  
Coorientador: Professor Doutor Luis Antonio Bitante Fernandes

GOIÂNIA  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Januário, Brendaly Santos de Freitas

Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo [manuscrito] : uma etnografia autista da cena da Cultura de Baile/Ballroom em Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista / Brendaly Santos de Freitas Januário. - 2024.

212 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning; co-orientador Dr. Luis Antonio Bitante Fernandes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas.

1. Ballroom scene. 2. casas de ballroom. 3. cultura de baile. 4. etnografia. 5. Transtorno do Espectro Autista. I. Henning, Carlos Eduardo, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 01 da sessão de Defesa de Dissertação de Brendaly Santos de Freitas Januário, que confere o título de Mestre em Sociologia, na área de concentração em Sociedade, Política e Cultura.

Aos oito dias de março de dois mil e vinte e quatro, a partir das 14:00 horas, via webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada *Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo: uma etnografia autista da cena da Cultura de Baile/Ballroom em Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista*. Os trabalhos foram instalados pelo orientador, Professor Doutor Carlos Eduardo Henning (PPGS/UFV), Professor Doutor Luis Antônio Bitante Fernandes (UFMT), coorientador e dos demais convidados da Banca Examinadora: Professor Doutor Pablo Andrés Astudillo Lizama (Universidad Alberto Hurtado), convidado titular externo e Professor Doutor Camilo Albuquerque de Braz (PPGS/UFV), convidado titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestões de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Carlos Eduardo Henning, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Henning, Professor do Magistério Superior**, em 08/03/2024, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Albuquerque De Braz, Professor do Magistério Superior**, em 08/03/2024, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Munhoz Sofiati, Coordenador de Pós-Graduação**, em 08/03/2024, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufv.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufv.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4427054** e o código CRC **9FB378A5**.

Referência: Processo nº 23070.008044/2024-35

SEI nº 4427054

## RESUMO

Esta dissertação está baseada em uma etnografia que apresenta análises e vivências de variadas pessoas participantes da cena da Cultura de Baile/*Ballroom* em Goiânia, capital do Estado de Goiás. Além de apresentar as minhas análises de campo, trarei à análise também a minha perspectiva como uma pesquisadora diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista ao longo do trabalho de campo. O objetivo geral desta pesquisa é: descrever e analisar as sociabilidades, as performances, os marcadores sociais da diferença, entremeados aos diálogos etnográficos das minhas experiências como socióloga autista na cena da Cultura de Baile/*Ballroom*. Em termos da metodologia utilizada, desenvolvi observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas com pessoas interlocutoras em campo, além da análise dos meus diários de campo, descrevendo também os circuitos percorridos, assim como as minhas sensações vivenciadas em campo. Sendo assim, a investigação desenvolveu também os seguintes objetivos específicos: descrever e analisar as categorias estético-performáticas da cena da Cultura de Baile/*Ballroom* e as suas relações com noções locais de família. Examinar as dinâmicas das relações de gênero e sexualidade, bem como a descrição e análise das redes de apoio que são desenvolvidas no campo analisado, sobretudo junto a pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, entre outras pessoas). Considerando a minha participação como socióloga autista nesta pesquisa, por meio da abordagem das sensações vivenciadas em campo, esta dissertação apresenta também a descrição e problematização dos meus momentos de vulnerabilidades, angústias, ansiedades e crises em campo, mas sobretudo destacarei o acolhimento recebido na realização desta pesquisa por parte de minhas interlocutoras em campo, uma vez que eu mesma, passei a integrar as redes de apoio social analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ballroom Scene. Casas de Ballroom. Cultura de Baile. Etnografia. Transtorno do Espectro Autista.

## RESUMEN

Esta tesis está basada en una etnografía que presenta diversos análisis y vivencias de varios participantes de la Cultura de Baile/Ballroom en la ciudad de Goiânia, capital del estado de Goiás. Además de mostrar mis análisis sobre el trabajo de campo, también aportaré al mismo, mi punto de vista a lo largo del campo como investigadora diagnosticada con Trastorno del Espectro Autista. El objetivo general de esta investigación es: describir y analizar las sociabilidades, las performances, los marcadores sociales de la diferencia, intercalados con los diálogos etnográficos sobre mis experiencias como socióloga autista en la escena de la Cultura de Baile/Ballroom. En términos metodológicos utilice: la observación participante, conversaciones informales y entrevistas semiestructuradas a personas interlocutoras en el campo, además de análisis de mis diarios de campo, describiendo los circuitos recorridos, así como mis sensaciones y vivencias durante mi trabajo de campo. De igual manera, desarrollé los siguientes objetivos específicos: describir y analizar las categorías estético-performáticas en la escena de la Cultura de Baile/Ballroom y sus relaciones con las nociones locales de familia. Examinar las dinámicas de las relaciones de género y sexualidad, así como la descripción y análisis de las redes de apoyo que son creadas en el campo analizado, sobre todo junto a las personas de la comunidad LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, bisexuales, transexuales, trasvertí, entre otras. Teniendo en cuenta mi participación como socióloga autista en esta investigación, por medio del acercamiento a las sensaciones y vivencias en el campo, esta tesis también expone una descripción y problematización de mis momentos vulnerables, angustias, ansiedad y crisis durante el desarrollo del trabajo de campo, aunque me gustaría resaltar el acogimiento recibido por parte de las interlocutoras en campo, una vez que yo misma pasé a integrar las redes de apoyo social.

**PALABRAS CLAVES:** Ballroom Scene. Casas de Ballroom. Cultura de Baile. Etnografía. Trastorno del Espectro Autista.

## ABSTRACT

This dissertation is based on an ethnography that presents the analysis and experiences of various people participating in the Ballroom Culture scene in Goiânia, capital of the State of Goiás. In addition to presenting my field analysis, I will also bring to the analysis my perspective as a researcher diagnosed with Autism Spectrum Disorder throughout the fieldwork. The general objective of this research is: to describe and analyze sociabilities, performances, social markers of difference, interspersed with the ethnographic dialogues of my experiences as an autistic sociologist in the Ballroom Culture scene. In terms of the methodology used, I developed participant observation, informal conversations and semi-structured interviews with interlocutors in the field, as well as analyzing my Field Diaries, describing the circuits I traveled and the sensations I experienced in the field. As such, the research also developed the following specific objectives: to describe and analyze the aesthetic-performative categories of the Ballroom Culture scene and its relationship with local notions of family. To examine the dynamics of gender and sexuality relations, as well as the describing and analyzing the support networks that are developed in the analyzed field, especially with LGBTQIAPN+ people (Lesbians, Gays, Bisexuals, Transsexuals, Transvestites, among others). Considering my participation as an autistic sociologist in this research, through the approach of the sensations experienced in the field, this Dissertation also presents the description and problematization of my moments of vulnerability, anguish, anxiety and crises in the field, but above all I will highlight the welcome received in carrying out this research by my interlocutors in the field, since I myself became part of the social support networks analyzed.

**KEYWORDS:** Autism Spectrum Disorder. Ballroom Houses. Ballroom Scene. Culture Ballroom. Ethnography.

## SUMÁRIO

<b>Introdução - Aproximações e Contextualizações do Campo</b> .....	16
<b>Capítulo I - Autismo <i>is Burning</i>: uma <i>etnografia autista</i> na cena da cultura de baile, na cidade de Goiânia/GO</b> .....	57
<b>Capítulo II - Pose: a categoria autista está em cena</b> .....	83
2.1. <i>Renaissance</i> – identidades em construção e sob rasura.....	111
<b>Capítulo III - Vogue performance e as categorias de moda e beleza</b> .....	144
3.1. Êxodo 12: redes de apoio, família e páscoa na cena <i>ballroom</i> .....	179
<b>É Fim do Baile</b> .....	201
<b>Referências</b> .....	208

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer imensamente às minhas interlocutoras, pelos enriquecedores diálogos, conselhos e apoios. Suas contribuições extrapolaram o trabalho de campo, existem aprendizados e vínculos criados que se estendem a pesquisa e escrita desta dissertação. O suporte e o encorajamento que recebi foram imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Também queria agradecer ao Carlos Eduardo Henning, o qual tive o imenso privilégio de ter sido orientada. Para além das sugestões, reuniões e aprendizados na escrita desta dissertação, que foram cruciais para o meu crescimento enquanto pesquisadora, também usufruí da sua sensibilidade ímpar para as questões relativas à minha saúde mental. Enalteço a sua dedicação e paciência para comigo, especialmente aos aspectos relacionados ao meu equilíbrio emocional que foram fulcrais para que o mestrado se tornasse mais leve e instigante. Sua produção intelectual e ensinamentos antropológicos além de serem admirados, também são inspiradores para mim e principalmente, sua generosidade e comprometimento serão aprendizados que levarei para comigo na minha trajetória profissional.

Ao meu coorientador Luis Antonio Bitante Fernandes, o qual tive a honra de conhecer e de desfrutar do suporte e dos ensinamentos, mesmo de tão longe da cidade de Goiânia. Porém, sempre foi muito solícito nas nossas conversas online, sentia como se estivesse a poucos metros de distância, pela tamanha simpatia e

disposição. Suas orientações e gentileza em compartilhar comigo os seus conhecimentos sociológicos foram fundamentais para a minha formação.

Sou grata a Universidade Federal de Goiás – UFG e ainda mais ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia que estive vinculada. Me senti muito acolhida e respeitada nos espaços acadêmicos do programa. Quero reconhecer o trabalho dos professores que eu tive a honra de ter sido ministrada durante a minha trajetória no mestrado e de forma mais específica é necessário reverenciar o prof. Hans Carrilo que sanou minhas dúvidas quanto aos termos em espanhol, por ser sua língua materna, além dos ensinamentos que contribuíram para a minha formação profissional. Ao prof. Luiz Mello, que faz parte da diretoria da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. As nossas conversas e a sabedoria compartilhada durante a minha jornada no programa, ficarão guardadas em minha memória.

Ao professor Flávio Sofiati, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG, por toda dedicação e pela disponibilidade oferecida durante a realização deste Mestrado.

Gostaria de agradecer ao professor Pablo Andrés Astudillo Lizama pela participação em minha banca de qualificação e defesa. Sou grata aos ensinamentos e conselhos preciosos que estarão presentes nesta dissertação.

Ao professor Camilo Braz por sua presença na minha banca de qualificação e defesa. Sou grata ao privilégio de ser sua estagiária docente, além de todas as contribuições de pesquisa e dos conselhos valiosos que levarei para a

vida. Sua paixão em ensinar me inspira e me motiva a seguir o seu exemplo em minha futura carreira como professora.

Ao auxílio da CAPES com sua bolsa integral durante o meu curso. À secretária do PPGS, Leticia Ferreira Angélica e ao secretário auxiliar Marcelo Augusto Parrillo Rizzo, por sempre estarem dispostos, no auxílio e orientação nas questões relativas ao programa.

Agradeço a imensa contribuição do Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças – LEX e aos coordenadores do grupo de estudos Carlos Eduardo Henning e Glauco Ferreira por terem me concedido a oportunidade de participar desse espaço de interação, com debates profundos e enriquecedores aos materiais escolhidos para análises.

Aos orientandos e orientandas do professor Carlos Eduardo Henning, Tailon Garcia, Kárita Segato, Samuel Douglas, Delson Ferreira e demais colegas, pelas inúmeras trocas no LEX e as participações em conjunto a vários eventos acadêmicos e reuniões de orientação que nos aproximaram.

A minha turma de mestrado, pela acolhida, interações, festividades e o primordial, que foi o apoio mútuo. A sensibilidade e compreensão dos meus colegas foram fundamentais para a minha trajetória acadêmica. Em especial ao Leandro Lima, Marília de Brito, Adaleny Paiva, Vanessa da Silva, Carla Pantaleão, Lilean Cury e Marcus Calil.

A minha família, por todo amor imensurável, além do amparo nos momentos mais desafiadores desta minha caminhada, principalmente à minha

mãe Fabricia Freitas, meu pai Elmar Carneiro, meu irmão Gabriel Carneiro e minha avó Mary Batista (*in memoriam*).

Por fim, gostaria de dedicar o último agradecimento ao meu companheiro de vida, Caio Januário, o meu maior suporte. Os seus valiosos comentários, os diálogos que tivemos e a sua dedicação para comigo me auxiliaram na escrita desta dissertação. Sou grata por nossa relação de cumplicidade, apoio e afeto.



## INTRODUÇÃO - Aproximações e Contextualizações do Campo

Começo narrando, a partir de adaptações de meu diário de campo, os primeiros passos do minha etnografia junto à comunidade da Cultura de Baile / *Ballroom*<sup>1</sup> em Goiânia. Em dezembro de 2022, decidi entrar para um Grupo de Estudos da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG) a fim de ter um contato mais próximo com autoras/es das Ciências Sociais que dialogassem com as áreas de gênero e sexualidade, devido esta temática ser, inicialmente, o foco dos meus estudos. Na época, tive contato com o grupo de estudos Ser-Tão, que era coordenado à época pelo professor Dr. Luiz Mello e pela professora Dra. Eliane Gonçalves, sendo este um núcleo de ensino, extensão e pesquisa que tem como enfoque a pesquisa e os estudos de gênero e sexualidade.

Nas primeiras reuniões do grupo, estávamos formulando ideias para uma festividade de confraternização, assim teríamos um momento de conversa e aproximação com as/os estudantes de graduação e pós-graduação da UFG. Foi então que uma das integrantes do grupo, que também acabara de entrar para o Ser-Tão, sugeriu que realizássemos um evento, no qual organizaríamos uma cena *ballroom*, também conhecida como Cultura de Baile, dentro da Universidade. Ao ouvirem esta proposta, os/as coordenadores/as ficaram entusiasmados com a ideia e aprovaram de imediato. Após a aprovação, cabia a todos/as os/as integrantes do grupo o planejamento e organização do evento.

---

<sup>1</sup> Apesar das pessoas que tive contato em campo usarem as duas categorias “Cultura de Baile” e “*Ballroom*”, eu utilizarei as duas terminologias somente na introdução. Nos capítulos, optei por usar mais o termo “Cultura de Baile”, mas usarei *Ballroom* quando o termo surgir da análise de diálogos em campo.

Assim como eu, havia entrado duas integrantes neste grupo de estudos, a fim de preservar suas identidades irei utilizar os codinomes Andreia<sup>2</sup> e Ariel. Andreia, se identificava como uma pessoa não-binária, todavia, ao longo da minha pesquisa ela passou por um processo de transição. Assim, na versão final desta dissertação ela já se identificava com a identidade de gênero travesti. A Andreia é uma pessoa racializada, se identificando como negra, tendo 20 anos na época em que nos conhecemos e no período da minha pesquisa de campo não possuía preferência pelos seus pronomes de gênero. Mesmo assim, me refiro à Andreia com os pronomes Ela/Dela, pelo fato dela ser chamada assim pelas suas amigas. Já Ariel estava também com 20 anos, é uma pessoa não-binária, negra, seus pronomes são Ela/Dela e Elu/Delu, é uma pessoa com deficiência, porém não irei detalhá-la para evitar a sua identificação. Ambas eram estudantes regularmente matriculadas na UFG<sup>3</sup>. Elas também eram participantes e integrantes da Cultura de Baile/*Ballroom* na cidade de Goiânia. Elas se apresentavam como pessoas não-binárias e *007*, esta denominação se dá a pessoas que não estão vinculadas a nenhuma *House* [*casa*]. Mais à frente irei descrever e analisar como se estrutura, em termos amplos, a Cultura de Baile/*Ballroom*. Da mesma forma, em um

---

<sup>2</sup> Os nomes das minhas interlocutoras/es e das casas/*houses*, assim como o de todos os/as demais interlocutores/as nesta investigação, foram modificados para garantir a confidencialidade das/os integrantes da cena da Cultura de Baile/*Ballroom*, na cidade de Goiânia/GO.

<sup>3</sup> Nesta dissertação os pronomes de gênero das interlocutoras foram respeitados e argumentados fielmente conforme a sua expressão ao longo da convivência no trabalho de campo.

momento posterior irei descrever com mais detalhes as categorias locais utilizadas nas *balls*, bem como os significados de cada expressão empregada nestes locais.

Inicialmente eu não possuía uma referência do que se caracterizava uma Cultura de Baile/*Ballroom*, era um evento completamente novo para mim. Apesar dessa minha inexperiência, havia muito interesse em conhecer e colaborar para que esse acontecimento na UFG, como parte do grupo de estudos mencionado, ocorresse com bastante êxito.

Para fim de organização do evento, a Ariel ficou responsável por convidar para as *performances* as/os integrantes da Cultura de Baile/*Ballroom*, devido ela já frequentar os Bailes, com a organização e como participante nas apresentações. Naquele primeiro momento, a Andreia permaneceu mais introspectiva, mas se disponibilizou a auxiliar a Ariel, uma vez que ambas são amigas e estudam juntas na graduação da UFG.

Nesta reunião de planejamento, determinamos quais seriam as atividades atribuídas a cada pessoa, a definição do local que ocorreriam as apresentações, como faríamos a divulgação e estabelecemos que seria realizado uma remuneração para aquelas/es que iriam se apresentar no dia do evento. Essa quantia arrecadada seria distribuída entre as/os participantes que se apresentaram, como forma de valorizar os seus trabalhos. Porém, infelizmente não conseguimos definir nesse dia como seria arrecadado esse valor para remunerá-las/los.

Alguns dias após esse encontro, eu tive a ideia de fazermos uma rifa para sortearmos algum objeto que agradasse a todos/as. Foi então que eu decidi chamar

um professor da UFG que aqui chamo de Pedro Porto para não identificá-lo, no WhatsApp<sup>4</sup> para compartilhar a minha sugestão para angariar fundos. Ele se interessou pela proposta e sugeriu que criássemos um grupo no WhatsApp com Andreia e Ariel para discutirmos e aperfeiçoarmos a ideia. Com a criação do grupo, Andreia, que possui experiência com sorteios, demonstrou preocupação com o tempo disponível para realizar todas as tarefas, já que tínhamos apenas dez dias para vender todas as rifas, comprar o brinde e realizar o sorteio. Eu concordei com ela que o tempo estava um pouco apertado.

Dessa forma, o Professor Pedro Porto sugeriu que pedíssemos doações para os membros internos do Ser-Tão, assim cada pessoa poderia contribuir com o valor que estava ao seu alcance. Iniciamos as arrecadações e ao final conseguimos um valor significativo para remunerar as/os participantes que participariam de uma das primeiras *balls* (bailes da Cultura de Baile) na Universidade Federal de Goiás.

No dia do evento, além das *performances*, combinamos de passar o filme *Paris is Burning*, no auditório Lauro Vasconcelos, prédio das Humanidades I, campus Samambaia. O documentário estadunidense *Paris is Burning* foi filmado na década de 1980, na cidade de Nova Iorque e foi dirigido por Jennie Livingston.

---

<sup>4</sup> O WhatsApp é um comunicador instantâneo que possibilita o envio de mensagens de texto, voz, imagens, vídeos e documentos, também é possível realizar e receber ligações. Foi criado no ano de 2009 e atualmente faz parte do Meta que também é dono do Instagram e do Facebook. Atualmente possui 2 bilhões de usuários ativos no mundo, sendo que apenas no Brasil, há 147 milhões que o usam regularmente.

Sua narrativa gira em torno da *ballroom*<sup>5</sup> na década de 1980 e 1990 e o surgimento das *Houses* [casas], majoritadamente compostas por pessoas negras e latinas de classes populares. Além disso, as Houses eram compostas, em sua maioria, por pessoas que se identificavam como lésbicas, gays, bissexuais e sobretudo transexuais e transgênero. Este documentário é centrado nas entrevistas com as/os integrantes das *balls* e na filmagem de como eram desenvolvidos os Bailes naquela época e região. Apesar do documentário ser alvo de críticas, nele podemos ter um contato aproximado e cativante de quais categorias eram disputadas nos Bailes da época em Nova York, tendo o privilégio de ouvir figuras importantes para o surgimento das *balls* e conseqüentemente as *Houses* (casas). Também é possível resgatar a origem e definição de elementos centrais para a constituição da Cultura de Baile/*Ballroom*.

Considerando que este documentário tem sido mobilizado como um marco internacional da visibilidade dessas manifestações culturais específicas, quero deixar aqui registrado os nomes do elenco entrevistado neste filme, que apesar de não terem o verdadeiro prestígio e reconhecimento na produção desta filmografia, foram e são as verdadeiras estrelas deste documentário: Brooke Xtravaganza, Carmen Xtravaganza, André Christian, Dorian Corey, Paris Dupree, David The Father Xtravaganza, Junior LaBeija, Pepper LaBeija, Willi Ninja, Sandy Ninja, Octavia St. Laurent, Venus Xtravaganza, Angie Xtravaganza, Danny

---

<sup>5</sup> No contexto de Goiânia as *ballrooms* têm sido chamadas de “Cultura de Baile”, termo que utilizarei mais intensamente ao longo de todo o trabalho.

Xtravaganza, Hector Xtravaganza, Kim Pendavis, Freddie Pendavis, Avis Pendavis, Sol Pendavis, entre outras pessoas.

Voltando para a narrativa sobre um dos primeiros eventos da Cultura de Baile na UFG no fim de 2022, também decidimos que iríamos distribuir pipoca com refrigerante para todos/as que estavam presentes. Acontece que, no dia do evento, quando eu estava esperando o documentário começar a ser exibido, vejo a Andreia passando de um lado para o outro, com o olhar preocupado e ofegante, pois estava sozinha estourando a pipoca e distribuindo para todos/as os/as convidados/as. Ao me deparar com essa cena decidi me prontificar em ajudá-la.

Assim que cheguei na copa da cozinha eu me apresentei à Andreia, pois havíamos nos encontrado somente uma vez e nunca tínhamos conversado pessoalmente, somente no grupo criado pelo Prof. Pedro Porto. Após esse momento de nos conhecermos, me disponibilizei em ajudá-la, ela por sua vez, me respondeu da seguinte forma: “Nossa, eu preciso muito de ajuda!” E abriu um sorriso, demonstrando que estava verdadeiramente sobrecarregada. Iniciamos as duas então o nosso trabalho, que era estourar as pipocas no microondas, colocar em sacos de papel, acomodar nas bandejas, e distribuir juntamente com os refrigerantes. Nesse período eu conversei com ela sobre assuntos banais, com a intenção de passar o tempo para que não ficasse um clima chato.

É importante relatar que a minha intenção de estar naquele lugar era meramente de ajudá-la e não de me aproximar para pesquisar sobre *ballroom*, pois o meu tema estava pré-definido e era uma temática voltada para o envelhecimento

de mulheres trans e travestis. Apesar da Andreia ser uma pessoa não-binária, na época do meu trabalho de campo e atualmente se identificar como uma travesti, ela é muito jovem e não possui esses atravessamentos que eu estava focada inicialmente em pesquisar.

Durante um período de conversas um tanto quanto genéricas, visto que, eu sempre fui péssima em puxar papo e ter essa desenvoltura de criar conexões com as pessoas, logo, fazer amizades sempre foi muito difícil para mim. Após um tempo, a Ariel chega na cozinha e pergunta se precisamos de ajuda. Percebi que ela estava um pouco introspectiva, pensei que era, talvez, por conta da minha presença, pois não nos conhecíamos direito, mas como eu tenho esse temperamento introvertido procurei ficar no meu canto e não forçar um diálogo.

Foi então que ela afirmou que precisava de um café para despertar, iniciando uma busca incansável por alguma garrafa naquela copa, com um restante da bebida. Sem sucesso, ela achou uma máquina dessas modernas que preparava café. Assim iniciou uma saga para preparar o café naquele aparelho e eu decidi tentar ajudá-la, porém também desconhecia o passo-a-passo para utilizá-la. A primeira etapa era ver qual dos fios precisava ligar na tomada, após alguns minutos achamos, ligamos e nada de café. Mexe daqui, mexe dali e ela lembrou que precisava de água, e onde estava o repositório de água? Depois de muito futricar e procurar incansavelmente, achamos o compartimento. Pronto, agora daria certo, a máquina começou a sair somente água quente. Seria a falta de pó?

Viramos a cafeteira e lá tinha um local com grãos de café, imaginávamos que ela iria moer e fazer o café.

Porém, nada disso acontecia, após um certo tempo de peleja e luta incansável, o medo falou mais alto. O receio de que poderia acontecer a quebra da máquina de café pelas alunas da UFG. - *Imagina se os professores chegam aqui na semana que vem e percebem que a máquina está estragada?* (risos). *Acho melhor desistirmos, antes que isso aconteça.* Ariel então disse: “- Eu não queria (café) mesmo”, com um tom de ironia. Após esse momento de descontração e um certo divertimento em prepararmos uma bebida tão fácil em um maquinário que não conhecíamos, decidimos entrar para o auditório que estava passando o filme. Essa interação toda acabou sendo uma oportunidade de nos aproximarmos e começarmos a nos conhecer melhor.

Quando chegamos no auditório, no entanto, cada uma foi se sentar em um local diferente. Percebi que já estava na parte final do filme, após uns cinco minutos a sessão acabou. O professor Dr. Luiz Mello, um dos coordenadores do grupo de estudos na época, explicou para todos/as que estavam presentes que aconteceria a segunda parte do evento, que era uma cena da Cultura de Baile/*Ballroom* dentro do campus da UFG, conforme havíamos idealizado. Assim, nos dirigimos ao local que ficava a poucos metros de onde estávamos, que ocorreu no pátio das Humanidades I, no campus Samambaia, da universidade.

Ao chegarmos no local, havia um grande pátio e de frente a ele avistei uma escada que dava acesso a uma espécie de plataforma. Também havia uma

rampa de acessibilidade que dava passagem a essa plataforma. Todos/as que queriam assistir às performances ficaram nesse espaço. O local era amplo, coberto, porém não havia paredes que fechassem o espaço, por isso foi disponibilizado pela universidade uma caixa de som e um microfone. Este foi meu primeiro contato com um evento da Cultura de Baile em Goiânia.

No pátio havia muitas pessoas que iriam se apresentar, ou “performar” como preferiam dizer. Havia uma média de vinte integrantes, entre eles/elas haviam sobretudo homens gays, pessoas não-binárias, homens e mulheres trans e travestis. Percebi inicialmente que a maioria dos presentes eram pessoas racializadas, particularmente negras, isso me despertou a atenção, fiquei me perguntando o motivo de ser assim. Como não conhecia a Cultura de Baile, guardei essa informação para pesquisar depois e aprender mais sobre a origem das *ballrooms* (bailes).

Figura 1: Evento da Cultura de Baile/*Ballroom* realizada no pátio Humanidades I, campus Samambaia UFG na noite do dia 12 de dezembro de 2022.



Fonte: fotografia registrada por Flávia Lima.

Para que todos/as vejam: Na foto há pessoas performando e ao redor delas/es estão as/os integrantes da Cultura de Baile/*Ballroom*. O público que assiste está sentado em uma escada e eu estou em pé de amarelo na rampa de acesso registrando o momento.

Decidi me juntar ao público, fiquei na rampa de acesso pelo fato de a escada estar lotada e sem espaço. Como eu tinha conversado com o meu orientador e contado que estávamos organizando um evento da Cultura de Baile na UFG, ele me orientou a registrar tudo, fazer anotações porque eu estava tendo contato com uma manifestação cultural muito relevante e que poderia vir a ser meu novo tema de investigação. Ele me disse que poderia ser, de fato, um potencial campo de pesquisa, mas me deixou à vontade para conhecer o evento, visto que eu já estava fazendo pesquisas iniciais sobre o envelhecimento, teoria do curso da vida e marcadores sociais da diferença em torno das mulheres trans e travestis.

Quando iniciaram as apresentações, eu peguei meu celular para registrar o momento. Porém, fiquei apreensiva. O sentimento que eu tive no momento era de que as pessoas estavam olhando para mim pelo fato de eu estar filmando as apresentações. Essa impressão de que estava fazendo algo de errado, que talvez eu não deveria filmar, que eu estava sendo inconveniente ou inadequada para o momento, sempre me acompanhou ao longo da minha pesquisa de campo. Como eu deveria agir naquele local? As pessoas estavam batendo palma, eu deveria também? Ficar com o celular filmando e bater palmas era impossível, por isso eu

filmava um pouco, depois guardava o celular e seguia o fluxo. Passava um tempo eu pegava o celular, filmava, guardava e batia palma, um ciclo sem fim... Eu estava me sentindo deslocada, não conhecia ninguém naquele lugar. Eu queria registrar o momento, porém eu não queria agir diferente das outras pessoas.

O local estava muito quente, não sei se todas as pessoas estavam sentindo a temperatura como eu sentia, por que já reparei que eu sempre sinto muito frio ou muito calor, como se o meu termostato estivesse “quebrado”. Com o tempo, eu descobri que essas sensações extremas de temperatura fazem parte da minha condição de pessoa no Espectro Autista, descoberta diagnóstica que obtive durante meu trabalho de campo, em grande parte devido aos intensos estímulos dos bailes que frequentei e que me causaram intensas crises. Porém, tais questões serão relatadas mais adiante.

Para piorar a situação, o microfone de quem estava narrando as apresentações (a chamada *chanter*), estava chiando e falhando muito. Eu tentava entender o que ela estava dizendo, mas eu não conseguia compreender. O pouco que eu entendi, era que as performances eram divididas por categorias e que havia algumas categorias que só poderiam ser disputadas por travestis, outras somente por pessoas racializadas e uma categoria específica (não consegui entender o nome dessa categoria) não poderia fazer movimentos de dança, somente caminhar, era algo que se assemelhava a um desfile de moda.

Logo, me restava prestar atenção pelo menos no que eu enxergava, já que a audição estava comprometida pela falha dos equipamentos. A toda hora era

anunciada uma nova categoria, as/os integrantes performavam e havia disputas entre elas/eles, como se fosse uma batalha de *hip hop*, mas na área da dança/performances. Os/as integrantes que não estavam “batalhando” (se apresentando) ficavam em volta, formando uma espécie de círculo. Quando ocorriam certos movimentos corporais, aqueles/as que estavam ao redor jogavam os braços para a frente e meio que estalavam os dedos (sem o som). Fiquei curiosa com esse movimento e fiquei me perguntando: Quando elas/eles sabem que está na hora de agir assim? Porque era sincronizado, como se fosse ensaiado, seguindo um ritmo específico.

Enquanto havia *performances*, a *Chanter* narrava como se fosse uma espécie de texto cantado e ritmado: - Eu disse um, eu disse, eu disse dois, eu disse, eu disse três e segura essa pose para mim! Nessa hora a pessoa que se apresentava parava em uma determinada pose. Além disso, as performances eram de altíssima complexidade, envolvendo movimentos corporais desafiadores, e fiquei me perguntando se elas/eles treinavam ou ensinavam uns/umas aos/às outros/as, devido os desempenhos das danças serem difíceis e extremamente técnicos.

Eu procurava estar muito atenta para observar tudo e tentar compreender as categorias e tudo o mais que envolvia as performances. Após algumas categorias serem disputadas e haver a explicação de como funciona a Cultura de Baile/*Ballroom* (embora eu não tenha compreendido muito as explicações, devido a falha nos equipamentos), o evento foi encerrado com um convite para que

aqueles/as que estavam presentes prestigiassem outros bailes que acontecem na cidade de Goiânia/GO.

Com isso, me aproximei novamente de Andreia e perguntei se poderíamos conversar no WhatsApp, porque eu tinha interesse de conhecer mais sobre a Cultura de Baile/*Ballroom*, visto que eu fiquei encantada com tudo aquilo que elas/eles performaram naquele espaço, por meio da dança e das técnicas corporais. Ela ficou muito contente com esse meu interesse e falou que iria me chamar para passar a agenda dos próximos bailes.

Passado um tempo, eu não tive o seu retorno, então resolvi chamá-la para saber da agenda dos próximos meses. Mal eu sabia que aquele contato iria mudar toda a trajetória da minha pesquisa, criaria um laço de amizade entre nós, que futuramente se tornaria a minha interlocutora mais próxima e principalmente, mudaria o curso da minha vida pessoal. Dado que, esse meu encontro com a Cultura de Baile/*Ballroom* me proporcionou também um contato com áreas da minha vida que me fizeram questionar alguns terrenos pessoais, alterando percepções particulares sobre a minha vivência e que me levariam a acessar o diagnóstico de pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível 1 de suporte.

\*\*\*

Iniciei a minha introdução com um trecho adaptado do meu diário de campo, com percepções particulares que realizei posteriormente nas minhas análises do campo no mês de Dezembro de 2022. Ao longo de todo o texto desta dissertação trarei esse procedimento, a fim de trazer mais proximidade para quem lê, de como foi realizar esta pesquisa, demonstrando a minha perspectiva de etnógrafa em campo.

A partir disso, eu me posiciono e problematizo minha posicionalidade como uma etnógrafa recém diagnosticada, como mencionei, com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível 1 de suporte. Trarei como foi esse processo de diagnóstico durante o meu trabalho de campo (e como o campo também contribuiu para os meus itinerários terapêuticos que me levaram ao diagnóstico), a minha trajetória investigativa e como o meu tema de pesquisa se desenvolveu em duas grandes temáticas que estão interrelacionadas: por um lado a análise etnográfica de eventos e participantes da Cultura de Baile em Goiânia, e por outro, elaborações teórico-metodológicas sobre a pesquisa de campo a partir de um olhar de socióloga neurodivergente.

Com base nisso, irei compartilhar e analisar a minha subjetividade em campo, o qual tenho desenvolvido, como dito, desde dezembro de 2022. O meu tema de estudo é a Cultura de Baile/*Ballroom* realizada na cidade de Goiânia/GO. Nesse contexto, eu analiso a performatividade dos/das integrantes na cena das *balls*, investigando sobretudo as “relações familiares” associadas às redes de

apoio social instituídas nesses âmbitos. Também realizo, de modo indissociável, o que chamo de uma *etnografia autista* sobre a saúde mental da etnógrafa em campo, trazendo minhas vulnerabilidades, ansiedades, medos no meu fazer etnográfico, crises provocadas ao longo das experiências da pesquisa de campo, demonstrando como é desenvolver uma pesquisa de campo vivendo com o Transtorno do Espectro Autista. Destaco, portanto, que uma das contribuições originais desta dissertação é justamente elaborar analiticamente questões relacionadas à neurodivergências de investigadores/as no contexto de pesquisas nas ciências sociais, tema ainda pouco desenvolvido na literatura socioantropológica brasileira.

O meu intuito com minha dissertação, portanto, é destacar e demonstrar um pouco desse meu fazer etnográfico com a minha descoberta em TEA, demonstrando como os marcadores sociais das diferenças em meu campo e em minha experiência subjetiva me potencializam para uma certa agência ao longo de meu campo. Minha ideia consiste em pensar sobre distintas formas de agenciamentos a partir da análise de interação de marcadores sociais das diferenças tanto no caso de minhas interlocutoras em campo, quanto no meu caso específico, a partir do diagnóstico recebido. Também desejo abordar como fui compreendida e amparada em campo pelas minhas interlocutoras e suas redes de apoio social em momentos de crise por mim vivenciados em campo, que demonstraram uma sensibilidade e solidariedade ímpar para com pessoas vivendo em (neuro)diversidade. Tais crises, como abordarei mais adiante, também

contribuíram para que eu viesse a ser diagnosticada. Isso, portanto, me leva a refletir que o campo não apenas me subjetivou, por exemplo, como etnógrafa e socióloga, mas também como pessoa no espectro autista.

Neste trabalho coloco um grande enfoque em debates contemporâneos sobre etnografia e experimentações, os quais muitas vezes são vistos no caso brasileiro como próprios da antropologia. No entanto, como socióloga em formação, estou ciente de que a etnografia - como processo teórico-metodológico que produz conhecimentos a partir de práticas e relações intersubjetivas e reflexivas, tem sido mobilizada na sociologia urbana já há muitas décadas, remontando pelo menos às investigações realizadas na Escola de Sociologia de Chicago, sob a liderança de W. Thomas e R. Park, (de 1915 a 1935), e posteriormente, (de 1945 a 1960), sob a influência de H. Blumer e E. Hughes (Gondim, 2016). Tal escola foi profundamente influente em estudos etnográficos urbanos tanto na sociologia quanto na antropologia contemporâneas.

Diante dessas considerações e problematizações cruciais para o desenvolvimento desta dissertação, quero localizar este texto com algumas pautas que eu tenho aprendido ao longo desses últimos meses. Durante o discorrer da minha trajetória no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na UFG e as minhas idas a campo, uma das questões que me acompanharam e que amarram as minhas duas grandes temáticas é o enfoque no acolhimento e no apoio social produzida em contextos de indivíduos e comunidades subalternizadas que estará presente em cada parte deste texto.

Ocorre que, da mesma forma que eu me senti acolhida na cena da Cultura de Baile/*Ballroom* de Goiânia e por minhas interlocutoras, também há uma questão que tem me acompanhado desde a minha descoberta do TEA, podendo ser resumida em uma palavra: ACESSIBILIDADE. Receber o diagnóstico “tardio”<sup>6</sup> do autismo, ampliou ainda mais a minha visão para a questão e as problemáticas amplas da acessibilidade em diversos contextos sociais. Elementos que pretendo desenvolver também em investigações futuras.

Antes do diagnóstico, sempre estive atenta para que o conhecimento que eu produzo fosse o mais acessível possível a todos/as e não somente à academia. Acontece que o TEA me trouxe uma outra perspectiva na temática da inclusão, me fazendo perceber que eu ainda não estava sendo inclusiva com todas as pessoas e que o debate sobre acessibilidades é uma espécie de compromisso de horizonte, complexo, mas necessário, pois sempre haverá alguém potencialmente “deixado de lado” ou não efetivamente incluído. Dessa forma, neste texto eu me esforço para que ele seja o mais acessível possível.

Sei que apesar do meu empenho acabarei errando, possuindo limitações e não contemplarei a todas as pessoas, por exemplo, com deficiências variadas, porque esta dissertação não é somente um compilado de vitórias e acertos, mas também de aprendizados em processo e de muitas incertezas que eu tenho construído ao longo deste período no Mestrado em Sociologia.

---

<sup>6</sup> Coloco essa palavra sempre entre aspas porque considero que nunca é tarde para ser diagnosticada, considerando todos os estereótipos do autismo que apontam a condição como somente relevante quando diagnosticada na infância da pessoa.

Por isso, este trabalho estará repleto de imagens, pelo fato de eu me expressar muito pelo visual. Acredito que muitas vezes as palavras não são suficientes para apresentar o que eu estou observando, questão própria da crítica contemporânea na etnografia que exige a incorporação no texto (e além dele) de outros elementos sensíveis para além do visual. Tendo isso em mente, para ser acessível às pessoas com deficiência visual, embaixo de cada imagem terá uma frase “Para que todos/as vejam”, o qual eu irei descrever a imagem, com o máximo de detalhes que eu conseguir apresentar.

Da mesma maneira, pensei também em tornar a versão final desta dissertação (a que será apresentada futuramente à biblioteca da UFG), a formatação deste texto seguirá um modelo diferente, pois estou pensando nas pessoas com baixa visão. Por essa razão, no conteúdo final desta dissertação utilizarei a fonte Times New Roman, tamanho 14 e espaçamento duplo entre as linhas, exceto as citações diretas e as legendas das imagens, nestas utilizarei fonte tamanho 12 e espaçamento entre linhas de 1,5. Nas notas de rodapé, fonte tamanho 12 e espaçamentos simples. Essas modificações foram aprovadas pelos membros da banca de defesa, por meu orientador e coorientador, pela Biblioteca Central da UFG e pelo Programa de Pós-Graduação de Sociologia da mesma universidade. Essa alteração na formatação foi realizada para que o texto fique mais legível e acessível<sup>7</sup>, portanto, essas formatações não seguirão as normas da

---

<sup>7</sup> Tenho a convicção de que esta dissertação será disponibilizada na versão online e que existem recursos tecnológicos para auxiliar a acessibilidade de pessoas com deficiência

ABNT, pois acredito que a acessibilidade neste momento é mais importante do que um compilado de regras.

Os capítulos que virão a seguir possuem os títulos inspirados em séries, músicas e filmes com temáticas voltadas à Cultura de Baile/*Ballroom*. Os títulos foram influenciados, por exemplo, pelo filme “*Paris is Burning*” de Jennie Livingston, produzido em 1980. Também me inspirei na série “*Pose*” que se popularizou através da plataforma de streaming HBO, sendo criada por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals, e exibida originalmente entre os anos de 2018-2021. O álbum musical de Beyoncé chamado “*Renaissance*” também me influenciou por possuir várias referências e elementos em suas músicas à cena de *Ballroom* internacional, mas com grande impacto na cena goianiense da Cultura de Baile. Por fim, a música e o videoclipe de Madonna (1990) “*Vogue*” serão reverenciados também em um dos títulos do meu capítulo de dissertação.

Nesta dissertação, portanto, o meu intuito é descrever e analisar um conjunto de experiências de campo que incluem as performances artísticas, diálogos, circuitos das pessoas e o conceito de *família* daquelas/es que frequentam a Cultura de Baile/*Ballroom*, em Goiânia, capital do Estado de Goiás. Para a escrita deste texto, irei me ater aos escritos de diário de campo no qual eu descrevo

---

visual, como o *zoom*, para a ampliação do texto e o leitor do texto em voz alta. Todavia, percebo que estes instrumentos de acessibilidade não garantem o acesso a todos/as e que o tamanho 14 da fonte não seja suficiente para auxiliar com exatidão algumas pessoas com deficiência visual. O meu compromisso é de disponibilizar esta dissertação ao máximo de leitoras/es, por isso, mesmo que a modificação na formatação deste texto contemple ou auxilie ao menos uma pessoa, creio que o propósito que me comprometi na escrita desta dissertação foi alcançado.

a perspectiva de uma pessoa autista em uma *ball* (baile). Relatando minhas impressões particulares por meio das minhas sensações, ansiedades, angústias e crises sensoriais ao longo do trabalho de campo. Entre outras questões, demonstro e problematizo nesta etnografia que a Cultura de Baile/*Ballroom* em Goiânia promove, através da potencialidade de múltiplos agenciamentos, um local de acolhimento, de apoio social coletivo e de visibilidade e respeito à pluralidade das diferenças não somente às diversidades sexuais e de gêneros, mas também às diversidades em termos de neurodivergências.

O diário de campo que mobilizo analiticamente ao longo de minha dissertação surgiu em minha trajetória a partir da minha experiência na investigação. Eu fui orientada pelo meu orientador Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning<sup>8</sup> a criar um diário de campo que incluísse o relato de todas as minhas sensações em campo. Nessa época eu ainda não tinha sido diagnosticada com TEA, mas já sofria dentro e fora do campo (e ao longo de toda a minha vida) com todas as características típicas e intensas dessa condição. Após cada trabalho de campo, nos reuníamos para que eu narrasse a minha experiência, a partir disso tive vários *feedbacks* de como redigir um diário de campo e explorá-lo da melhor maneira que pude.

---

<sup>8</sup> A minha imensa gratidão ao meu orientador que me auxiliou na escrita e revisão dessa dissertação, me dando todo o seu apoio nas minhas questões emocionais. Sou grata pelo seu auxílio em toda a minha trajetória do mestrado e por ter me concedido a oportunidade de integrar o grupo de estudos LEX que tem me contribuído para o meu crescimento acadêmico.

É importante relatar que o meu orientador me deixou à vontade para que eu escrevesse o meu diário de campo, apenas me instruiu, esclarecendo que a escrita não é somente daquilo que observamos, mas também das sensações, anseios, ansiedades, das mobilizações dos sentidos do corpo e de todos os processos que uma etnógrafa experiencia em campo. Esse apoio foi fundamental para que eu compreendesse o meu papel de etnógrafa, pois não possuía essa prática, devido a minha formação inicial na graduação ser na área do Direito.

Ao desenvolver essa habilidade, quando eu estava passando pelo processo de diagnóstico em TEA, produzi o diário de bordo, com todas as características autistas, minhas sensações e meus entrosamentos em campo. Esse diário, portanto, foi também um facilitador inesperado para o meu diagnóstico, pois eu pude organizar quais características eu possuía do Transtorno do Espectro Autista, a partir dos meus estudos sobre o tema. Da mesma forma, ele me auxiliou para a minha compreensão de como eu me sinto, interagindo, frequentando locais movucados (cheio de pessoas), com barulhos, luzes, superlotação, calor, toques corporais, enfim, repletos de estímulo sensoriais, como são os eventos realizados pela Cultura de Baile/*Ballroom* na cidade de Goiânia.

Logo, as minhas escritas de diário de bordo serão fundamentais para que quem ler este trabalho compreenda como uma etnógrafa autista dentro da *ballroom* percebe, vivencia e é afetada por inúmeras questões sensoriais. Destaco que só recentemente o tema das deficiências de investigadores/as nas ciências sociais têm sido mencionado, como por exemplo, Anahí Guedes de Mello (2019),

dentre outras/os autoras/es, considerando que questões, por exemplo, de saúde mental tendem a ser apagadas ou desaconselhadas de serem incluídas nas análises socioantropológicas contemporâneas. Portanto esta investigação vai na contramão desta presunção de irrelevância de analisar a subjetividade e as questões de saúde mental de investigadores/as. Nesse sentido eu analiso e demonstro a partir dessas sensações e experiências complexas experienciadas a compreensão de que a etnografia não se trata somente de uma mera descrição e análise de um relato, ela é a própria “teoria vivida” (Peirano, 2008). E, assim sendo, nesse sentido que - como processo teórico-metodológico intersubjetivo produzido em campo e além dele - chamo a investigação que realizei de uma “*etnografia autista*”, pois o que fui capaz de produzir subjetivamente neste trabalho indissociável do meu modo particular e neurodivergente de habitar o campo e tudo o que está além dele.

Pelo fato de eu conhecer a Cultura de Baile/*Ballroom* há pouco menos de dois anos, muito do que será apresentado e analisado nesta dissertação é fruto de conversas informais e reuniões com as minhas interlocutoras em contextos variados. Sei que as minhas experiências com as *balls* não se comparam com a vivência das/dos integrantes e nem possuem a pretensão de o ser. O meu papel aqui não é de relatar e esmiuçar todos os elementos constituintes da Cultura de Baile/*Ballroom*, até porque mesmo se eu tivesse anos de pesquisa, não seriam suficientes para nivelar ou esgotar o conhecimento da experimentação. O intuito não é esse, mas sim de desenvolver uma etnografia autista experimental, a partir

da minha vivência e das minhas experiências e posicionalidades nesses espaços, que também proporcionaram o início da minha trajetória, podendo ser quem eu realmente sou, em um caminho em direção a me destensionar das exigências do *masking*<sup>9</sup>.

Dessa forma, o problema de pesquisa desta dissertação se concentra em analisar alguns aspectos da Cultura de Baile/*Ballroom* em Goiânia, sobretudo no que diz respeito à formação de laços sociais a partir da ideia de família (sobretudo em suas decorrências associadas à constituição de redes de apoio social), a partir da perspectiva de uma etnógrafa autista. Irei demonstrar como as redes de conexões são importantes para estruturar o conceito de *família*, que são instituídas e associadas à ideia de “casas” (*houses*) dentro das *ballrooms*. Esse apoio mútuo que vislumbrei entre pessoas da Cultura de Baile e que também encontrei nesses espaços quando necessitei de apoio frente às crises que vivenciei, foi fundamental para que eu também me sentisse acolhida e amparada por minhas interlocutoras. O apoio que recebi foi crucial também para informar minha leitura da crucialidade

---

<sup>9</sup> Conforme o artigo “O fenótipo do autismo feminino e a camuflagem: uma revisão narrativa” (tradução livre minha) de Laura Hull, KV Petrides e William Mandy, publicado *Review Journal of Autism and Developmental Disorders* (2020): um aspecto do fenótipo feminino que, até recentemente, recebeu atenção relativamente limitada é o fenômeno do “masking” ou “camuflagem” entre mulheres autistas. A camuflagem refere-se ao uso de estratégias conscientes ou inconscientes, que podem ser aprendidas explicitamente ou desenvolvidas implicitamente, para minimizar ou ocultar a manifestação ou aparecimento de características autistas durante um ambiente social (Hull et al. 2017<sup>a</sup>; Lai et al, 2011). Os exemplos incluem imitar expressões faciais da pessoa com quem você está conversando (conscientemente ou não) ou forçar-se a fazer contato visual e parar de falar sobre um interesse [tradução livre minha do texto original do inglês]. Link: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40489-020-00197-9>. Data de acesso: 13 de setembro de 2023.

das redes de apoio social para comunidades subalternizadas e muitas vezes marginalizadas.

Vários momentos que relatarei nesta dissertação, são de períodos de muitas dúvidas e inseguranças existenciais que eu experienciei durante a minha trajetória acadêmica. Também de ocasiões que vivenciei crises sensoriais, bem como as angústias e ansiedades que as conjecturas e impoderáveis do campo me possibilitaram experimentar. Vejo o campo como um divisor de águas na minha vida, não meramente por conta do crescimento e desenvolvimento acadêmico, mas pela oportunidade que tive de receber o apoio intersubjetivo das minhas interlocutoras em meio a tantos acontecimentos que marcaram a minha trajetória e modificaram os meus itinerários pessoais.

Para a realização desta pesquisa, destaco que esse trabalho faz parte do projeto “guarda-chuva” do prof. Dr. Carlos Eduardo Henning, intitulado: "Por uma Antropologia do Curso da Vida: marcadores sociais das diferenças e transformações no curso da vida", o qual foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFG e vem sendo produzida desde o ano de 2014, com modificações aprovadas nos anos de 2018 e 2022.

Com a contextualização desta dissertação, trarei uma breve síntese da minha trajetória desde a minha graduação em Direito até a escolha deste tema de pesquisa, com inspiração em formato de breve memorial. A minha decisão de trazer essa espécie de mini-memorial veio de uma conversa que tive com a minha banca de qualificação. A partir desta ocasião, pude perceber que o percurso que

trilhei antes mesmo da aprovação no Mestrado em Sociologia da UFG, influenciou diretamente na escolha teórico-metodológica de algumas bases desta dissertação.

Para situar quem me lê quanto à escolha dessa temática, irei regressar à época da minha graduação, no ano de 2017, momento este que eu estava cursando o 4º período do curso de Direito na faculdade Uni-Goiás. Neste tempo, eu estava um pouco inquieta quanto ao meu futuro depois da graduação, pois, de todas as possibilidades de formação profissional específicas do Direito, eu não me vislumbrava atuando em nenhuma delas.

Nesse período tive contato com o Direito Penal e durante o estudo sobre as Medidas Protetivas da Lei 11.340/2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, surgiu uma dúvida que pairava os meus pensamentos; revelei a questão primeiramente às minhas amigas, já que sempre tive dificuldades de realizar perguntas aos professores, porém, como elas não sabiam me responder, resolvi trazer a dúvida ao professor que estava lecionando a matéria naquele dia. O meu questionamento era se a lei também se aplicava às mulheres trans, comunidade já extremamente vulnerabilizada pela transfobia e que, a meu ver, deveria ser incluída também na referida lei. Na época, o professor me respondeu que dependia da apreciação do Judiciário, mas que essa não era uma pauta pacificada, então alguns casos poderiam ser reconhecidos e outros não.

Apesar de ter a minha dúvida sanada, eu não me contentei com o retorno entregue pelo professor. Assim, decidi buscar mais sobre o assunto. Em minha

cabeça passavam milhares de perguntas: quais seriam os empecilhos para a lei ser aplicada para mulheres trans? Por que alguns casos são amparados e outros não? Como ficaria a proteção às mulheres trans que não têm o reconhecimento da Lei Maria da Penha? Existe preconceito do judiciário para não amparar essas mulheres? Logo, eu comecei a fazer pesquisas por conta própria, em uma busca incansável por respostas.

Ao longo do meu percurso na graduação em Direito, eu me inquietava a cada semestre por não me encontrar em uma área profissional. Porém, no 8º período eu precisei me cadastrar na matéria de Trabalho de Conclusão de Curso 1, sendo esta responsável em dar suporte aos estudantes para produzir o trabalho final da graduação. No cadastro da matéria já escolhemos o/a orientador/a, a minha preferência foi por uma professora muito querida, que se tornou uma grande amiga e foi responsável por lecionar a matéria de Direitos Humanos para a minha turma, a Professora Mestre Cassira Jubé<sup>10</sup>.

Na primeira aula de TCC 1, conversei com ela e revelei que o meu interesse era na temática da aplicação da Lei Maria da Penha para mulheres trans, conversamos por um período e tive um *feedback* positivo quanto a minha escolha temática. Ela revelou que o meu tema era inovador e socialmente relevante, o que me motivou bastante. Nesta conversa recebi alguns conselhos e indicações de autores/as para embasar o meu trabalho.

---

<sup>10</sup> Sou grata a professora Cassira Jubé que foi um dos pilares para que eu me encontrasse profissionalmente. Agradeço o apoio e incentivo nessa minha trajetória acadêmica.

Durante a elaboração do meu projeto fui me apaixonando pela escrita e pela pesquisa e com isso percebi que o meu futuro se encontrava na pesquisa e na docência. Finalmente eu tinha me encontrado profissionalmente, assim, finalizei o meu Trabalho de Conclusão de Curso e após essa etapa decidi me dedicar ao projeto de iniciação científica “Minorias e Representatividade”, orientado pela professora Cassira Jubé e supervisionado pelo Professor Dr. Renato Dering<sup>11</sup>. Com essa aproximação dos professores, eu, a professora Cassira Jubé e o professor Renato Dering formamos um trio, nos ajudávamos e nos reuníamos para a escrita de artigos e para apresentações em Congressos.

Dessa rede de cooperação surgiu um artigo que eu tenho muito orgulho de mencionar, por ele ter um valor inestimável para mim no começo de minha carreira acadêmica. A ideia inicial desse artigo originou-se de uma pesquisa que eu estava fazendo da origem do meu nome na internet. Foi então que eu conheci a Brenda Lee, conhecida como anjo da guarda das travestis, ativista e fundadora a primeira casa de apoio do Brasil responsável por abrigar e cuidar de pacientes vivendo com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), chamada de “Palácio das Princesas”, depois denominado de “Casa de Apoio Brenda Lee”, nas décadas de 1980 e 1990. Apesar de sua grande contribuição social, havia pouco material de apoio para a escrita de um artigo. Logo, teve início a minha saga para encontrar

---

<sup>11</sup> Quero agradecer ao professor Renato Dering que auxiliou na minha trajetória da graduação, com a realização de convites para que eu escrevesse e apresentasse em congressos. Sou muito grata ao apoio e incentivo em minha carreira.

a sua família, já que a sua casa de apoio havia sido fechada permanentemente há vários anos.

Após “futricar” na internet, encontrei o telefone de uma das primas de Brenda Lee, ela era uma das responsáveis por cuidar da casa de apoio na cidade de São Paulo antes dela ter sido fechada. Conversei com ela, me apresentei e demonstrei a minha admiração e necessidade por conhecer mais da história da Brenda Lee, comentei que estava elaborando um artigo e que precisava de materiais que contassem a sua história e início de sua jornada. Ela foi muito receptiva, confirmou que a Casa de Apoio estava fechada, mas que iria até lá para tirar foto de um livro que tinha tudo que eu precisava.

Dessa forma, aguardei o seu retorno; no outro dia, recebi a tão aguardada foto do livro, restava agora encontrá-lo. Após algumas buscas, encontrei o livro no acervo da Unicamp, sendo este, a tese de doutorado em Educação da Ana Maria Faccioli Camargo, intitulado: *História de vida: a AIDS e a sociedade contemporânea* (1991), nele havia um capítulo com uma entrevista de Brenda Lee, no qual ela contava a sua história de como surgiu esse interesse particular de cuidar das pessoas com HIV, abrigando-as em sua casa e se tornando mais tarde a *Casa de Apoio Brenda Lee*, a primeira casa de apoio do Brasil para pessoas com HIV.

Com esse capítulo de livro e com as demais pesquisas que realizei, escrevi o meu artigo, submeti a uma revista da Universidade Federal de Brasília - UnB, juntamente com os meus professores Renato Dering e Cassira Jubé, sendo então

aprovado na Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas, com o título: *“Brenda Lee: a luta e representatividade das mulheres trans no Brasil”*. Este artigo, foi um marco na minha trajetória profissional, pois com ele eu tive a confirmação que realmente queria ser pesquisadora e seguir a carreira de docência.

Durante a etapa de entrevista no processo de seleção para o mestrado no PPGS, foi perguntado qual professor eu preferia que me orientasse, eu respondi de imediato que a minha escolha era o professor Dr. Carlos Eduardo Henning, que é o meu atual orientador. Em nossa primeira reunião nós conversamos bastante, trouxemos nossas expectativas com a orientação e decidimos em conjunto mudar a temática da dissertação, que estava toda voltada para o direito. Resolvemos inicialmente então que eu pesquisaria sobre o envelhecimento de mulheres trans e travestis, que é um tema relevante. Posteriormente, fui apresentada também ao sociólogo Prof. Dr. Luis Antonio Bitante Fernandes e, em decisão conjunta, eu tive a honra de ser coorientada por ele durante o meu mestrado em Sociologia.

Durante a reescrita do meu projeto de pesquisa, participei do grupo de estudos do Ser-Tão, que conforme dito anteriormente, me proporcionou uma aproximação com as/os integrantes da cena da Cultura de Baile/*Ballroom*, se tornando posteriormente o tema da minha pesquisa. De maneira semelhante, eu sou participante e também integrante do LEX – Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças, desde a sua fundação em setembro de 2022. Tenho adquirido conhecimento através das orientações, das

reuniões frequentes de seu grupo de estudos, dos debates acadêmicos e das leituras de materiais. Sendo um local de construção de saberes, que têm contribuído efetivamente para a minha formação e a produção desta dissertação.

Com a minha entrada em campo, eu tive a certeza de que aquela era a temática que eu queria pesquisar durante o meu mestrado, devido a Cultura de Baile/*Ballroom* ser um lugar acolhedor, onde são disputadas através de competições as categorias de moda, beleza, performances, entre outras. Ao contrário do que se poderia pensar frente a uma competição, os eventos da Cultura de Baile são bastante acolhedores, além de ser um ambiente de empoderamento relacionado a gênero, sexualidade, raça, classe, tal contexto é um local de múltiplas resistências, além de potencialidades e agenciamentos.

Durante a minha trajetória no mestrado, mais precisamente no dia 15 de junho de 2023, eu fui diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 1 de suporte. Esse diagnóstico, contribuiu para que eu compreendesse as minhas características, que me trouxeram grandes dificuldades ao longo da vida e uma tentativa frustrada de me encaixar socialmente. Além disso, também me estimulou para que eu compartilhasse todos os meus desafios em campo, com o intuito de demonstrar as adversidades que encontramos ao realizar o trabalho de campo.

A partir desse breve relato da minha trajetória acadêmica, irei localizar o meu campo de estudos e de debates. Por conta da minha formação a nível de mestrado em Sociologia, juntamente com a minha ligação com os estudos

antropológicos, a minha dissertação possui influência tanto no campo de debates da Sociologia como da Antropologia. Isso se dá pelos itinerários que eu percorri dentro do curso de Mestrado na UFG.

Primeiramente porque desde a minha formação inicial em Direito, a minha pesquisa se dava no âmbito interdisciplinar, sempre me interessei por outras áreas. Desse modo, quando iniciei as minhas pesquisas, sempre perambulava nos campos de saberes da Sociologia, Antropologia, Filosofia e outras áreas afins.

Por esse motivo, decidi prestar o processo seletivo na área da Sociologia. Já de início fui apresentada para o campo da Antropologia Social, pelo fato de ser orientada por um antropólogo e estar inserida no LEX, um Laboratório sobretudo do mesmo campo. Também, por ser bolsista da CAPES, um dos requisitos do programa era a necessidade de realizar um estágio docente. Assim, eu me dediquei a dois estágios docentes, ambos na área da Antropologia, um com o professor Dr. Camilo Braz, em Antropologia 1 e o outro com o meu orientador Carlos Eduardo Henning, em Antropologia 4.

Por estar mergulhada em ambas as matérias, a escrita desta dissertação não poderia estar desvinculada da minha trajetória e meus campos de estudos. Para a formulação deste trabalho eu implementei uma espécie de tripé teórico-metodológico. A elaboração dessa trílice será discorrida no Primeiro e Segundo capítulo desta dissertação.

Tendo isso em mente, no primeiro capítulo abordarei o campo de estudos sobre a etnografia e a autoetnografia; este será o primeiro ponto analisado. Nesta etapa analisarei as abordagens teórico-metodológicas<sup>12</sup> utilizadas por cientistas sociais que são referências no campo de estudos para o decorrer deste trabalho. Dentre elas, utilizarei Fabiene Gama (2020) e Ana Clara Damásio (2022) que abordam e problematizam a etnografia contemporânea em seus trabalhos. Também explorarei os conceitos e análises de Anahí Guedes de Mello (2019), que aplica e teoriza o que chama de *autoetnografia ciborgue*, em referência aos trabalhos de Donna Haraway (2009). Além disso, Mello também faz uma alusão a deficiência auditiva da antropóloga, a qual relaciona o seu aparelho auditivo a definição de Donna Haraway (2009) de: “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (Haraway, 2009, p. 36).

Ao longo da escrita do meu texto de qualificação, eu estudei ambas as abordagens e me vi em um ponto de tensionamento que eu concordava e me via contemplada tanto pela etnografia, quanto pela autoetnografia. Esse

---

<sup>12</sup> Utilizarei o termo abordagem teórico-metodológica ao tratar da etnografia e autoetnografia, visto que para alguns autores/as se trata de um método, para outros se trata de uma abordagem muito mais ampla e complexa e até mesmo “a própria teoria vivida” (Peirano, 2008). Assim, utilizo as conceituações de Ana Clara Damásio (2022), quando afirma que a etnografia não é simples de conceituar, mas possui concepções complexas e multifacetadas, dispondo de inúmeras possibilidades de interpretações. Mariza Peirano (2008) corrobora ao afirmar que a etnografia, diferente do que se pode apregoar, não se trata apenas de um método ou ainda de uma prática de pesquisa. Para a autora, a etnografia é como a própria teoria vivida, uma vez que ela está intrinsecamente relacionada ao modo de fazer pesquisa. Logo, esta dissertação, tem-se uma proposta de etnografia autista, que, incorporando a minha temática, dialoga com as possibilidades do tema, uma vez que as experiências vividas em campo promovem diferentes percepções e análises.

tensionamento me levou a me dar conta de que o trabalho que eu realizo abrange e mobiliza as duas temáticas que estão interrelacionadas. Porém, ao mesmo tempo que eu não sou uma participante ativa da Cultura de Baile/*Ballroom*, eu também me coloco em cena com uma sensibilidade autoetnográfica por examinar a minha corporalidade e pontos de vista dentro desse espaço de pesquisa.

Por conta dessa incerteza de qual caminho minha pesquisa deveria trilhar (etnografia e/ou autoetnografia), na minha banca de qualificação, expus essa minha insegurança e dificuldade de me posicionar em uma única abordagem. A partir disso, o professor Camilo Braz me presenteou com uma contribuição crucial cuja solução estará evidente nesta dissertação e terá centralidade nos debates Sociológicos e Antropológicos sobre o autismo.

A resposta para os meus questionamentos se resume ao fato de que eu realizo, como dito, uma *etnografia autista*. Me inspiro em Anahí Guedes de Mello (2019), a qual produz uma “autoetnografia ciborgue”, uma paráfrase também relacionada ao seu aparelho auditivo, sendo este um dos dispositivos importantes na composição da sua subjetividade. O autismo poderia ser compreendido, segundo o campo biomédico, como uma espécie de condição específica do neurodesenvolvimento (DSM-5, 2014, p. 31-33). Tal condição, por sua vez, pode também ser concebida como crucial para que a etnografia que eu produzo seja, de certo modo, (neuro)divergente na relação à produção das demais etnografias que não tematizam centralmente tais questões.

Assim sendo, a discussão e análise da abordagem que realizei nesta dissertação, será o segundo ponto da minha base teórica-metodológica. Para a construção desse eixo de discussão, me apoiei nos debates socioantropológicos recentes sobre etnografias neurodivergentes e etnografias autistas. Logo, a concepção desta pesquisa de mestrado não é somente uma produção etnográfica de um trabalho de campo realizado na cidade de Goiânia. Como também é uma reivindicação do meu lugar, enquanto etnógrafa autista, dentro do campo da sociologia e da antropologia, procurando contribuir para ampliar as reflexões sobre o *ponto de vista do ator* (Ortner, 2011) no que diz respeito a cientistas sociais autistas e neurodivergentes.

O terceiro ponto abordado no segundo capítulo, será sobre os estudos socioantropológicos sobre gênero e sexualidade. A intenção aqui é de realizar um breve apanhado histórico do campo socioantropológico referentes aos estudos feministas, os ensinamentos de mulheres (anteriormente ao surgimento dos movimentos feministas), a abordagem da interseccionalidade e dos marcadores sociais das diferenças. Tais campos foram cruciais para problematizar questões relacionadas à subjetividade, política e crítica cultural, elementos que contribuem centralmente para as análises que desenvolvo aqui.

Ainda no segundo capítulo também trarei debates que serão cruciais para compreender os estudos sobre autismo, a minha relação com o campo e o meu processo de subjetivação como socióloga autista. Assim, analisarei e realizarei um diálogo com os estudos sobre deficiências, o interacionismo simbólico,

gênero e performatividade. Logo, alguns conceitos serão abordados e analisados neste capítulo, como a definição de *deficiência invisível*, *masking*, *neurodivergência*, *neurotípico*, termos utilizados nos estudos sobre autismo. Do mesmo modo, procurei analisar minhas indagações pessoais e as questões da intersubjetividade por meio do interacionismo simbólico da sociologia e antropologia urbanas. Também abordarei o que teorizo como *passabilidade-neurotípica*<sup>13</sup>, influenciada nos estudos da antropóloga Anahí Guedes de Mello (2019), por meio da sua concepção categórica do termo “passabilidade ouvinte”.

Por sua vez, no terceiro capítulo desta dissertação, descreverei e analisarei a cena da Cultura de Baile/*Ballroom*. A intenção deste capítulo é demonstrar quais as circulações que realizei nestes espaços, descrevendo as conexões e redes de apoio que observei ao frequentar os locais de convivência das/dos integrantes da *ballroom*, na cidade de Goiânia. Com o tempo, eu conquistei o afeto, a confiança e o apoio de alguns/mas dos/as participantes com as/os quais convivi mais proximamente ao longo do campo. Essa intimidade formada se deu de uma forma

---

<sup>13</sup> Proponho e trabalho aqui com a categoria de análise *passabilidade-neurotípica* pelo fato do Transtorno do Espectro Autista ser uma espécie de deficiência invisível e por diversas vezes nós, pessoas autistas, passamos por pessoas neurotípicas, ou seja, que possuem o desenvolvimento neurológico típico. Me inspirei no debate proposto por Anahí Guedes (2019) em sua tese de doutorado intitulada: “Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue”, a qual elaborou o conceito de *passabilidade ouvinte*. Porém, depois de ter proposto essa categoria de análise, pesquisei na internet para procurar se havia alguma produção de conhecimento semelhante. Não encontrei nenhuma referência no Scielo ou no Google acadêmico sobre essa categoria de análise. No entanto, encontrei dois posts, um no twitter e o outro no reddit com semelhantes conceitos, porém não possuem análises aprofundadas sobre a temática. Sendo eles: <https://twitter.com/TriboTDAH/status/1532729132731224066> e <https://www.reddit.com/r/autismobrasil/comments/130u77i/comment/jiqjpak/>. Data de acesso: 20 de setembro de 2023.

“natural”, porque o campo me proporcionou não somente um contato com uma manifestação cultural densa, complexa e multifacetada, mas também pude experimentar e ter acesso a questões íntimas minhas que eu só seria capaz de enfrentar com o apoio e a rede de cooperação das minhas interlocutoras. Dessa maneira, este capítulo focará sobretudo na definição e análise das redes de apoio social formado na Cultura de Baile/*Ballroom*, não somente com as/os integrantes desta cena, como também com todos/as aqueles/as que possuem uma corporalidade entrelaçada por determinados marcadores sociais da diferença.

É importante ressaltar que para a escrita desta dissertação eu conto com o suporte não somente quando estou realizando o campo, mas também em meu núcleo familiar. Na escrita deste texto, Caio César Gonzaga Januário, meu companheiro, foi também fundamental para o aperfeiçoamento deste trabalho. Este apoio acontece da seguinte forma: antes de enviar o capítulo escrito para a correção do meu orientador, eu o apresento para o Caio, que me auxilia com a leitura do material. O intuito é de validar se o texto está claro e acessível a todas as pessoas, mesmo que elas não estejam inseridas no contexto acadêmico e/ou na área que eu pesquiso. Com isso tenho mais tranquilidade para apresentar este trabalho ao meu orientador.

Essa sensação advém da minha apreensão e receio de me equivocar com as interpretações dos textos que eu realizei a leitura, em me enganar com os termos e acabar sendo desrespeitosa, de algum modo, com pessoas com deficiências na elaboração de minhas análises. Ontem mesmo, me peguei pensando sobre o

quanto sinto falta de uma amizade neurodivergente, de uma pessoa que possui mais vivência e que foi diagnosticada a mais tempo do que eu, para navegar nos desafios do trabalho investigativo como pessoa autista. Assim eu poderia tirar algumas dúvidas e compartilhar as minhas inseguranças na escrita desta dissertação e aprender também a partir de relações intergeracionais com pessoas autistas mais experientes. Por isso, já me adianto que sou inexperiente nesta temática, por conta do meu diagnóstico ser muito recente, mas convido quem lê este texto a descobrir junto comigo esse meu lugar de uma pessoa autista em relação a muitas outras pessoas que foram minhas interlocutoras no contexto da pesquisa de campo na cena da Cultura de Baile/*Ballroom* na cidade de Goiânia.

Neste momento final da Introdução, reservei um tempo para o momento que eu estivesse com mais inspiração para terminá-la. Porém, algo aconteceu que, de certa forma, “atrapalharam” os meus planos, eu entrei em *shutdown*. No segundo capítulo eu explicarei melhor essas terminologias que pessoas autistas utilizam - a partir de conhecimentos biomédicos - para denominar determinadas crises pelas quais passamos. Basicamente, posso explicá-la como uma enorme crise de cansaço, o meu corpo desliga ou entra em um estado letárgico, que é como eu estou me sentindo no momento em que escrevo estas linhas. Tenho grandes dificuldades de conversar e de realizar tarefas simples do dia a dia.

Acontece que, neste período que estou escrevendo esta dissertação, o meu aniversário se aproxima, dia 02 de janeiro. O meu companheiro Caio, resolveu me presentear, antecipadamente, com um dispositivo inteligente para me auxiliar

nas tarefas e lembretes que por vezes eu esqueço de anotá-los. Era um presente que eu estava esperando há muito tempo, então a minha reação foi ficar muito empolgada, como uma criança quando ganha um brinquedo, que quer mexer, brincar e mostrá-lo para todas as pessoas.

Entretanto, o dispositivo veio desconfigurado e era minha função configurá-lo. Como todo equipamento eletrônico pode apresentar falhas, este não foi diferente. Tentei de todo modo corrigir os erros que apresentava, mas sem sucesso. Ele era ativado por comandos de voz, por isso eu precisava ficar me comunicando com ele para ajustá-lo. Após passar horas naquela situação eu não percebi que meu corpo começou a me enviar sinais de sobrecarga. Como o meu diagnóstico é recente, ainda estou aprendendo quais os indícios de sobrecarga, como são as minhas crises, como proceder perante elas, tudo ainda é muito novo para mim. Antes eu só experimentava essas sensações sem saber o que elas significavam e como eu deveria agir perante elas.

Pelo fato de eu não me atentar aos sinais, que poderiam evitar que eu entrasse em uma crise, eu tive um *shutdown*. A inspiração para terminar esta etapa da dissertação foi embora e a vontade de finalizá-la ainda mais. Após eu escrever sobre essa minha crise, eu fiquei muito reflexiva se eu deveria colocá-la na minha dissertação, o medo de ser julgada falou mais alto e fiquei relutante se esta era uma crise “legitimamente autista”. O que é “legitimamente” autista ou não, certamente está aberto a inúmeras discussões e problematizações, mas decidi acrescentar essas passagens, pois seria impossível caracterizar este trabalho como

uma “etnografia autista”, sem marcar este texto com as experiências mais desafiadoras que enfrentei ao longo de meu mestrado justamente como uma pessoa autista recentemente diagnosticada. Afinal, o conjunto dessas características produz um certo olhar específico - uma certa posicionalidade, como diria Lila Abu-Lughod (2018) - que tornam possíveis e viáveis as minhas análises, diálogos, narrativas e experiências ao longo de meu mestrado.

Ocorre que, momentos de crise também são alvos de julgamentos e condenações, existe quase que uma espécie de sentenciadores sociais, que estão a todo momento prontos para validar se aquele seu momento de vulnerabilidade se caracteriza em uma crise “verdadeira” ou não. Muitos que compõem essa cúpula de julgamento, poderiam me questionar, por exemplo, se eu não sou mimada por ter uma crise, após receber um presente. Além do sofrimento propriamente pela crise enfrentada, ainda acabo me pegando em sofrimento por questionar a própria legitimidade da crise, o que amplifica a angústia, muitas vezes.

Acontece que, eu estou produzindo uma *etnografia autista* e o que caracteriza uma boa etnografia? Digo mais, como devo conceber e produzir uma etnografia autista? Devo selecionar os meus desafios de fazer pesquisa de campo e excluir outros? Em razão disso, não vou deixar de escrever sobre os meus momentos de crise, para agradar aqueles/as que poderão me julgar de qualquer maneira. Tais questionamentos me fazem constatar que - devido a certo ineditismo deste trabalho em trazer à baila análises e reflexões sobre a produção etnográfica como uma socióloga autista - meu trabalho exige uma dose de

experimentação etnográfica que abre espaço para elaborações contextuais sobre relações, processos de subjetivação e identidades “sob rasura”, como diria Stuart Hall (2000).

Por isso, nos capítulos a seguir, se faz presente “de tudo, um pouco”: além de análises etnográficas e dos laços de afeto e amizade produzidos em campo com as pessoas que se tornaram minhas interlocutoras, também momentos de intensas ansiedades, angústias, crises existenciais e sensoriais, dúvidas e medos em meio à experiência de campo. Não irei esconder ou apagar os períodos de dificuldades que eu experimentei como uma pessoa autista. Destaco que nas etnografias clássicas questões relacionadas à saúde mental de sociólogos/as e antropólogos/as praticamente nunca chegavam aos textos finais das monografias, o que nos faz pensar que tais elementos deveriam ser retirados, apagados ou ignorados e que sua problematização não seria bem vinda nas Ciências Sociais. Esta dissertação, portanto, vai na contramão dessa tendência, pois ousa destacar tais elementos como cruciais para a produção desta etnografia a partir de certas posicionalidade específicas em campo. Porém, apesar de todos os desafios, crises e profundas dificuldades enfrentadas por mim ao longo de meu campo, eu tive o apoio necessário para fazer a pesquisa de campo e poder escrever este texto que se inicia.

## **Capítulo I - Autismo *is Burning*: uma *etnografia autista* na cena da Cultura de Baile, na cidade de Goiânia/GO**

Neste capítulo, para trabalhar as minhas duas temáticas interrelacionadas, a cena da Cultura de Baile e minha experiência em campo como pessoa autista, dialogarei com alguns trabalhos que têm me inspirado e contribuído com minhas reflexões e análises de campo. Começo com o trabalho da antropóloga francesa Nastassja Martin em sua obra autoetnográfica “Escute as Feras” (2021). Essa indicação veio do GT (Grupo de Trabalho) no qual eu participei na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) no ano de 2023, intitulado: *Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas*, coordenado pelo Prof. Dr. Glauco Ferreira (UFG) e pela Profa. Dra. Vi Grunvald (UFRGS). Além disso, o grupo de estudos LEX – Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças, do qual eu faço parte, também discutiu tal livro no mês de agosto de 2023, que me trouxe um aprendizado sobre esta obra, contribuindo significativamente para a análise e escrita desta dissertação.

A fim de compartilhar as análises preliminares da minha pesquisa de campo, eu submeti um *paper* com as questões teórico-metodológicas da minha dissertação de mestrado. Com isso recebi um conselho da socióloga e antropóloga professora Dra. Tatiana Braga Bacal, pesquisadora do Departamento de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trata-

se da separação que eu estava fazendo nas minhas duas grandes temáticas, nas quais eu me debruço. A sugestão dela era que eu olhasse para essa obra e que me inspirasse em seus procedimentos. A obra de Nastassja Martin (2021) conta a narrativa da própria antropóloga, que foi atacada por um urso, nos envolvendo com a sua história, trazendo suas angústias, ansiedades e emoções ao mesmo tempo que realiza uma descrição que considero “autoetnográfica” das suas memórias.

Desse modo eu acatei a sugestão da socióloga/antropóloga e comecei a escrever sobre as minhas duas temáticas de modo indissociável. Todavia, pelo fato de a cena da Cultura de Baile ser a minha análise de narrativa e eu trazer minhas sensações de pessoa autista em campo, o meu texto de qualificação, inicialmente, se tratava de um trabalho etnográfico com diálogos autoetnográficos. Eu ainda não estava confortável com essa posição, mas foi a direção e configuração que o meu trabalho tomou para apresentá-lo na qualificação.

O meu trabalho se configura na apresentação e problematização das minhas características e vulnerabilidades, trazendo minhas angústias, medos, incertezas e todos os sentimentos que o campo me permite sentir. Por isso, eu não poderia tomar uma outra posição na minha qualificação. Assim, levei para a banca esse meu desconforto de qual abordagem eu deveria utilizar, seria “etnografia”, “autoetnografia” ou as duas juntas?

Conforme dito anteriormente, o professor Dr. Camilo Braz contribuiu com uma outra possibilidade para o meu trabalho. Me mostrando que, na verdade, a minha pesquisa é particular e representativa da minha experimentação em campo. Logo, eu realizo uma etnografia autista, porque o que proponho aqui é trazer a minha análise do campo, o meu ponto de vista propiciando certas análises e diálogos em campo, e demonstrando todos os desafios que enfrentei a partir de minhas especificidades de realizar etnografia sendo uma pessoa autista.

Para embasar esse conceito, eu me aprofundei em autoras que utilizam a etnografia e outras que reivindicam a autoetnografia como método. Sendo elas, Ana Clara Damásio (2022), Fabiene Gama (2020) e Anahí Guedes de Mello (2019). A partir de agora irei me focar em uma revisão de questões teórico-metodológicas trazidas pelas autoras. Pelo fato dos debates da autoetnografia e etnografia não terem um consenso, trarei a formulação e compreensão de cada uma delas, finalizando com a minha percepção particular e definição da *etnografia autista*.

Dadas essas apresentações, iniciarei a minha análise com a antropóloga Ana Clara Damásio (2022), que ao realizar a sua pesquisa de campo com suas, como ela nomeia, “parentes-interlocutoras”, em Canto do Buriti-PI, ao tentar publicar seus materiais de pesquisa, sempre era questionada e até mesmo invalidada na sua produção de conhecimento, pois de acordo com os/as pareceristas que corrigiam seus trabalhos ela estaria produzindo uma “autoetnografia” e não “etnografia” como ela apresentava em suas publicações.

Ao longo da sua trajetória de formação, a antropóloga teve contato com os dois processos teórico-metodológicos, porém para ela a autoetnografia pode ser vista como tal quando o/a pesquisador/a tem a pretensão explícita de utilizá-la como ferramenta analítica ou método de pesquisa (Damásio, 2022). Entretanto, não era esse o seu caso. Nesse caso, a antropóloga não sentia que sua pesquisa era contemplada pela autoetnografia e para corroborar o seu posicionamento ela utilizou diversos autores em seu artigo “Isso não é uma autoetnografia” (2022), como a antropóloga Mariza Peirano (2008), José Jorge de Carvalho *et al.* (2020), Bronislaw Malinowski (1978), Gilberto Velho (1998), dentre outros. Ao longo do seu artigo, percebe-se que ele é também um resultado de sua indignação, por sempre ser colocada em uma posição que ela não pretendia ocupar.

Dessa forma, os/as pareceristas rotularam o seu trabalho e tentaram colocar a sua produção de conhecimento, de certo modo, como subserviente aos seus comentários. Como se a antropóloga não tivesse escolhas nas suas tomadas de decisões. Com uma tentativa de “emancipação acadêmica”, ela produziu esse artigo, para respaldar a sua posicionalidade e demonstrar os motivos por trás dela produzir etnografia e não autoetnografia.

Para a Ana Clara Damásio (2022) todo texto escrito possui certa posicionalidade, no sentido de elaborações conjunturais e contextuais baseadas em complexidades identitárias relacionadas, entre outras questões, aos marcadores sociais das diferenças de pesquisador/a e interlocutores/as em campo. Logo, as produções de conhecimentos poderiam ser vistas como verdades

posicionadas, contextual e conjunturalmente produzidas a partir de relações intersubjetivas em campo.

Ao escrever sobre suas parentes-interlocutoras, a antropóloga percebe que o *fazer-família* e o *fazer-etnografia* são dois processos que podem caminhar lado a lado. Por isso, ela questiona a recomendação dos antropólogos quanto ao distanciamento do pesquisador com a sua pesquisa nas produções acadêmicas, sendo que a etnografia clássica de Malinowski (1978) prevê o estabelecimento de uma observação-participante condicionada a certas expectativas de aproximações e distanciamentos, como o *Nós x Outros*, *West x Rest*, *Aqui x Estar Lá*, etc. Logo, por ter uma proximidade intensa da antropóloga com suas parentes-interlocutoras, as/os parecerias mencionados pela autora sempre sugeriam que a antropóloga faria inescapavelmente uma “autoetnografia”. Tal dicotomia “etnografia” versus “autoetnografia” também parecia produzir uma visão de que o/a etnógrafo/a, por exemplo, que poderiam ser lidos como “nativos/as”, invariável e automaticamente estariam relegados ao campo da “autoetnografia”, o que também construiria uma hierarquização de legitimidade, estando a “etnografia” em posição superior. Como a própria Damásio (2022) ressalta, no entanto, ela não faz uma “autoetnografia”, mas uma espécie de etnografia das aproximações.

Para ela não é possível realizar a divisão do sujeito pesquisado e o pesquisador, o Eu e o Outro (Damásio, 2022), tão presente nas etnografias clássicas. Ademais, é necessário olhar para além das entrelinhas dos comentários desses pareceristas. Damásio pondera ser uma mulher negra de pele clara, como

ela mesma se posiciona ao pesquisar sobre suas parentes piauienses, trazendo análises relacionadas ao curso da vida, as suas trajetórias e histórias de vida. Logo, a autora era rotulada e associada às suas parentes-interlocutoras. Para os pareceristas ela estava muito próxima de sua pesquisa, por isso para eles/as, Damásio fazia autoetnografia, por mais que a antropóloga não se colocasse nesse lugar e estivesse mobilizando mecanismos próximos aos das etnografias clássicas, mas em outra chave. Assim me sinto influenciada pelo modo que Damásio (2022) problematiza os tensionamentos sobre a produção do saber da etnografia e da autoetnografia. Logo, eu me encontro em meio a uma reflexão de como ocorrem as minhas próprias relações intersubjetivas em campo.

Por fim, a minha intenção aqui foi trazer a posicionalidade da antropóloga ao situar a sua produção de conhecimento como etnografia, pelo fato de eu ter demasiado apreço e admiração por seu trabalho. Em uma posição crítica sobre a produção de alteridades no próprio seio profissional do trabalho etnográfico - baseadas em ideias problemáticas como as de “etnógrafo/a de verdade” versus “etnógrafo/a nativo” -, Damásio (2022, p. 09) pondera: “Quem determina o que é autoetnografia ou etnografia, é o antropólogo-etnógrafo-pesquisador e não o contrário”.

Por sua vez, e em uma perspectiva distinta da que acabo de apresentar, a antropóloga Fabiene Gama (2020) em sua produção acadêmica reivindica o método autoetnográfico, principalmente no seu artigo “A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla”. A autora

problematiza os seus itinerários terapêuticos em busca de diagnóstico para seus sofrimentos, realiza uma análise instigante sobre as suas próprias experimentações em campo como antropóloga vivendo com a esclerose múltipla, ao mesmo tempo que produzia conhecimento corporalmente situado. Trazendo o campo de forma corpórea e física sobre os relatos e lugares que ela vivenciou na sua experiência com a esclerose múltipla.

Para tal antropóloga, a autoetnografia se difere da etnografia ao trazer a produção de conhecimento de forma intensamente subjetiva e experimental (Gama, 2020). Logo, a autoetnografia se distanciaria da posição de relativa neutralidade e racionalização propostas pelo conhecimento científico desde a época do Iluminismo. Para aqueles/as que possuem esse posicionamento, é necessário que haja uma problematização analítica da aproximação do/a pesquisador/a com o contexto de sua pesquisa. Dessa forma, a autoetnografia viria com o intuito de gerar uma potencialidade na elaboração de conhecimento, mesclando o sujeito com o tema da pesquisa analisada, de certa forma e em certos aspectos, o “Eu” se torna o próprio “Outro”. E, trazendo a sua própria experiência a fim de reivindicar a produção parcial e experimental negada pela comunidade científica, elaborando um conhecimento a partir do exame de posicionalidades, subjetividades e elaborações de vivências na produção de conhecimento válido nas ciências sociais.

O que difere o posicionamento das duas antropólogas, entre outras questões, parece ser a reivindicação da legitimidade do conhecimento que se

produz em distintos processos etnográficos. Para Damásio (2021), deve existir a pretensão de utilizar a autoetnografia como processo teórico-metodológico de pesquisa, por isso a intencionalidade é fundamental para pensar na produção de conhecimento dos/as antropólogos/as. Como pontua a antropóloga, ela jamais teve uma questão-problema com a autoetnografia. Além disso ela também destaca criticamente que haveria uma hierarquização atual entre os dois campos e que um seria mais legítimo (etnografia) do que o outro (autoetnografia) e que tal divisão traria consigo também outras oposições carregadas semântica e politicamente como *Sujeito da Razão* (supostamente neutro, mas localizado na figura abstrata do homem branco do Norte Global) versus *Objetos de Conhecimento/Outros* (que têm ousado analisarem a si próprios ou aos seus semelhantes).

Caso necessitasse ou desejasse desenvolver uma autoetnografia e isso fizesse sentido para ela, recorreria a isso, o que não era o caso naquele momento. Recorrendo, portanto, aos métodos e técnicas etnográficos enquanto teoria vivida de Mariza Peirano (2008), enquanto descrição densa de Geertz (2008) ou ainda a *etnografia de proximidade*, conceito esse proposto pela própria antropóloga. Ademais, Ana Clara Damásio cita algumas autoetnografias, como da Fabiene Gama (2020) e a Iêda Figueiró (2021) para demonstrar que seu trabalho se difere das duas, pelo fato delas trazerem suas experiências em campo e suas trajetórias. Porém, o percurso de vida que são analisados no trabalho de Damásio é o de suas parentes-interlocutoras.

Outro ponto que merece destaque na diferenciação do trabalho de Damásio (2021) e Gama (2020) é quanto à crítica da produção de conhecimento da comunidade acadêmica. Para as duas autoras, o apagamento do sujeito enquanto participante da sua pesquisa é problemático e esse pensamento precisa ser modificado. Entretanto, para Damásio (2021) esse discurso formal da necessidade de um afastamento do sujeito com o seu contexto, sua pesquisa e interlocutores/as, seria visto até certo ponto, visto como próprio do modelo clássico de Malinowski (1978). Por isso, a escrita que foge do padrão acadêmico que espera uma certa distância para com os sujeitos e contextos da sua pesquisa, não significa que se esteja produzindo automaticamente uma produção “autoetnográfica”, quando não há a intencionalidade de fazer autoetnografia.

Já Fabiene Gama (2020) reivindica o método autoetnográfico como um lugar de subversão, contestando certas produções acadêmicas tradicionais. Como a antropóloga pontua, o conceito da autoetnografia ainda não é pacificado - se é que um dia o será -, para algumas autoras se trata de um método, outras de um conceito e até mesmo de um gênero de literatura. Por sua vez, Anahí Guedes de Mello (2019) utiliza a abordagem autoetnográfica, porém, ela se diferencia das outras duas antropólogas, a Ana Clara Damásio (2021) e a Fabiene Gama (2020). Isso se dá, pois ela pondera não utilizar somente o método antropológico de forma pura e simples, como também realiza uma *autoetnografia do particular*, de modo próximo a ideia de *etnografias do particular* de Abu-Lughod (2018). Assim, ela utiliza a autoetnografia a partir das suas experiências como uma antropóloga

surda<sup>14</sup>, trazendo a singularidade das suas experimentações em campo e nos textos etnográficos.

Para demonstrar as particularidades da sua pesquisa de campo, a antropóloga realiza um paralelo com diversos autores/as considerados “clássicos/as” na Antropologia Social. Dentre eles, está o trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira (2006) “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever”. O ensinamento do antropólogo, diz respeito ao trabalho do/a pesquisador/a em campo, o qual deve estar atento/a aos sentidos do seu corpo. Assim, é necessário relatar, descrever e analisar tudo que está em sua volta e as situações que afetam as suas percepções sensoriais. Este trabalho é de suma importância para as ciências sociais e trouxe inovações para a forma que se realiza o trabalho de campo. Porém, devemos ter a criticidade de apontar algumas problemáticas que podem ser percebidas ao aplicá-lo em situações específicas e individuais da pesquisadora que é impactada por marcadores sociais das diferenças, em particular corporalidade / deficiências.

Assim sendo, Mello (2019) pontua a sua surpresa ao ter contato com essa obra, levantando debates para a sala de aula na época. Como seria realizada a pesquisa de campo, quando a sua audição é afetada? Logo, o seu trabalho poderia

---

<sup>14</sup> A terminologia utilizada nesta dissertação é a mesma empregada pela antropóloga em sua tese “Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue”: “A metodologia de caráter etnográfico é o objeto de reflexão da presente tese, que tem como objetivo discutir a influência da surdez no fazer antropológico, tomando como foco da análise a minha experiência como antropóloga surda, a partir de uma perspectiva autoetnográfica”. (Mello, 2019, p. 21).

ser prejudicado porque o seu “ouvir” e a sua percepção é distinta dos outros antropólogos/as? A partir disso, a antropóloga demonstra que a diferenciação da sua corporeidade impacta na produção do conhecimento em campo. Porém, ao contrário do que se possa imaginar, esse impacto não é negativo, mas produz características e potencialidades próprias por meio da sua experiência em campo, produzindo uma etnografia idiossincrática.

Dessa forma, o trabalho de Mello (2019) é produto complexo das suas vivências como antropóloga surda em campo. Como a antropóloga demonstra em sua tese, no entanto, - e para evitar análises essencializadas - a sua experiência enquanto pessoa surda não é e nunca será a mesma de outra pessoa com deficiência auditiva. Então, por mais que haja outros trabalhos etnográficos de pessoas surdas, sempre haverá percepções e particularidades da trajetória daquele pesquisador/a que não concebem uma homogeneização das experiências de pessoas com características semelhantes. Esse alerta de Mello também contribui para que minha pesquisa não parta do pressuposto de uma homogeneidade nas experiências entre pessoas dentro do espectro autista, apostando na complexidade das subjetividades atravessadas por marcadores sociais das diferenças como gênero, raça, classe, sexualidade, idade/geração, entre outros. De acordo com a autora:

No Brasil há pessoas surdas cuja primeira língua é a língua brasileira de sinais (Libras), assim como há aquelas que se identificam com o português como primeira língua, como é o meu caso. Essa questão é

importante porque implica o reconhecimento da diversidade na surdez, com necessidades e preferências distintas quanto ao modo de comunicação, o nível de linguagem e as perspectivas sobre a surdez: há os “surdos sinalizados/sinalizantes”, os “surdos oralizados”, os “surdos implantados”, os “surdos bilíngues”, os “deficientes auditivos”, os “ensurdecidos” etc. (Mello, 2019, p. 71-72)

A partir dessas pontuações, a antropóloga realiza uma correlação com o trabalho de Donna Haraway (2009), por meio da terminologia “ciborgue” utilizada pela bióloga/filósofa. Em “Manifesto Ciborgue - ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX” (1985), Haraway faz alusão a obra de Karl Marx e Friedrich Engels “Manifesto Comunista” de 1848. A ideia do seu ensaio é de produzir posicionamentos políticos acerca de temáticas relacionadas ao feminismo, socialismo e materialismo. Por intermédio de diálogos com movimentos feministas estadunidenses, ela escreve esse texto como reflexão da influência da tecnologia e ciências nas relações sociais no final do século XX. Para a autora o ciborgue é um organismo de ficção, “um híbrido de máquina e organismo”, assim ele se confunde com uma máquina e um humano, por ser uma mistura dos dois.

Com isso, Mello (2019) faz alusões com a sua corporeidade, por possuir uma hibridez com o seu corpo surdo, através de seu implante coclear, a autora considera que este dispositivo conectado ao seu organismo a configuraria também como um ciborgue, em um diálogo interessante com Haraway. Por isso, sua pesquisa de campo é considerada pela antropóloga uma “autoetnografia ciborgue”

por conta da sua “materialidade aleijada”, expressão da teoria *crip*<sup>15</sup>, a qual torna o seu corpo, por meio do dispositivo, uma espécie de “não humano”. O implante coclear da antropóloga é utilizado para intensificar a sua experiência ouvinte, auxiliando na sua capacidade auditiva e cognitiva, pois com ele a autora possui mais compreensão das palavras ditas, contribuindo para a interpretação e absorção do conhecimento falado.

Logo, a autoetnografia da antropóloga se conecta à sua relação com o implante coclear, trazendo uma abordagem particular do seu corpo surdo-implantado com características particulares que fazem com que o seu vínculo com o campo seja restrito à sua trajetória “aleijada”. Da mesma maneira que a trajetória de Mello como mulher surda é restrita à sua experiência pessoal, a minha vivência como pessoa autista é distinta de outras pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Isso ocorre pelo fato de eu ser atravessada por marcadores sociais das diferenças específicos, de características específicas do meu campo e das minhas experimentações etnográficas particulares resultadas dessa conjuntura.

---

<sup>15</sup> De acordo com a antropóloga, o termo *crip* é uma abreviação de *cripple*, podendo ser traduzido como “aleijado” para o português-brasileiro. No livro “A força da ‘situação’ de campo: ensaios sobre antropologia e teoria queer”, organizado por Miriam Pillar Grossi e Felipe Bruno Martins Fernandes (2018), o capítulo escrito por Anahí Guedes de Mello “Dos pontos de vista antropológico, queer e *crip*: corpo, gênero e sexualidade na experiência da deficiência”, ela define as distinções entre as teorias *queer* e *crip*: Enquanto o principal axioma da teoria *queer* postula que a sociedade contemporânea é regida pela heteronormatividade, na teoria *crip* sua máxima se sustenta pelo postulado da corponormatividade de nossa estrutura social pouco sensível à diversidade corporal. A tradução de aleijado para o termo *crip* no português é reveladora da zona de abjeção reservada às pessoas com deficiência. (Mello, 2018, p. 258).

Portanto, inspirada nessas autoras, e sem a pretensão de solucionar o imbróglio entre “etnografia” e “autoetnografia”, proponho realizar uma *etnografia autista*, considerando o fato de que eu falo a partir das minhas experiências, da minha posicionalidade como pessoa autista e que tais elementos foram fundamentais para o trabalho que aqui apresento. Eu não realizei uma etnografia “apesar” de ser autista. Eu realizei esta etnografia devido ao fato de ser uma socióloga autista. Os resultados, elaborações e análises aqui apresentadas são indissociáveis, embora não redutíveis, a pessoa que sou, a qual é atravessada por múltiplos marcadores sociais para além do fato de ser autista, é claro. No entanto, a descoberta do diagnóstico durante meu trabalho de campo e os efeitos disso e de meus sintomas e características ao longo de minha investigação ganharam atenção especial aqui.

Ademais, tenho a convicção de que não represento toda a comunidade autista e a minha intenção certamente não é essa, porque seria fantasioso e autocentrado da minha parte considerar que escrevo e sou representante de todas as pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista e de diferentes níveis de desafios e de suporte necessário. Eu faço parte da comunidade autista, mas não possuo a pretensão de ser a porta-voz de toda a coletividade que a integra, ou de essencializar minhas experiências aqui analisadas como próprias ou idênticas às de outras pessoas autistas.

Porém, algo me deixou reflexiva, a partir disso: Qual a minha responsabilidade com a escrita desta dissertação? É possível que algumas pessoas

se sintam representadas por meio da apresentação da minha narrativa, das minhas análises e vivências autista. Ainda mais, é provável que haja identificação de eventuais leitores/as com as minhas características demonstradas neste trabalho. Entretanto, eu tenho plena consciência de que o autismo - segundo os conhecimentos especializados sobre o tema no contemporâneo - pode ser visto como um espectro repleto de nuances, variações e diversidades.

Além disso, cada trajetória é única e os marcadores sociais que me transpassam não atravessam da mesma maneira a individualidade de cada um. Em outras palavras, a minha *etnografia autista*, portanto, não é concebida por mim como um modelo prescritivo do que deve ser uma etnografia produzida futuramente por outros/as cientistas sociais autistas. Prefiro conceber esta *etnografia autista*, e assim espero, como uma das primeiras entre muitas outras que serão produzidas futuramente por cientistas sociais autistas, as quais poderão lidar e analisar outros recortes, problemáticas, processos teórico-metodológicos diversos, etc. - que poderão ser produzidas daqui por diante.

Ademais, eu ainda estou descobrindo a minha posição e existência como pessoa autista. Como afirmei, o meu diagnóstico é muito recente e após o meu laudo confirmar o TEA, tenho passado por um processo, digamos, de “saída do armário” como autista, para compreender quem de fato eu sou, mais uma vez trazendo a ideia de “identidade sob rasura” de Stuart Hall (2000). Nesse sentido de problematizar a noção de “armário”, o conceito de “epistemologia do armário”

da teórica queer estadunidense Eve Sedgwick (1993), será discutido no próximo capítulo.

Logo, apesar de estar sendo inserida na comunidade autista, eu ainda não sou especialista no assunto e talvez nunca o seja. Me encontro em uma fase de investigação da minha identidade sem o *masking*, que é narrado como próprio de muitas experiências autistas. Sair desse armário específico do autismo, apesar de ser libertador, também é um encontro com um terreno totalmente novo, instável, desconhecido e ainda inexplorado para mim. Esta dissertação, obviamente, não possui o intuito de responder todas as minhas indagações sobre o TEA, até porque não haveria espaço para discorrer sobre todos os assuntos e nem sou a mais capacitada para atender essas demandas.

Por isso, convido quem me lê a percorrer comigo este meu itinerário pessoal, que contém mais dúvidas, incertezas e questionamentos do que convicções. Porque apesar de ter sido diagnosticada recentemente tenho aprendido algumas lições, em especial a partir de minha experiência de campo, de me permitir não possuir todas as respostas, e sim de perambular no território de conflitos, dúvidas e incertezas. Dessa forma, me posiciono como uma examinadora de relatos, meus e de outrem, o qual eu tomarei a minha vivência para a descrição e análise de uma *etnografia autista*.

Para demonstrar a diferenciação quanto a abordagem empregada nesta dissertação, o qual irei apresentar o local que eu ocupo na realização de uma *etnografia autista*, pretendo iniciar com um paralelo com o trabalho de Roberto

Cardoso de Oliveira (2006, p. 21-22). O autor, ao abordar sobre a audição do etnógrafo em campo, afirma:

Evidentemente tanto o ouvir como o olhar não podem ser tornados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas complementam-se e servem para o pesquisador como duas muletas - que não nos percamos com essa metáfora tão negativa - que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento. A metáfora, propositalmente utilizada, permite lembrar que a caminhada da pesquisa é sempre difícil, sujeita a muitas quedas. **E nesse ímpeto de conhecer que o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas condições desse último, na medida em que está preparado para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes, isto é, que não façam nenhum sentido no corpus teórico de sua disciplina ou para o paradigma no interior do qual o pesquisador foi treinado.** [grifo meu]

Quando eu me deparei com este enunciado, na mesma hora me coloquei em campo e percebi como a compreensão da/o etnógrafa/o em campo se distingue de uma pesquisa a outra. Primeiramente, o autor faz uso de metáfora ao propor a ideia de “eliminar os ruídos que lhe pareçam insignificantes”. Sabendo disso, eu utilizo esse termo em sua literalidade, visto que no meu campo de estudos os ruídos - sobretudo o excesso de ruídos e seus efeitos concretos na produção das crises que experimentei - fazem parte do meu campo de análise. Isso acontece porque os ruídos/barulhos estão ainda mais presentes na minha percepção e são elementos que constituem informações essenciais para a pesquisa que realizei.

Por ser uma etnógrafa que é autista, a minha relação com os sentidos do meu corpo, com a assimilação deles e as consequências disso na minha vida e na prática etnográfica são distintas dos demais pesquisadores/as que realizam a pesquisa de campo, ainda que na mesma localidade. Em razão disso, todas as características que compõem o lugar e que afetam a minha percepção sensorial serão dados importantes no registro e análise de informações.

É claro que esse processo de saber discernir quais elementos eram importantes na escrita desta dissertação, foi se desenvolvendo ao longo das minhas reuniões de orientação e nas reflexões que desenvolvi *a posteriori*. Conforme dito anteriormente, a minha formação acadêmica, não me permitiu ter uma base ou até mesmo uma noção de como era redigida uma etnografia e esse processo inicialmente era bastante nebuloso e desafiador em si mesmo.

Confesso que nunca tinha aprendido sobre essa abordagem e somente tive contato mais intenso com debates sobre ela nas reuniões mensais do grupo de estudos LEX – Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças. A minha primeira interação com a etnografia se deu na leitura de um material que iríamos discutir no LEX. Em julho de 2022, na primeira reunião do grupo de estudos, ficou estabelecido que um dos textos discutidos seria da antropóloga Mariza Peirano (2008) “Etnografia, ou a teoria vivida?”.

Ao ler este texto me senti impactada e vinculada com as palavras da antropóloga, pois no momento que eu decidi prestar o processo seletivo fora da minha área de formação, eu estava em busca de uma certa “liberdade” para

realizar uma pesquisa que envolvesse também a análise de aproximações. Apesar de terminar a graduação em Direito e ter descoberto que a docência e a pesquisa seriam minhas áreas profissionais, havia alguns incômodos que a Universidade me proporcionou. Dentre eles, era a linguagem jurídica, cheia de formalidades e regras estabelecidas que deveriam ser rigorosamente cumpridas.

Dessa forma, o meu contato com o trabalho de Mariza Peirano (2008) me trouxe uma descoberta e uma relação com a antropologia que me acompanharia durante a minha trajetória no Mestrado de Sociologia. Na época, a minha pesquisa estava iniciando e eu não tinha um projeto pronto sobre a temática que eu pesquisaria, mas eu já tinha em mente que eu queria realizar pesquisa de campo. Por isso, ao descobrir a etnografia tive uma conexão instantânea por ser uma abordagem que eu queria utilizar, mas não sabia bem como e nem por onde começar.

Neste texto como em tantos outros, Peirano (2008) utiliza a linguagem em primeira pessoa do singular, lembro de ficar encantada com esse estilo, porque na graduação não era permitido empregar um vocabulário que não fosse impessoal e jurídico. Essa crítica que eu realizo, não é exatamente um ataque ao curso de Direito, pois se trata de uma excelente área, mas de uma análise de quem cursou todos os períodos e acredita que uma linguagem simples e pessoal seria mais acessível a todas as pessoas, proporcionando uma maior difusão do vocabulário jurídico.

A partir desse encontro, tive algumas reuniões com o meu orientador, no qual expus o meu desejo de trabalhar com a etnografia e de utilizar a primeira pessoa do singular. Desde então, com a decisão de qual seria a temática que eu iria trabalhar, eu fui orientada a relatar as minhas experiências em campo no meu diário de campo. Sempre que realizava o trabalho de campo eu solicitava uma reunião com o meu orientador para dialogar com ele sobre as minhas observações e conversas que eu tinha com as/os integrantes na cena da Cultura de Baile.

Assim, ele me orientava sobre a pesquisa de campo, era praticamente uma “aula particular” que eu tinha acesso, anotava todas as informações, depois estudava e analisava as referências apresentadas. O contato com outras etnografias também foi fundamental para que eu aprendesse a produzir etnografia. Além disso, também participei junto ao meu orientador de eventos como a Reunião da SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia realizada em Julho de 2023 na cidade de Belém, PA, e a RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul, em Agosto do mesmo ano, em Niterói, RJ, e com as contribuições desses eventos, fui aprimorando a investigação e a escrita da minha dissertação.

Por isso, a escrita deste trabalho, em primeira pessoa, não se relaciona somente por se tratar de uma etnografia, mas também pela minha trajetória acadêmica. Para mim, é quase um ato revolucionário, uma emancipação de certa concepção da linguagem “cultura” na academia. Logo, esta etnografia autista possui muita personalidade, na qual contarei os meus itinerários de pesquisa e

terapêuticos, assim como os encontros e diálogos que tive o privilégio de desfrutar em campo e além dele.

Para formular uma definição da etnografia autista, me inspirei nas elaborações recentes de alguns/mas autores/as que realizam pesquisas correlatas. Dentre elas, está o trabalho Ben Belek (2019) “*Autism*”. Nele o antropólogo realiza um estudo denominado “antropologia do autismo”, o qual se fundamenta no campo de estudos da deficiência. Belek (2019) demonstra que a realização da etnografia nas pesquisas antropológicas contribui para a agência e representação de pessoas autistas, por meio dos relatos de suas próprias experiências em campo e de desafios particulares e sobressalentes nele enfrentados.

Esse tem sido um dos meus propósitos na construção desta dissertação: demonstrar que a produção experimental e processual de uma *etnografia autista*, de certa forma, tem sido elaborada por mim antes mesmo do aprofundamento do meu contato com as obras etnográficas. O material que eu produzo aqui se difere pelo fato de ter um estudo de campo prolongado, sendo produzida através da minha construção identitária neurodivergente<sup>16</sup>. Conforme preconiza a

---

<sup>16</sup> Conforme a definição que utilizei no *paper* “Etnografando as cenas de *Ballroom* na cidade de Goiânia: apontamentos iniciais de uma pesquisa em andamento”, apresentado na Reunião de Antropologia do Mercosul em agosto de 2023, a definição de neurodivergência se refere “a indivíduos que possuem um desenvolvimento neurológico considerado ‘atípico’, em outras palavras são sujeitos que possuem um funcionamento neurológico específico, fazendo-o agir e encarar situações diferente dos demais, considerados neurotípicos. São consideradas neurodivergências: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Dislexia, Síndrome de Tourette, Discalculia, entre outros. (Januário, Henning, 2023, p. 01).  
Link: <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=296>. Data de acesso: 10 de setembro de 2023.

antropóloga autista Cíntia Greco (2022) “*Divergent Ethnography: Conducting Fieldwork as an Autistic Anthropologist*”<sup>17</sup>:

Bem antes de começar a estudar antropologia e me familiarizar com os métodos etnográficos, observei de perto a realidade ao meu redor para entender como ela funcionava. Mesmo antes de estudar Bronislaw Malinowski, usei a observação participante para analisar as situações sociais cotidianas que aconteciam ao meu redor, para aprender o que dizer e como me comportar corretamente. Estes esforços nem sempre foram suficientes para me misturar e evitar o bullying e o assédio, mas mais tarde revelaram-se um bom campo de formação para a minha investigação etnográfica. Aprendi cedo na minha vida a descompactar e desmontar fatos e eventos sociais para melhor compreender e encontrar meu lugar neles. Assim, para mim, uma mulher autista, observar e compreender o mundo ao meu redor representava ferramentas de sobrevivência muito antes de se tornarem métodos de pesquisa. [tradução minha]

De modo semelhante ao da autora, tem sido a minha experiência com a etnografia, como uma socióloga autista. Sempre me interessei em fazer pesquisa de campo porque para mim era e é relevante entender as relações, o comportamento individual, as regras sociais de convivência, dentre outros, pois tais questões foram desafios pessoais profundamente marcantes em toda a minha vida. Acredito que esse meu interesse resultou da minha incompreensão de certas regras e expectativas do coletivo, as normas sociais que regem as relações e a

---

<sup>17</sup> Link: <https://culanth.org/fieldsights/divergent-ethnography-conducting-fieldwork-as-an-autistic-anthropologist>. Data de acesso: 25 de dezembro de 2023.

minha dificuldade em me encaixar em um mundo que foi criado para e por pessoas neurotípicas.

A minha adolescência, período mais conturbado para mim, foi marcada por uma tentativa frustrada de me adequar ao comportamento considerado típico dos demais adolescentes. Lembro de ficar horas e horas realizando leituras de trabalhos da área da psicologia no esforço de, como eu nomeava, “compreender a mente humana”, por isso, eu já realizava pesquisas resultadas desses sentimentos de inadequação desde os meus 11 anos de idade. A partir desses meus estudos iniciais, eu observava as pessoas e comecei a notar padrões de comportamento que eu copiava, como se fosse uma espécie de experimento particular, na intenção de eliminar ou ocultar os meus “comportamentos estranhos”.

A partir desse meu relato pessoal, me lembrei do clássico trabalho do sociólogo Erving Goffman (1991) denominado “Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”. De acordo com o autor: “Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável” (Goffman, 1991, p. 06). Dessa maneira, apesar de não possuir diferenças visíveis - pelo fato do autismo ter sido recentemente enquadrado em uma definição de “deficiência invisível” - as pessoas e eu mesma notávamos a minha distinção das demais crianças/adolescentes.

Assim, o *Bullying* surgiu na minha vida de forma um tanto quanto “sutil”, não havia um ataque direto a mim. Ocorria em forma de exclusão das redes de conversa, dos grupos de trabalhos da escola e quando era convidada a participar sempre era alvo de piadinhas por conta do meu comportamento considerado “estranho e esquisito”. Mesmo com o esforço gigantesco de me assemelhar aos demais, copiando padrões de comportamento, as pessoas percebiam a minha diferença. Por isso comecei a me isolar, como um instinto de autopreservação.

Entretanto, eu continuava a estudar, aperfeiçoando a minha conduta e mascarando todas as minhas atitudes que eram consideradas “esquisitas”. Até hoje eu possuo dificuldades de fazer amizades, não sei se é pelo *Bullying*, por ser uma das minhas características do autismo ou um pouco dos dois. Sinto que um dos meus desafios é o de me conectar com as pessoas, posso até estar no meio de uma roda de conversa, participar de momentos de convivência, mas esse vínculo do relacionamento eu não costumo sentir. Essas questões também impactaram sobremaneira quando precisei desenvolver interações sociais no contexto do meu trabalho de campo, como analisarei mais adiante. O campo, aliás, com suas exigências de interação e socialização com novas pessoas, tornou minhas características e particularidades ainda mais afloradas, perceptíveis e sensíveis.

Digo isso, não com um intuito de comover, me acostumei com a solidude e me saio super bem com ela. Acontece que, mesmo rodeada por pessoas, eu me sinto sozinha, deslocada, talvez porque sentir compatibilidade com pessoas neurotípicas seja muito difícil para mim. Contudo, como um dos resultados

inesperados da intensa observação social das pessoas “neurotípicas” para imitá-las ao longo de toda a minha vida, acredito que me tornei uma excelente observadora de relações sociais. Isso caiu como uma luva para o desenvolvimento de análises etnográficas, pois mesmo com dificuldade para compreender as regras sociais e os padrões de comportamento, eu absorvo e aprendo, agora não apenas pela observação para produção de um “*masking*” ao longo da vida, mas também por meio da observação-participante, da descrição densa e da observação e análise de diferentes pontos de vista, em que o meu é um entre vários outros.

Por isso, foi a partir desse meu local de se sentir bastante deslocada socialmente que iniciei a minha pesquisa etnográfica. Eu não sabia qual seria a minha trajetória acadêmica, mas eu já realizava a minha *etnografia autista*, por meio da coleta de dados do ambiente social que eu estava inserida e da experimentação particular do meu campo de estudos conhecido como coletividade. Assim, de certa forma, a minha entrada em campo, considerando que ele congrega a cena da Cultura de Baile em Goiânia e também a minha experiência como pessoa autista, não se deu somente a partir do ano de 2022, mas desde a minha compreensão da existência de um corpo social e o reconhecimento da minha inaptidão a certas expectativas coletivas.

A partir dessas categorias de análises e o meu posicionamento teórico-metodológico ao longo deste capítulo, posso dizer que a minha entrada em campo na cena da Cultura de Baile me proporcionou uma vivência e um sentimento surpreendente de acolhimento que eu não consegui desfrutar ao longo do meu

itinerário pessoal até então. Um dos meus intuitos nesta dissertação é demonstrar os conceitos de família e de redes de apoio social em meu campo são incidente não apenas entre os integrantes da Cultura de Baile, mas também entre as pessoas que frequentam esses espaços à procura de apoio, aceitação social e que estão redescobrando ou ressignificando identidades, subjetividades e concepções de si a partir, por exemplo, de diversos marcadores sociais das diferenças em suas corporalidades.

Sendo assim, neste capítulo procurei problematizar questões relacionadas a etnografia, autoetnografia, etnografia autista, de modo a contextualizar questões relacionadas à subjetividade desta pesquisadora em relação a trabalhos socioantropológicos contemporâneos que tem debatidos tais questões de modo profícuo. No capítulo seguinte apresentarei mais informações, descrições e análises de meu campo no contexto da Cultura de Baile da cidade de Goiânia, a partir de minha perspectiva.

## Capítulo II - *Pose*: a categoria autista está em cena

No dia 30 de abril de 2023, como de costume, antes de cada Baile eu envio uma mensagem para Andreia perguntando sobre o horário que realmente iniciarão as apresentações e também para oferecer uma carona até lá. Andreia, como mencionei anteriormente, é uma das minhas interlocutoras mais próximas, tendo me auxiliado e me amparado em diversos momentos de crise em campo. Nesse contexto, ela se tornou também uma amiga, nos conhecemos nas reuniões do Sertão e nos aproximamos no evento realizado pelo grupo que promoveu uma Cultura de Baile dentro do campus 2 da UFG já mencionado anteriormente.

Ao longo de minha pesquisa de campo sempre tentei “poupar minha energia” para o horário do Baile, pois quando eu fico sozinha por muito tempo - especialmente em locais com poucas pessoas conhecidas e com muitos estímulos sensoriais (luzes fortes e piscantes, sons altos, muitas pessoas reunidas, toques inesperados, etc.) - possuo gatilhos<sup>18</sup> de ansiedade. Isso se dá devido eu me sentir deslocada e conseqüentemente por conta da tensão muscular crescente que me leva a sentir muitas dores pelo corpo. É muito comum esse relato de dores no corpo de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, geralmente elas sobrevêm juntamente com uma crise de *meltdown* ou *shutdown*. Essas crises se referem respectivamente a momentos de irritação, raivas, choros, gritos,

---

<sup>18</sup> Este termo utilizado refere-se a situações emocionais que me geram ansiedades, medos, angústias, dentre outros sentimentos que dependem da situação que eu estou envolvida.

prostração, conectadas, por sua vez, à ideia de “rigidez cognitiva”, que seria vista como própria de pessoas autistas. As crises de *shutdown*, por sua vez, referem-se a períodos de um cansaço extremo, uma fadiga intensa que faz com que a pessoa demore horas ou até mesmo dias inteiros para se recompor de uma sobrecarga sensorial.

É importante relatar que cada autista vivencia as crises à sua maneira. No meu caso, por exemplo, o meu *meltdown* (palavra que poderia ser traduzida do inglês como “colapso”) se configura com momentos de irritação e caso eu tenha o aumento dos sintomas eu entro em um estado de raiva, choro e confusão. Já o *shutdown* - palavra que poderia ser traduzida do inglês como “desligamento” ou o “ato de desligar algo”), geralmente ocorre após longos períodos de interação social e/ou sobrecarga de interações sociais. Esses períodos intensos ao longo do meu trabalho de campo me deixaram mais vulnerável a experimentar situações de crises. Por isso, eu irei mencionar algumas dessas crises que eu vivenciei no meu fazer etnográfico e como lidei com elas de modo a criar - inadvertidamente - laços sociais entre eu e minhas interlocutoras que acabaram me apoiando em diversos momentos, como elas se apoiavam umas às outras. Tais crises, portanto, por piores que tenham sido, também acabaram produzindo a criação de laços, diálogos e oportunidades de conexão e compreensão das redes de apoio social que as “casas” / “houses” na Cultura de Baile em ação.

Voltando para meu relato na cena da Cultura de Baile, eu conversei com a Andreia e perguntei se ela precisava de transporte, pois esse tipo de apoio que

eu oferecia também era uma forma de contribuir - em práticas de reciprocidade em campo - com a cena da Cultura de Baile. Uma forma também auxiliar minhas interlocutoras que se tornavam, aos poucos, também minhas amigas. Porém Andreia me disse que ainda estava na cidade de Trindade, região metropolitana de Goiânia, e que provavelmente iria com uma amiga que faria a sua maquiagem, mas ainda estava em dúvida sobre qual decisão iria tomar. Perguntei o horário que ela iria ao baile, a fim de confirmar quando as/os participantes estariam presentes no local. Ela me disse que apesar da concentração estar marcada para às 16:00, ela sairia efetivamente por volta das 18:50 e às 19:00 queria estar lá. Combinei de nos encontrarmos no Baile nesse horário, porém às 17:30 ela disse que já estava na sua casa no Setor Campinas, Zona Oeste de Goiânia, e perguntou se poderíamos ir juntas.

Nessa hora levei um susto, pois estava muito cedo e eu estou acostumada com a Andreia me mandar mensagens bem mais tarde. Logo, eu me levantei correndo, fui tomar banho e me arrumar para o evento. Adiantar o horário de compromissos não costuma ser algo relatado como fácil para pessoas autistas, pois há toda uma preparação prévia às interações sociais de eventos como esse, a qual exige muita atenção e gasto de energias. Mesmo assim, depois disso, respondi a Andreia que não teria problema algum levá-la e mencionei que era caminho da *ball* que aconteceria no Setor Central de Goiânia. Disse isso, pois notei que ela não estava se sentindo à vontade em me solicitar carona, já que era sempre eu que me adiantava e oferecia carona.

Por volta das 18:10 ela me envia uma mensagem dizendo que a *ball* já havia começado, sai correndo de casa para buscá-la, chegando na sua casa por volta das 18:30. O Caio, meu companheiro, sempre me leva para as *balls* (bailes), pelo fato de eu não dirigir. Quando chegamos no evento, ele estacionou e eu e a Andreia fomos andando para o local. Esse baile tinha características específicas, pois acontecia no Setor Central de Goiânia/GO, e era promovido pelo *Circuito Cultural - Goiânia Todas as Cores*, realizado com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura – SECULT. Essa era a minha quarta experiência intensa de campo nos eventos da Cultura de Baile em Goiânia.

Antes mesmo de entrar no local, que ocorria na avenida Anhanguera do Setor Central, percebi que o barulho estava muito alto, e lembro de ter comentado com a Andreia que esse Baile estava diferente dos demais, pelo fato de ter sido patrocinado pela prefeitura. Os demais, no geral, aconteciam de maneira mais independente. Por isso, havia uma megaestrutura, um palco imenso, luzes em volta de todo o cenário de apresentação, um aglomerado de pessoas que estavam presenciando o evento. Quando estacionamos do outro lado do quarteirão ouvimos o som que estava passando no local, ou seja, para meus ouvidos estava um barulho ensurdecedor e profundamente estressante. Neste momento eu ainda não tinha sido diagnosticada com autismo, eu ainda estava em processo de investigação sobre minhas características e gatilhos.

Ao adentrar no local me deparei com um ambiente escuro, pelo fato de ter sido realizado em um espaço aberto no período noturno. Havia uma aglomeração

grande de público, com aproximadamente 200 pessoas que estavam naquele evento para contemplar a Cultura de Baile e prestigiar os/as participantes. Com a minha análise e observação do local pude notar que o cheiro é muito peculiar em todo baile que eu participo, sendo uma mistura de fragrâncias e odores com o cheiro da fumaça de tabaco. Ao longo da pesquisa de campo eu pude observar que tanto as/os integrantes da Cultura de Baile quanto as/os observadores/as se reuniam para fumar enquanto assistiam as performances que estavam sendo disputadas.

Já de início fiquei muito apreensiva por conta dos ruídos, pois tenho hipersensibilidade auditiva e sabia que deveria manter uma posição que geralmente eu não adoto: o de suportar os barulhos, não colocar as mãos nos ouvidos e ficar bem próxima do palco. Eu sabia que estava ali para analisar as performances, as interações, as falas e práticas sociais enquanto etnógrafa, por isso eu não queria transparecer as minhas características e limitações para não ser mal interpretada, sendo confundida como uma menina chata, mimada, sensível demais, “enjoada” e inconveniente. Eu já estou “acostumada” com esses adjetivos que atribuem a mim, por isso tenho muita dificuldade de me conectar com outras pessoas, confiar, me sentir confortável e fazer novas amizades. Assim, eu não queria transmitir essas características e não queria ser interpretada dessa forma pela Andreia.

Logo, quando saio para o meu trabalho de campo tenho que sempre mascarar, conter, ou esconder as minhas características. De certa forma, se trata

de uma prática de “fazer” uma outra *persona*, que é divertida, que gosta de barulhos, gritos e que não se incomoda em ficar até mais tarde nos eventos interagindo com outras pessoas. É claro que eu também me diverti e adorei a Cultura de Baile, porém eu tenho minhas vulnerabilidades, limitações e dificuldades, como eu estou acostumada em sempre ser vista de outra maneira, eu geralmente “suporto” situações que me geram gatilhos emocionais, embora isso também tenha consequências significativas em minha vida.

Assim que entramos no local Andreia me explicou que estava ocorrendo um momento de apresentação das casas por meio das *performances* das/dos participantes. Nessa parte do evento ocorre um desfile de todos/as juntos/as como forma de representar as suas “casas”. Perguntei se ela iria se apresentar naquela ocasião, já que ela faz parte da casa *Ternura*<sup>19</sup>, ela disse que não iria, pois ainda não estava preparada para “performar”. Porém logo depois dela me dizer isso, ela é chamada por sua mãe para entrar no palco com a sua casa. No terceiro capítulo desta dissertação, irei definir as relações familiares instituídas nas casas da cena da Cultura de Baile.

Quando a Andreia volta contando essa novidade, percebi que ela estava tremendo muito, como se estivesse extremamente ansiosa e nervosa. Tentei acalmá-la e passar a segurança de que tudo daria certo. Hoje percebo que a Andreia, em vários momentos, me apoiou em meus momentos de crise sensorial

---

<sup>19</sup> O nome da *house* (casa) foi alterado para que não houvesse a identificação das minhas interlocutoras.

em campo. Porém eu também a apoiei nos desafios que enfrentava como parte de uma casa importante da cena da Cultura de Baile. Esse apoio recíproco que membros das casas davam umas às outras, aos poucos também passou a ser incorporado por mim e para comigo, na aproximação com as casas. De certa forma, as próprias práticas de cuidado recíprocas também abriram algumas portas para mim ao longo do trabalho de campo. De todo modo, pouco tempo depois a casa Ternura foi chamada para se apresentar no palco, que consistia em uma grande construção de ferro, com muitas luzes, igual aqueles que vemos em shows, possuindo a seguinte estrutura:

Figura 2: Início do evento Cultura de Baile/*Ballroom* realizado no dia 30 de abril de 2023 - Setor Central de Goiânia.



Fonte: Fotografia do meu acervo pessoal .

Para que todos/as vejam: Na imagem é possível notar a presença de várias pessoas. A frente delas ocorre uma apresentação em cima de um palco com inúmeros refletores, é possível ver

uma caixa de som. É perceptível que está anoitecendo. No local há pessoas brancas e negras com *looks* de variadas cores e estilos.

Tentamos garantir um local próximo a estrutura que eu chamo de palco. Porém como tenho a estatura baixa, medindo apenas 1,56 de altura, eu não conseguia enxergar muita coisa, tentava a todo custo me desviar das pessoas que estavam na minha frente. Andreia, percebendo essa minha tentativa frustrada de observar as apresentações, me chamou para outro local, atrás do palco, onde ficavam concentrados/as os/as participantes das casas. De começo, foi ótimo para mim, pois eu poderia observar em um ponto privilegiado e com boa visibilidade como elas/eles se comportavam e se preparavam antes de cada *performance*. Neste lugar as pessoas que performavam se reuniam em cada cena e conversavam sobre as suas apresentações, também ocorria a troca de roupas ali mesmo para disputar a próxima categoria, pois cada participante precisava estar com uma cor específica que foi combinada previamente.

Apesar do fato de eu estar em uma posição privilegiada atrás do palco, ouvindo as conversas das/dos participantes e conseguindo enxergar todas as performances com muita clareza, havia um grande problema, o barulho naquele lugar, atrás do palco, era bem mais intenso. Eu percebi que aqueles/as que permaneciam naquele local estavam bem mais entusiasmados/as com as apresentações, talvez porque muitos que estavam ali presentes se apresentavam na cena da Cultura de Baile ou eram amigas/amigos/amigues daqueles/as que

estavam realizando suas performances. Por esse motivo também havia mais gritaria, comemorações, muvuca (concentração de pessoas), empurra-empurra, aperto, calor e eu fui me sobrecarregando sensorialmente. Porém, não queria parar de observar e participar daquele momento de empolgação da plateia e das/dos participantes, pois considerava um momento ímpar e significativo para o meu campo.

Com isso, o meu corpo começou a dar sinais de sobrecarga, sentia falta de ar, palpitação, tremedeira e uma ansiedade muito forte e crescente. Quando isso ocorre, geralmente eu sei que é pela sensibilidade auditiva, então eu coloco as mãos no meu ouvido e me afasto do local, porém, eu não tinha nada ali que me identificasse enquanto pessoa neurodivergente. Nem eu mesma ainda possuía uma compreensão do que se passava comigo e, como disse, ainda não havia sido diagnosticada como autista. Logo, eu não “poderia” agir dessa forma, porque eu tinha receio que achassem que eu não estava gostando das apresentações ou que estava faltando com o respeito com a Cultura de Baile. Isso se dá pelo fato de eu sempre achar que estou incomodando ou não me adequando às regras sociais. Então eu suportei e continuei naquela situação, o quanto pude, até não aguentar mais e, com isso, tive uma crise sensorial intensa. Para não chamar a atenção das pessoas que estavam ali, eu me afastei para recarregar minhas energias e para sair daquele lugar superlotado e barulhento para mim.

Só havia um problema: na pressa (necessidade imediata para fazer algo) para me afastar eu não tive coragem de avisar a Andreia, por isso quando ela

percebeu que eu não estava por perto, começou a me procurar em todos os lugares. Eu a vi rodeando o palco me procurando, entretanto, milhares de pensamentos se passavam na minha cabeça: O que a Andreia irá pensar de mim por ter saído de lá? Será que ela vai achar que eu estou “fazendo cena” para chamar a atenção? Será que irá mudar de comportamento comigo? Será que ficará decepcionada comigo? Será que ela deixará de me apoiar na realização do meu trabalho de campo?

De repente, quando olho para frente, vejo a Andreia rodeando o palco, mais uma vez me procurando, vendo que ela não iria parar de rodeá-lo, resolvo levantar a mão para me realçar perante a multidão. Ela chega e diz: - *Amiga você sumiu, você está bem?* Comentei que eu estava tendo uma crise e que tinha saído para pegar um ar. Nesse momento, estava ainda mais tensa, pois aquele era um momento pessoal de grande vulnerabilidade e eu não queria “dar trabalho” para a Andreia em um momento que ela mesma estava nervosa e demandada pela apresentação de sua casa. No entanto, com a sensibilidade, a compreensão e o apoio dela, tive o meu espaço respeitado e contei com a companhia dela o tempo todo. A Andreia comentou que também achava que o som estava realmente muito alto. Nessa hora percebi que ela estava tentando puxar um assunto para me tranquilizar, me apoiar, e depois disso fomos tomar uma água, para eu me acalmar.

\*\*\*

O relato acima foi adaptado do meu diário de campo. Nessa época, como aponte, eu não havia sido diagnosticada com autismo, primeiramente recebi o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade<sup>20</sup> (TDAH). Por esse motivo eu já me identificava como uma pessoa neurodivergente, pelo fato do TDAH se enquadrar nesta definição. É importante relatar que antes de ser diagnosticada com TEA, eu recebi uma série de diagnósticos das psiquiatras que me atendiam, os quais foram procurados bem na época da minha entrada no Mestrado em Sociologia, quando a minha saúde mental estava abalada.

Quero deixar nítido aqui que a Pós-Graduação, per se, não foi a responsável pelo prejuízo da minha saúde mental. Tenho sofrido há anos de cargas emocionais, mas sempre protelei a busca por ajuda profissional. Porém, acredito que essa nova fase acadêmica, juntamente com o encargo de responsabilidades imputado pela vida adulta, me gerou uma enorme sobrecarga, desencadeando ainda mais desgastes psicológicos. De certa forma, o trabalho de campo deixou

---

<sup>20</sup> De acordo com o médico Howard E. LeWine, MD, editor médico chefe da Harvard Health Publishing e editor-chefe do Harvard Men's Health, escreveu em um artigo publicado em março de 2022: O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), geralmente diagnosticado pela primeira vez na infância, pode aparecer de várias formas e tem muitas causas possíveis. De acordo como autor, as pessoas com TDAH provavelmente teriam uma vulnerabilidade genética subjacente para desenvolvê-lo, mas a gravidade do problema também é influenciada pelo ambiente. Conflito e estresse tendem a torná-lo pior. As principais características desse distúrbio são encontradas em seu nome. Os problemas de atenção incluem devaneios, dificuldade de concentração e fácil distração. (tradução minha do texto original no inglês). Link: [https://www.health.harvard.edu/a\\_to\\_z/attention-deficit-hyperactivity-disorder-adhd-a-to-z](https://www.health.harvard.edu/a_to_z/attention-deficit-hyperactivity-disorder-adhd-a-to-z). Data de acesso: 10 de setembro de 2023.

mais nítida e urgente a necessidade de eu entender o que se passava comigo, até mesmo para dar conta da realização de uma etnografia, a qual sempre demanda muito em termos de conhecer novas pessoas, novas práticas, novos estímulos, etc. Tudo isso, por fim, na maior parte das vezes, demanda energia, tolerância, jogo de cintura, e uma sensibilidade que nem sempre conseguia desenvolver.

Sempre que solicitei auxílio ou compartilhei sobre o meu processo de diagnóstico tive muito apoio dos/as professores/as e ainda mais do meu orientador. Para se ter uma ideia, a minha entrada em campo foi marcada por um conselho do meu orientador, na época ele sabia dos meus tratamentos psicológicos. Lembro dele me orientar da seguinte maneira: - *Nunca se coloque em risco<sup>21</sup> por conta da sua pesquisa e sempre preserve a sua saúde mental, Brendaly. Entre a sua pesquisa e sua saúde mental, sempre escolha a segunda opção.*

Logo, este capítulo da minha dissertação será marcado pela minha trajetória pessoal em busca de responder inúmeras questões que o campo me impunha, as quais tenho me questionado desde a minha tomada de consciência das minhas especificidades, até os dias de hoje. Nesta etapa, irei relatar o meu processo de diagnóstico, explicarei algumas terminologias utilizadas pela

---

<sup>21</sup> É importante ressaltar que esse conselho do meu orientador de “não se colocar em risco”, não tem relação com a Cultura de Baile, pois ela não se caracteriza como um ambiente perigoso. Muito pelo contrário, nesse espaço há cuidado, respeito e amparo. A atenção do meu orientador pode ser definida mais como uma responsabilidade com a minha segurança e saúde mental.

comunidade autista e descreverei a minha percepção de uma etnógrafa autista na cena da Cultura de Baile.

Como citei anteriormente, esta dissertação será marcada pela análise das redes de apoio social de minhas interlocutoras - cuja categoria de “casa” da qual faziam parte, era fundamental - e, digo mais, aqui irei relatar a minha rede de suporte nesse contexto, fundamental para me auxiliar enquanto uma pessoa autista que necessita de suporte nível 1. Assim sendo, eu também fui incluída nessas redes de apoio social que analiso em meu campo, a partir de minhas características e necessidades específicas. Os meus itinerários terapêuticos para descobrir e compreender minhas características e limitações também contribuiu para compreender as lógicas do cuidado no contexto das “casas / houses” da cena da Cultura de Baile analisada.

Durante a minha trajetória pessoal eu sempre tive muita dificuldade e incômodo com barulhos, muitos *flashes* de luzes e locais cheio de pessoas, assim como excesso de estímulos sensoriais. Porém eu não compreendia o porquê de eu sempre instintivamente evitar esses lugares e quando precisava comparecer sentia uma espécie de irritabilidade, exaustão mental e um grande cansaço físico após intensas interações sociais. Portanto, para permanecer nesses locais eu precisava realizar um esforço extremo para ser o mínimo “sociável”. Era como se eu criasse uma *persona* que brinca, ri de piadas “sem graça” e procura se sociabilizar com a maior espontaneidade possível. Mas para mim, no entanto, era como se fosse um jogo de encenação, uma performance que - diferentemente daquelas

desenvolvidas alegremente por minhas interlocutoras nos eventos da Cultura de Baile - era muito sofrida e exaustiva para mim.

Durante a minha pesquisa de campo os locais que eu frequentava tinham essas características, por serem ambientes muito lotados, com muito barulho e cheio de refletores que emitem luzes para todos os lados. Assim, após as interações sociais eu me sentia extremamente sobrecarregada, como se meu corpo “desligasse” por vários dias e necessitasse de repouso absoluto. Percebi esse padrão e tentei organizar minhas atividades de campo considerando a necessidade de dias para repousar e “recarregar as baterias sociais” antes de voltar a analisar eventos e a conversar com pessoas do meu campo. Essa, aliás, foi outro elemento crucial desta *etnografia autista*: a realização do trabalho de campo como socióloga autista exigia uma organização do meu tempo, das minhas interações com minhas interlocutoras e dos meus deslocamentos e bem-estar que levasse em consideração a necessidade de pausas significativas antes de retomar práticas de observação-participante.

A partir desses episódios críticos em campo, e com receio de “não dar conta” de outras incursões em campo devido a novas crises que poderiam surgir, decidi procurar ajuda profissional com mais afinco. Foi quando fui diagnosticada, na primeira psiquiatra, com TDAH e bipolaridade<sup>22</sup>. Esse diagnóstico se deu,

---

<sup>22</sup> Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição (DSM-5), no Transtorno Bipolar (p. 123): “Os critérios para transtorno bipolar tipo I representam o entendimento moderno do transtorno maníaco-depressivo clássico, ou psicose afetiva, descrito no século XIX. Diferem da descrição clássica somente no que se refere ao

entre outras questões, por conta da minha mente estar sempre agitada e eu alternar entre momentos de euforia e de desânimo, após longos períodos de interação social. Assim, começamos o tratamento, porém, além dele não surtir o efeito desejável, eu passei por momentos em que a ansiedade aumentou de forma significativa. Logo eu estava sentindo uma espécie de “efeito colateral”, ou seja, um aumento dos sintomas que estavam sendo tratados.

Por conta dos efeitos que os medicamentos estavam produzindo sobre o meu corpo e por discordar da opinião médica sobre o meu diagnóstico de bipolaridade, decidi procurar outra profissional. É importante ressaltar que a minha divergência com a avaliação médica não estava baseada em achismos, mas para além das reações adversas que eu tive com a medicação, nesse processo, eu estava estudando sobre saúde mental, na tentativa de tirar dúvidas com as psiquiatras que estavam me diagnosticando.

Nessa jornada em busca do meu diagnóstico, redigi um segundo diário, para além do diário de campo, o qual denominei de diário de bordo, por ser um instrumento que eu utilizava para escrever os meus registros pessoais sobre todas

---

fato de não haver exigência de psicose ou de experiência na vida de um episódio depressivo maior. No entanto, a vasta maioria dos indivíduos cujos sintomas atendem aos critérios para um episódio maníaco também tem episódios depressivos maiores durante o curso de suas vidas. O transtorno bipolar tipo II, que requer um ou mais episódios depressivos maiores e pelo menos um episódio hipomaníaco durante o curso da vida, não é mais considerado uma condição “mais leve” que o transtorno bipolar tipo I, em grande parte em razão da quantidade de tempo que pessoas com essa condição passam em depressão e pelo fato de a instabilidade do humor vivenciada ser tipicamente acompanhada de prejuízo grave no funcionamento profissional e social”. Link:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod\\_resource/content/0/Manual%20Diagn%20o%20CC%20e%20Estati%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod_resource/content/0/Manual%20Diagn%20o%20CC%20e%20Estati%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf). Data de acesso: 12 de janeiro de 2024.

as características que eu apresentava no campo e para além das suas fronteiras. Eu posso dizer com toda a certeza de que a pesquisa de campo no contexto dos bailes ou convivendo com muitas pessoas foi o contexto mais desafiador do meu trabalho, pelo fato de eu me deparar com as situações que mais me geraram gatilhos emocionais. Foram longos períodos de interação social, juntamente com a mistura de barulhos, geralmente os locais são abafados pela quantidade de pessoas e eu precisava ficar imersa mantendo o foco nas performances das apresentações, não conseguindo me retirar do local para recarregar as minhas energias.

Outro ponto importante a ser destacado é que na minha experiência com as/os profissionais, os diagnósticos foram dados na primeira sessão a partir de uma conversa em torno de 45 minutos, algo que me incomodou profundamente. Senti como se toda a minha vida, com os sintomas<sup>23</sup> que eu tenho desde a infância fossem resumidos taxativamente em uma breve análise de poucos minutos. Esse tipo de desconforto com as práticas diagnósticas do campo biomédico, as quais surge também na autoetnografia de Fabiene Gama (2020), mas no que tange ao seu diagnóstico de esclerose múltipla, foram comuns ao longo desse processo. Em

---

<sup>23</sup> Quando me refiro a “sintomas do autismo”, não tenho a pretensão de fazer uma comparação do TEA a doenças, visto que ele tem sido tratado pelo campo das ciências psi como um Transtorno do neurodesenvolvimento. O próprio termo “transtorno”, já abre espaço para uma crítica ao processo de patologização imbuído no processo diagnóstico. O termo “sintomas”, aliás, se refere aos sinais e características do Transtorno do Espectro Autista. Não tenho condições nesta ocasião de problematizar com profundidade as críticas ao processo de patologização e docilização dos corpos a partir do processo diagnóstico, mas deixo explícito aqui a consideração destes elementos.

uma perspectiva foucaultiana, não se trataria meramente de um diagnóstico, mas de um processo que produz sujeitos, que molda e torna inteligível a subjetividade (Foucault, 1988). No entanto, não estou falando que esse procedimento está absolutamente errado, visto que não tenho conhecimento técnico para isso, mas estou trazendo o meu relato pessoal do quanto de sofrimento e frustração eu teria sido poupada se houvesse uma análise mais aprofundada e sensível sobre o meu caso. Embora “autistas” possam ser “produzidos” subjetivamente pelo campo biomédico, com todas as decorrências biopolíticas dessa criação, a busca por um diagnóstico e sobretudo por práticas terapêuticas que “funcionem” e que façam bem, melhorem sintomas, aflições, angústias, sofrimentos, é um caminho legítimo na perspectiva de quem passa por todas essas experiências.

Sendo assim, a segunda psiquiatra que eu busquei a opinião médica, realizou a mesma abordagem, em uma breve anamnese e na mesma sessão eu fui diagnosticada novamente com TDAH e com um outro transtorno, dessa vez era o Transtorno Explosivo Intermitente<sup>24</sup>, esse era ligado a personalidade e de acordo com a médica, esse diagnóstico se dava pelo fato de eu ter crises de irritabilidade, por motivos considerados “pequenos”. Começamos o tratamento e pelo fato de

---

<sup>24</sup> De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição (DSM-5), o Transtorno Explosivo Intermitente possui a seguinte definição (p. 511): “As explosões de agressividade impulsivas (ou decorrentes de raiva) no transtorno explosivo intermitente têm início rápido e, geralmente, pouco ou nenhum período prodrômico. Em geral, as explosões duram menos de 30 minutos e costumam ocorrer em resposta a uma provocação mínima por um amigo íntimo ou um colega”.

Link: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod\\_resource/content/0/Manual%20Diagno%CC%81sico%20e%20Estati%CC%81stico%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod_resource/content/0/Manual%20Diagno%CC%81sico%20e%20Estati%CC%81stico%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf). Data de acesso: 12 de janeiro de 2024.

ser um outro diagnóstico, decidi fazer um Teste Neuropsicológico. Destaco que tais diagnósticos se deram bem no meio do meu trabalho de campo.

Por ser uma avaliação mais aprofundada, eu sentia que precisava entender melhor qual de fato era o diagnóstico correto, pois todos esses sintomas estavam gerando uma confusão e uma insegurança emocional crescentes. Imagine que você, leitor/a, decide procurar ajuda profissional para entender o que está acontecendo com o seu corpo e a cada momento você é diagnosticada/o com um transtorno diferente, toma medicações e elas pioram os seus sintomas, como você se sentiria? Assim, compartilhei com a minha psiquiatra da época sobre o teste e ela concordou com a minha decisão, porém para ela seria somente para confirmar o diagnóstico e ver quais pontos do TDAH eu necessitava de mais auxílio.

Para realizar o meu teste neuropsicológico eu precisava procurar profissionais especializados na área e que eu me sentisse de certa forma à vontade, já que iria passar por diversos testes e ter conversas muito íntimas. Também havia uma questão muito importante: o valor financeiro que eu precisaria desembolsar para iniciar os testes neuropsicológicos. É exorbitante o valor que é preciso despende para ser atendida por profissionais capacitados a aplicar os testes. Para se ter uma ideia, a quantia gasta na cidade de Goiânia, em média varia de 1 a 3,5 salários-mínimos<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Os valores retratados são referentes ao salário-mínimo vigente no ano da escrita desta dissertação. Sendo que, em janeiro de 2024, o salário-mínimo era de R\$ 1412,00.

Logo, é necessário que haja o senso crítico, sobre quais pessoas de nível 1 de suporte têm sido diagnosticadas, pois quando discursamos sobre marcadores sociais da diferença, é necessário se atentar às “diferenças que fazem a diferença” (Henning, 2015, p. 111). Nesse caso específico, a categoria de classe social é um marcador relevante a ser analisado. Desse modo, em sua grande maioria, pessoas com um maior poder aquisitivo possuem o acesso aos testes neuropsicológicos. É claro que eu não estou falando aqui meramente de pessoas ricas ou abastadas em termos patrimoniais, mas sim daquelas que de alguma forma possuem um suporte familiar para arcar com as despesas, daquelas que possuem um plano de saúde ou então a possibilidade de poupar todos os meses um valor para após um tempo conseguir realizar os testes, que foi o meu caso.

Esse meu comentário se dá ao fato de compreender que nem todas as pessoas possuem esse acesso ou até mesmo uma estrutura familiar como rede de apoio. E isso também me leva a questionar criticamente se a problematização do autismo, em termos diagnósticos, não leva a criar uma certa imagem da pessoa autista como branca, de classes médias ou elites econômicas, as quais conseguem acesso a tratamentos e testes especializados que são inacessíveis a pessoas mais pobres. Entretanto, alguns profissionais efetuam testes com valores sociais ou até mesmo algumas pessoas são beneficiadas com a gratuidade de testes neuropsicológicos. Porém, acredito que chegar a este diagnóstico, depois de dois outros anteriores que já geraram altos custos demonstra o quão proibitivo o diagnóstico de autismo pode se tornar para a maior parte das pessoas. Meu intuito

aqui, é claro, não é ser generalista, mas de apontar criticamente a inacessibilidade do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista, quando pensamos em termos de desigualdades e de marcadores sociais das diferenças.

Assim, após um período de buscas, encontrei uma especialista que atendia esses critérios, porém em quase todas as sessões que eram marcadas, a neuropsicóloga faltava ou eu era atendida por outra profissional. De seis sessões agendadas, a profissional desmarcou metade delas e para quem está em busca de um tratamento sabe o quanto isso é dispendioso para o nosso emocional.

Tentei de várias formas continuar, achando que era somente contratempos, foi quando a neuropsicóloga desmarcou mais uma sessão. Com isso, decidi conversar com a profissional e encerrar os nossos encontros, pois eu percebi que esses cancelamentos eram rotina na clínica e eu já tinha utilizado o dobro do tempo combinado para terminar as sessões e estava faltando metade dos encontros. Tudo isso foi muito desgastante. Logo, eu precisava novamente encontrar um/a outro/a profissional e foi quando encontrei o meu atual neuropsicólogo, com quem tive o maior apoio e que teve toda atenção e cuidado para tratar o meu caso.

Desse modo, passei novamente por uma anamnese e realizei vários testes neuropsicológicos, pois de acordo com ele era necessário cruzar as informações a fim de se fechar o diagnóstico da forma mais precisa possível. Ao final seria entregue o resultado dos testes juntamente com o respaldo do neuropsicólogo, o laudo possuiria vários gráficos e parâmetros para que houvesse um comparativo

com as minhas respostas. Após todo o processo tive o meu diagnóstico validado: Transtorno do Espectro Autista Nível 1 de suporte.

Em meio aos meus afazeres, quando eu estava sendo diagnosticada com TEA eu decidi me cadastrar no estágio docente, na matéria de Antropologia 1, com o professor Dr. Camilo Braz. Na última aula do estágio combinamos que eu ministraria uma aula sobre o meu trabalho de pesquisa em desenvolvimento. Assim, eu falei sobre as minhas duas grandes temáticas: a cena da Cultura de Baile e o meu diagnóstico de autismo. Com a minha apresentação e o meu depoimento de como foi a minha trajetória até receber o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, o professor Camilo me lembrou do texto do antropólogo João Biehl (2008): “Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo”, que tive contato na matéria “Drogas e outras substâncias” que o professor ministrou na UFG no final do ano de 2022 e início de 2023.

Neste trabalho, João Biehl narra a história de Catarina, abandonada por sua família, medicada com altas dosagens pelos médicos que a tratavam, sem ao menos desvendar ao certo qual doença acometia o seu corpo. Dessa forma, Catarina era constantemente testada com remédios de superdosagens, sendo submetida a tentativas e erros das medicações. Comovido com a sua história, Biehl conseguiu que o seu caso fosse analisado por geneticistas que diagnosticaram Catarina com uma doença genética, sendo esse diagnóstico totalmente diferente dos casos que ela estava sendo tratada.

De modo semelhante na sequência de diagnósticos, eu fui testada e me prescreveram vários medicamentos e me diagnosticaram com transtornos diferentes que me proporcionaram muita ansiedade e angústia por eu não conseguir entender o que estava acontecendo com a minha saúde mental e nem conseguir melhoras na minha situação. O meu neuropsicólogo me explicou o porquê desse diagnóstico e esclareceu o motivo de eu ter sido diagnosticada com vários transtornos diferentes ao longo do meu processo.

Ocorre que, é muito frequente que grande parte dos casos femininos, as mulheres são diagnosticadas com diversos transtornos ao longo da vida, o que possuiria raízes ainda com a ideia problemática da “mulher histérica” produzida pela psiquiatria no Século XIX. De acordo com meu neuropsicólogo isso se dá porque o nível 1 de suporte é mais difícil de diagnosticar, devido as estereotípias do autismo não serem tão “marcantes” quanto os demais níveis de suporte. Ademais, as mulheres também fariam mais expressivamente o que na psiquiatria contemporânea é denominado de: *masking*, ou seja, mulheres acabam mascarando ainda mais os seus sintomas, dificultando o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Nesse assunto, darei ênfase mais adiante para falar sobre um conceito que eu utilizo como “passabilidade-neurotípica”.

É importante ressaltar que o autismo é considerado pelos conhecimentos biomédicos e pelas ciências *psi* (psiquiatria, psicologia etc.) como um espectro, logo as características e particularidades variam de pessoa para pessoa, conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-

5), as características do Transtorno do Espectro Autista estão presentes e são manifestadas desde a infância. Porém, a depender do apoio clínico e/ou familiar e do nível de suporte, pode ocorrer o mascaramento das dificuldades por parte da criança, em seu processo de aprendizagem e socialização. Também as manifestações dos sintomas dependem de uma série de contextos, como o nível de suporte necessário, a idade em que o diagnóstico é produzido, a etapa de desenvolvimento que a criança se encontra, entre outros fatores, a partir disso que advém também o nome “Espectro”, considerando variações e grande diversidade de manifestações.

Seguindo no DSM-5 (pág. 53), os critérios para a avaliação do Transtorno do Espectro Autista são quatro, sendo as características distribuídas em:

Prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A). Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas devem estar presentes desde o início da infância, sendo limitador ou prejudicial no funcionamento diário (Critério C e D)”.

A fim de trazer uma representação pessoal de como o autismo é manifestado em mim, retratarei alguns exemplos de como as características correspondem a esses critérios. Irei me ater aos aspectos enumerados no meu diário de bordo. Critério A: Tenho prejuízo persistente na interação social, sendo essa uma das minhas dificuldades de realizar a pesquisa de campo. Para configurar o autismo as características são mais intensas do que das pessoas

neurotípicas, então não se trata de uma mera timidez, mas uma ansiedade social intensa e após longos períodos de interação eu tenho uma sobrecarga sensorial, no qual que preciso um longo período para recarregar as minhas energias. Critério B: Dificuldade de lidar com mudanças simples na rotina, persistência em aderir regras. A título de exemplificação é quanto a escrita desta dissertação, algo simples para uma pessoa neurotípica, para mim se trata de um padrão ritualizado, sempre prefiro os mesmos lugares para escrever, que sejam confortáveis e com o mínimo de barulho, visto que tenho hipersensibilidade auditiva, então o mínimo de barulho na hora que eu estou escrevendo me causa desconforto e irritação. Critério C e D: Esses sintomas acima mencionados, assim como outros não citados estão presentes desde a infância, me causando prejuízos e dificuldades nas interações sociais.

Outro ponto que merece atenção é quanto ao nível de suporte necessário à pessoa autista, anteriormente era utilizado grau leve, moderado e grave. Essa classificação está ultrapassada e incorreta pelos conhecimentos contemporâneos, não podendo ser medido como se fossem meros estágios facilmente enumerados e hierarquizados. Para quem é diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista, o autismo nunca é propriamente “leve”, o que leva também a compreensões moralistas das experiências, por exemplo, de crises experimentadas. Muito pelo contrário, até mesmo para pessoas diagnosticadas no nível 1 de suporte - o meu caso - é dispendioso, desgastante e exaustivo.

Para corroborar com a contextualização dos critérios presentes no DSM-5, a neurologista infantil Nicole Baumer, especialista em neurodesenvolvimento no Boston *Children's Hospital* em conjunto com a colaboradora convidada Julia Frueh, residente em neurologia infantil no mesmo hospital, afirmaram em um artigo publicado em novembro de 2021, *What is neurodiversity?*<sup>26</sup> (O que é neurodiversidade?), que:

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está associado a diferenças na comunicação, aprendizado e comportamento, embora possa parecer diferente de pessoa para pessoa. Pessoas com TEA podem ter uma ampla gama de pontos fortes, habilidades, necessidades e desafios. Por exemplo, algumas pessoas autistas são capazes de se comunicar verbalmente, têm um QI normal ou acima da média e vivem de forma independente. Outros podem não ser capazes de comunicar suas necessidades ou sentimentos, podem lutar com comportamentos prejudiciais e que afetam sua segurança e bem-estar e podem depender de apoio em todas as áreas de sua vida. Além disso, para algumas pessoas com autismo, as diferenças podem não causar sofrimento à própria pessoa. Em vez disso, o sofrimento pode resultar das barreiras impostas pelas normas sociais, causando exclusão social e desigualdade. [Tradução minha do texto original do inglês]

A finalidade de escrever toda a minha trajetória em busca de um diagnóstico, e também as características atuais associadas ao TEA pela psiquiatria, foi também com o intuito de problematizar e desmantelar o discurso

---

<sup>26</sup>Link: <https://www.health.harvard.edu/blog/what-is-neurodiversity-202111232645>. Data de acesso: 25 de agosto de 2023.

que está muito em voga hoje, que é o de contestar o diagnóstico de autistas. Tem sido muito comum menções depreciativas e deslegitimadoras mencionando que: “agora todo mundo é autista”, como se fosse acessível, comum e trivial receber um diagnóstico de TEA. Tais críticas também ignoram o sofrimento das pessoas em experimentar tais características no dia-a-dia e invalidam as suas buscas por práticas terapêuticas no campo das ciências psis ou de terapias alternativas. Essas posições parecem corroborar com a ideia moralista e do senso comum de que levar a sério problemas e características de saúde mental fosse algo desnecessário, desaconselhável, vergonhoso, ou mera “frescura”.

É importante ressaltar que eu não estava à procura desse diagnóstico específico, mas eu queria compreender as minhas características e o porquê o meu corpo se comportava dessa maneira diante de tumultos, barulhos, dificuldade com interação social e por ter essas características desde a infância. Pois esse é um dos fatores para o diagnóstico em TEA, uma vez que o autismo é apontada pela psiquiatria como uma condição do neurodesenvolvimento presente desde o nascimento, mas que possui relativa maleabilidade.

Como mencionei, de certa forma o meu trabalho de campo - e todos os desafios que ele me proporcionou em termos de exigências de interação social - também produziu uma urgência por um itinerário terapêutico que me auxiliasse a compreender e lidar com esses desafios que eu vivenciei. Em certos aspectos, o meu campo, além dos saberes biomédicos e das ciências *psi*, também contribuiu para esse processo de subjetivação como pessoa autista.

Dito isso, com o meu diagnóstico em TEA eu tenho atravessado um processo de questionamento e reflexão em diversas áreas da minha vida. Isso se dá ao fato de que boa parte da minha vivência eu experimentei incertezas, angústias, medos em campos pessoais que eram difíceis de serem enfrentados. Para mim, ser diagnosticada em TEA me proporcionou uma coragem para encarar minhas maiores aflições. Porque eu não precisaria mais me equipar do meu disfarce, a máscara que eu criei para me adequar aos padrões estabelecidos. Eu agora possuo um “nome”, uma explicação, uma forma de dar inteligibilidade para um conjunto de experiência que produziu e continua a produzir intensas aflições, angústias e sofrimentos muito significativos por toda a vida.

Por isso, de certa forma, o meu mascaramento (*masking*) vai muito além de ocultar os meus sintomas, sendo, até certo ponto, a constituição de quem eu sou. Como eu disse anteriormente, sou boa observadora, através dessa minha característica eu reparei, identifiquei padrões, pratiquei e copieei ações, gestos, linguajar, expressões corporais, de modo a encobrir tudo aquilo que me destoava das outras pessoas. Logo, tenho revisitado diversos territórios pessoais para encontrar a minha verdadeira essência.

Essa prática de observar, aprender e copiar os padrões de comportamento de outras pessoas, é claro, também está presente, em outras características e decorrências, até entre minhas interlocutoras da Cultura de Baile, as quais aprendem as suas performances em grande medida a partir da observação de outras pessoas mais experientes na cena. É claro que esses aprendizados são de

caráter distintos, embora haja paralelos interessantes de serem considerados, como será abordado mais adiante.

No próximo subcapítulo serão analisados estes debates, dando destaques a minha performatividade identitária, o qual durante a minha trajetória me fez passar por uma pessoa neurotípica, seguindo a todos os parâmetros sociais. Também, abordarei o meu recomeço na construção e entendimento do meu processo de identificação.

### 2.1. *Renaissance* – Identidades em construção e sob rasura

No dia 28 de abril de 2023 eu havia marcado de me encontrar para conversar com a Andreia e esse encontro já estava previsto de acontecer, devido a nós duas termos firmado uma parceria em nossos trabalhos de campo. Assim, ela me auxiliaria com toda a sua experiência, contato e conhecimento acadêmico sobre as *balls* (bailes) e eu a ajudaria com o apoio na área de meu conhecimento que é o direito. Nesse aspecto nossas interações foram simétricas em termos das práticas de reciprocidade e de apoio mútuo ao longo da pesquisa de campo. Como a UFG fica muito longe da minha casa e eu não sei dirigir, Caio, meu companheiro, sempre se disponibiliza a me levar para as aulas. Com o intuito de aproveitar esse apoio que ele sempre me dá, marquei com a Andreia em uma

sexta-feira à tarde, no dia 28 de abril de 2023, sendo este o mesmo dia que eu fazia estágio-docente com o professor Camilo Braz na disciplina de Antropologia 1.

Quando estávamos acomodadas no local de encontro, ela começou a me passar várias informações sobre a Cultura de Baile e sobre as *casas* da cena. Eu fiquei agoniada porque sei que minha memória é péssima, eu estava sem o meu celular para anotar as palavras-chave e não me senti à vontade para tirar um caderno e anotar, pois em minha cabeça, Andreia poderia ficar um pouco desconfortável. Comentei com ela em um tom de brincadeira que eram muitas informações e eu estava sem celular, então por livre e espontânea vontade ela pegou o celular dela e começou a me enviar no *WhatsApp* as principais ideias e as informações que ela estava me passando. Eu estava observando já há um tempo sobre a sensibilidade e a generosidade da Andreia, pois ela compreende minhas limitações e me auxilia em tudo o que eu preciso e que está ao seu alcance.

Assim, eu mostrei a ela alguns artigos e livros sobre o tema dos marcadores sociais da diferença e interseccionalidade, questões que a interessavam acadêmica e politicamente. Ela por sua vez me contou um pouco sobre os títulos que as casas têm e qual a influência que eles exercem na Cultura de Baile em Goiânia. Logo após a nossa conversa ela disse que precisava “pegar” o ônibus que estava quase passando, falei que a acompanharia já que eu estava esperando iniciar a aula que eu faço estágio.

Eu sempre quis conversar com a Andreia sobre algumas questões que rondam a minha mente em relação aos meus questionamentos sobre o meu gênero, devido eu nunca ter me encaixado completamente no gênero feminino. Como Andreia se tornou uma amiga ao longo do campo, e se identificando na época como uma pessoa não-binária, me sentia impelida a conversar com ela sobre esses meus questionamentos. Porém, até mesmo os modelos de não-binaridade eu não me sinto adequada completamente. Não sei se é pelo fato de ainda não compreender a identidade não-binária ou por conta dos pronomes me gerar uma série de questionamentos: Preciso utilizar todos os pronomes? Ele/Dele, Ela/Dela e Elu/Delu? É necessário utilizar os pronomes contrários ao que foi instituído a mim no meu nascimento? Essas questões ainda são um tanto quanto confusas para mim e eram ainda mais durante meu campo.

Para além desses questionamentos, tem o fato de eu pesquisar sobre gênero, então fico me perguntando: será que eu estou confundindo as coisas? E se as pessoas pensarem que eu estou querendo me encaixar para ter “lugar de fala”? Será que eu me interessei pelo estudo de gênero justamente para tentar compreender as minhas próprias indagações e questionamentos de gênero? Sempre que me refiro a mim, eu menciono que sou uma pessoa, porque é a única definição que mais me contempla. Não me encaixo no gênero feminino, masculino e eu não sei se existe uma definição de como eu me “sinto”. Os meus questionamentos, portanto, não se encerram somente na experiência do autismo: **sou uma pessoa, uma pessoa autista, uma pessoa neurodivergente e uma**

**pessoa em construção** [grifo meu]. E meu campo, que envolve inúmeras pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários, dentre outras identidades de gênero e orientações sexuais), também contribuiu para eu desenvolver meus questionamentos e reflexões de identidades sob rasura (Hall, 1998).

Com todas essas reflexões passando nos meus pensamentos, no ímpeto, criei coragem e perguntei todas essas questões para ela e me abri pela primeira vez. Foi aí que ela confessou que passou pelas mesmas dúvidas, angústias e ansiedades. Acontece que, na época que a Andreia começou a questionar o seu gênero, ela também estava pesquisando sobre a temática, já que os seus estudos acadêmicos também são voltados a área. Assim, até os conflitos que eu estava passando em relação a minha pesquisa, ela também havia experimentado. Nossa conversa sobre o assunto que nos é comum nos aproximou de várias formas.

O conselho que ela me ofereceu, no entanto, foi ter paciência, porque esse processo é muito longo e a pressa atrapalharia a reflexão e o entendimento processual da minha identidade de gênero. Ela compartilhou que na época dos seus questionamentos as pessoas perguntavam o seu gênero e ela fazia um rodeio, tentando explicar o que nem ela sabia ao certo, sendo que ela poderia somente responder que não sabia. Por isso ela me orientou que eu não preciso ter todas as respostas e nessa hora senti como se tivesse tirado um peso das minhas costas. Primeiro por ela compreender o que eu estava sentindo e segundo por eu perceber que esses questionamentos são mais comuns do que eu imaginava.

Conversamos um pouco e nos despedimos, eu voltei para a minha sala que faço estágio-docente para esperar a aula começar, o sentimento era de alívio e de alegria em poder compartilhar minhas angústias com alguém que passou pelas mesmas incertezas quanto a sua identidade. Meu trabalho de campo, portanto, possuiu múltiplas potências e também contribuiu para me constituir de variadas maneiras, sobretudo pensando em identidades sob rasura e plásticas ao longo do curso da vida.

\*\*\*

O texto acima se trata de um fragmento adaptado do meu diário de campo. Sendo este um dos momentos mais delicados com a minha interlocutora e ainda mais aflitivo compartilhá-lo nesta dissertação. Após esse período de troca, o nosso vínculo se estreitou de uma forma tão “natural”, criando uma conexão de amizade e confiança que eu nunca havia experimentado.

Como eu disse anteriormente, tenho extrema dificuldade de fazer e manter amizades. O meu maior desafio é criar vínculo com as pessoas. O segundo obstáculo é manter aquela relação “ativa”, pois de acordo com a regra da amizade para que você mantenha a conexão, a alimente, é necessário que haja o envio de mensagens e encontros regularmente. A partir desse momento já iniciam os meus problemas, qual a periodicidade dessas mensagens? Como iniciar uma conversa?

A iniciativa de começar uma conversa pode ser só de uma pessoa ou isso a caracteriza como inconveniente? Sinto como se estivesse em um jogo e eu não entendesse as regras.

Para piorar a situação, por vezes eu afasto do convívio social. Por diversas vezes colegas me enviam mensagens e eu só vou responder dias depois, pois necessito de um período ausente de relações. Como se eu precisasse de um tempo para recarregar minhas energias e para isso eu preciso me afastar das interações sociais. Por isso a minha relação com a Andreia é tão simples e verdadeira. Não conversamos regularmente, não existe uma cobrança entre nós quanto a isso. Porém, sei que a nossa amizade permanece sólida e sempre que precisamos conversar, marcamos de nos ver pessoalmente na UFG, por ser um local que nós frequentamos.

Por ter criado esse vínculo de amizade com a Andreia, eu decidi compartilhar os meus questionamentos quanto a minha identidade de gênero. Essa conversa que eu tive com a Andreia foi transcrita como um trecho do meu diário de campo, acontece que, as minhas incertezas quanto a minha identidade advêm muito antes desse diálogo. Desde muito nova eu tive conflitos com os meus pais que são religiosos, eu fui criada desde o meu nascimento na igreja evangélica Assembleia de Deus em Goiânia. Logo, toda a ideia sobre ser uma menina e um menino seguiam aquele padrão cristão, com modelos e papéis a serem cumpridos rigidamente. Acontece que eu nunca obedecia às regras impostas pelos papéis de gênero e odiava quando os meus pais tentavam me colocar em uma “caixinha, a

caixinha da feminilidade”. É claro que a expressão de gênero, não necessariamente tem a ver com a identidade de gênero ou com a orientação sexual, é mais sobre o processo de identificação<sup>27</sup>. Durante um tempo eu pensava que estava mais para a não-binariedade do que para a cisgeneridade.

Entretanto, havia mais uma questão, eu gostava dos meus pronomes, não queria mudar nada em relação ao meu corpo, mas havia um incômodo que eu não conseguia decifrar o que era. Quando eu comecei a estudar sobre gênero e sexualidade foi o momento que eu me senti ainda mais confusa quanto a minha própria identidade. Porque a impressão que eu tinha e ainda tenho é que de qualquer jeito é necessário seguir um conjunto de regras para se identificar com determinada identidade de gênero.

Em uma das aulas com o Prof. Dr. Luiz Mello no Mestrado de Sociologia na matéria Teoria Sociológica II, ele levantou essa questão e começamos a debater sobre essa temática. Ele nos mostrou que a sigla LGBTQIAPN+ e as pessoas que se identificam com uma identidade de gênero e/ou orientação sexual, também possuem parâmetros e modelos pré-estabelecidos a serem seguidos. É como se uma pessoa saísse de uma caixa da cisgeneridade e entrasse em outra que também possui suas próprias diretrizes. Em uma perspectiva foucaultiana, não se está além do poder, ele nos constitui e ninguém está alheio a normatividades variadas (Foucault, 1988).

---

<sup>27</sup> Sobre a relação de (in)adequação entre sexo assignado no nascimento, identidade de gênero, expressão de gênero, identidades sexuais, práticas sexuais e desejo, consultar Judith Butler (2003) em “Problemas de Gênero”.

O médico psiquiatra autista e transmasculino Tales de Vasconcelos Travassos<sup>28</sup> (2023), por exemplo, em seu trabalho de conclusão de residência médica em psiquiatria da Secretaria de Saúde de Recife intitulado: “Transtorno do Espectro Autista em adulto transgênero não binário: um relato de caso”, aborda um episódio de um paciente que procurou o ambulatório para iniciar o processo de hormonioterapia com testosterona e ao longo das consultas foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista. O paciente em questão traz o seguinte depoimento:

Sobre a sexualidade, fala que não se vê como homem e nem como mulher, “já pensei que era bissexual, depois lésbica, depois assexual”, e disse ter iniciado uso do binder (peça de vestuário que pressiona as mamas com objetivo de escondê-las) em 2017. Em 2018, começou a se identificar com um nome masculino, porém afirmou ainda não ser o que desejava ao se incomodar com a identidade de gênero e nome masculinos. **“Foi como se tivesse saído de uma prisão e entrado em outra”, disse. Entendia a binariedade como caixas que aprisionam as pessoas.** [grifo meu] (Travassos, 2023, p. 12)

Outra explicação do Prof. Dr. Luiz Mello é que essa categorização facilita para que a luta por direitos seja mais palpável para a defesa da agenda política. Esse conceito poderia ser compreendido através da ideia de *essencialismo estratégico*, formulado pela filósofa feminista Gayatri Spivak (1985). Essa discussão é respaldada a partir dos discursos feministas ao notarem que o conceito

---

<sup>28</sup> Agradeço ao Tales por me enviar o seu trabalho de conclusão de residência e pelas trocas que tivemos.

da categoria mulher não possui uma definição estável, mas ela é definida por meio do seu não lugar, conforme discorre Denise Riley em “*Am I That Name? Feminism and the Category of “Women in History”*” (‘Eu sou esse nome? Feminismo e a categoria de ‘mulheres na história’) de 1988, que a classificação “mulheres” é construída discursiva e historicamente, sempre possuindo relação com outras classificações que também se transformam. Desse modo, a categoria “mulheres” é um agrupamento variável, as quais os sujeitos podem estar estabelecidos em modelos completamente distintos.

Logo, por não haver uma definição ontológica do conceito “mulher” é utilizado a categorização “mulher” para avançar em pautas políticas, ou seja, na busca por direitos sociais “igualitários”. Porém, conforme preconiza a socióloga Berenice Bento (2015), no *I Seminário Queer* em São Paulo, esse Essencialismo Estratégico, o qual a socióloga é contra, produz um nível de apagamento e silenciamento. Porque para constituir a “mulher” como sujeito oprimido em uma relação de gênero, ela precisa essencializar o outro que, no caso, é o homem, silenciando multiplicidade de vozes que se entende como “os femininos”. Por isso, para ela, deve-se pensar em outras formas de fazer política que não estejam pautadas em práticas baseadas no essencialismo estratégico.

Da mesma forma, no empenho em se buscar os direitos sociais a comunidade LGBTQIAPN+ também têm baseado, até certo ponto, no essencialismo estratégico. O problema se inicia quando pessoas que não se encaixam em determinada definição acabam não ocupando um lugar, limitando

as múltiplas concepções de identidade de gênero e orientação sexual. Tanto é que essas expressões de gênero e/ou orientação sexual variam, a depender da localidade que essas pessoas estejam inseridas.

A antropóloga Margaret Mead (1978), por exemplo, em sua clássica obra “Sexo e temperamento”, realiza um trabalho fantástico nas temáticas que aborda, as quais são iniciadas antes mesmo do advento dos estudos feministas de segunda onda. Mead (2009) demonstra que os papéis de homens e mulheres são instituídos por constructos socioculturais, variados e mutáveis historicamente, conforme corrobora em seus estudos:

Uma sociedade destituída de uma rígida dicotomia de sexo diz simplesmente à criança que denota traços do comportamento aberrante: “Não aja dessa forma”, “As pessoas não fazem isso”, “Se você se comportar desse modo, ninguém vai gostar de você”, “Se você se portar dessa forma, nunca se casará”, “Se você se portar assim, as pessoas o enfeitiçarão”, e assim por diante. Invoca – como do pendor natural da criança a rir, chorar ou zangar-se em lugares impróprios, a ver insultos pretendido – considerações da conduta humana como socialmente definidas, não de conduta determinada pelo sexo. O estribilho da canção disciplinadora é: ‘Você não será um verdadeiro ser humano, a menos que suprima essas tendências incomparáveis com nossa definição de humanidade’<sup>29</sup>. (Mead, apud Krausz, 2000, p. 282).

---

<sup>29</sup> A citação acima foi retirada de uma tradução de Rosa krausz, Revisão: Dora Ruhman, Fany Kon, Geraldo Gerson de Souza e J. Guinsburg; Produção: Ricardo W. Neves e Adriana Garcia. Publicada na Editora perspectiva, Coleção Debates. (Krausz, 2000, p. 282)

Ademais, para mim, os estudos de gênero estão intrinsecamente relacionados aos estudos sobre deficiências, de modo que, os meus questionamentos sobre a minha identidade fizeram ainda mais sentido para mim quando eu fui diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista. Acontece que, quando descobri que era autista, eu conheci o que era o *masking* e a dificuldade com a compreensão e o manejo das regras sociais. Pelo fato de nós autistas não compreendermos como funcionam os padrões de comportamento e as regras impostas pela sociedade típica, algumas pessoas autistas têm dificuldade também de entender e performatizar como funcionam as normas de gênero<sup>30</sup>. Eu acredito que por isso eu também nunca me encaixei nos moldes impostos pela sociedade do que é ser uma menina/mulher. Desse modo, o *masking* ocorreu também pelo fato de eu passar toda a minha adolescência sendo o mais “feminina” possível,

---

<sup>30</sup> Estou baseando as minhas informações no artigo publicado no ano de 2020 na Revista *Nature*, realizada pelos autores/as Guerreiro Varun, David M. Greenberg, Elizabeth Weir, Clara Buckingham, Paula Smith, Meng Chuan Lai, Carrie Allison e Simon Baron-Cohen, com o título: “Taxas elevadas de autismo, outros diagnósticos de neurodesenvolvimento e psiquiátricos e traços autistas em indivíduos transexuais e de gênero diversificado” (tradução minha do texto original do inglês). Apesar do termo “traços autistas” atualmente ser um ponto em discussão, neste artigo ele se refere a pessoas que possuem características autistas, mas ainda não foram diagnosticadas. Ao final do estudo chega-se a seguinte conclusão: “Em conclusão, nosso estudo demonstra que indivíduos transexuais e de gênero diversificado têm elevado as taxas de diagnóstico de autismo, condições neurodesenvolvimentais e psiquiátricas relacionadas e traços autistas em comparação com indivíduos cisgêneros. Este estudo tem implicações clínicas ao destacar que precisamos melhorar o acesso aos cuidados e apoio personalizado para esta população desprivilegiada.” Há que se problematizar também, obviamente, a alta carga de patologização que essa associação entre dissidências de gênero e sexualidade e autismo produz. Link: <https://www.nature.com/articles/s41467-020-17794-1>. Data de acesso: 02 de fevereiro de 2024 (Tradução minha do texto original do inglês, revisado por Marília Ferreira). Aproveito a oportunidade para agradecer a minha amiga Marília Ferreira, mestranda do PPGS da UFG, pelo auxílio nos termos e expressões em inglês.

mascarando todo o meu desconforto com os padrões de gênero e tentando sentir que eu pertencia e correspondia às normas impostas socialmente.

De certo modo eu tenho a sensação de que eu estou “saindo do armário”. Não pela minha identidade de gênero, porque ainda estou tentando decifrar esses meus sentimentos e autoconcepções de não pertencimento a lugar nenhum, é preciso ter muita cautela com essa questão. Até porque as minhas indagações se misturam com as especificidades do TEA, compreender as regras sociais e as normas de gênero é um grande desafio para algumas pessoas autistas.

A minha impressão de “saída do armário”, fazendo uma analogia com a “epistemologia do armário”, diz respeito a minha compreensão e aceitação de que eu sou uma pessoa autista. Isso se dá ao fato de que toda a minha trajetória pessoal eu tentei me encaixar socialmente, me esforçando a compreender esse jogo difícil para ser jogado para mim, chamado de dinâmica das interações sociais. Por esse motivo, o meu diagnóstico trouxe uma sensação de alívio, o qual eu pude perceber que esse estigma<sup>31</sup> colocado sobre mim não dependia das minhas ações para que eu fosse aceita, mas sim de um acolhimento social que considerasse as minhas especificidades e um reconhecimento de quem de fato eu sou. Assim, **eu não preciso corrigir nada em mim, não tenho um “defeito” e eu não sou uma**

---

<sup>31</sup> De acordo com Erving Goffman em sua obra “Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, o sociólogo conceitua o estigma da seguinte forma (1981, p. 08): Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças.

**“peça que precisa de conserto”. Eu sou uma pessoa completa que dispõe de uma corporeidade singular que me oferece também potencialidades de agenciamentos. [grifo meu]**

Essas sensações de inadequação social também foram relatadas por interlocutoras da cena da Cultura de Baile em meu campo, mas no caso delas, muitas vezes essa percepção tinha relações mais diretas com dissidências em termos de performatividade de gênero e também com dissidências sexuais. Os estigmas e o preconceito homofóbico, lesbofóbico e transfóbico, entre outros processos discriminatórios como o racismo e as desigualdades socioeconômicas levaram a várias de minhas interlocutoras a experimentarem as suas próprias experiências de “masking” e de “armário”. Não estou afirmando aqui, é claro, que se tratam da mesma ordem de “maskings” e de “armário” como as que experimentei ao longo da vida, mas há aproximações significativas que não podem ser ignoradas.

Nesse sentido, a teórica queer norte-americana Eve Kosofsky Sedgwick (1993), com o seu trabalho “A epistemologia do armário” ao explicar a simbologia do armário, demonstra que o conceito não pode ser comparado a outras opressões para além da homofobia, porém é preciso compreender seu posicionamento, que se refere a comparações descontextualizadas:

Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões. O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma

que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delineiam as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física<sup>32</sup>. (Sedgwick apud Dentzien, 2007, p. 32)

Logo, existem alguns tipos de opressões que advém pelo fato da deficiência ser considerada, pelo menos em algumas de suas manifestações, invisível, como é o caso do Transtorno do Espectro Autista. Por isso que o diagnóstico do TEA além de me conceder um melhor entendimento sobre as minhas características, em meio às angústias, receios e dúvidas, também me possibilitou passar pelo processo de compartilhar com as pessoas mais próximas o meu diagnóstico, sendo sempre muito delicado para mim, pelo receio de ser invalidada ou julgada.

É importante destacar, não tenho intenção de comparar aqui as pessoas LGBTQIAPN+<sup>33</sup> ao Transtorno do Espectro Autista, mas sim de realçar certa semelhança dos sentimentos de angústias, medos e receios de não me encaixar em

---

<sup>32</sup> Trecho da obra de Eve Kosofsky Sedgwick (1993), o qual foi traduzida por Plínio Dentzien e revisada por Richard Miskolci e Júlio Assis Simões. Publicação na revista Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 28, p. 19–54, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso: 16 de janeiro de 2024.

<sup>33</sup> Aproveito para agradecer as importantes contribuições do meu colega Leandro Lima, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG. Em conversa, Leandro, um homem gay, reforçou uma ressalva de tomar o devido cuidado da minha analogia da epistemologia do armário com o Transtorno do Espectro Autista, não parecer uma comparação desatenciosa com as opressões a comunidade LGBTQIAPN+. A própria Sedgwick, no texto mencionado, talvez alerta sobre o uso excessivo da metáfora do armário para outros processos para além de questões relacionadas a gênero e sexualidade, pois isso poderia neutralizar a potência do uso político da noção.

padrões e regras sociais neurotípicas. Após o diagnóstico a sensação é que eu estou de certo modo “livre” para me expressar da maneira que eu me sinto mais confortável. Portanto, ao utilizar a metáfora do armário para problematizar a minha experiência de identificação como pessoa autista, eu não pretendo neutralizar a potência da metáfora quando do seu uso relacionado às experiências, por exemplo, da referida comunidade, mas traçar paralelos e aproximações.

Tenho plena consciência que receber um diagnóstico e “assumí-lo” para as outras pessoas, me coloca em algumas situações de vulnerabilidade e até mesmo de opressão como pessoa neurodivergente. Ainda mais pelo fato de o TEA, pelo menos em algumas das suas expressões, estar sendo denominado de uma “deficiência invisível”, logo, ele não pode ser “perceptível”, ainda mais o nível 1 de suporte. Por essa razão, todos aqueles que não fazem parte do meu círculo social próximo não compreendem o porquê me porto de determinada maneira. Com isso, por diversas vezes sou vista como mimada, nervosa, irritante, geniosa e eu só tenho a compreensão das pessoas quando comunico que sou autista. No entanto, quando revelo, por vezes sou interpelada com expressões do tipo: “Você não tem cara de autista”, “Mas o seu autismo é leve?”, “Mas você é tão inteligente!”.

Eu sempre me questiono quais referências os indivíduos têm sobre pessoas autistas, por eu ser nível 1 de suporte, isso me diferencia a tal ponto de ser “inteligente”? Assim, o meu autismo pode ser considerado leve? Mas leve para quem? Sempre que não suporto permanecer nos lugares por muito tempo, porque

algo me gerou gatilhos, sinto dores pelo corpo por andar sempre tensionada, ter dificuldades de interações sociais, não saber como me portar perante uma roda de conversa, eu refuto toda indagação do meu autismo ser “leve”. Assim, por diversas vezes eu prefiro ser considerada fresca, mimada e geniosa do que me identificar como autista e ser obrigada a ouvir frases assim.

É difícil explicar para neurotípicos o que é o autismo nível 1 de suporte, o porquê eu estou dentro desse espectro e os motivos que meus sintomas não são tão “aparentes” o tempo todo. É compreensível que não são todos que tiveram acesso às informações sobre o TEA, e quanto aqueles/as que me perguntam eu explico com a maior serenidade. Isso se dá pelo fato de, para grande parte dos autistas ser estimulante falar sobre suas neurodiversidades, é um assunto que nos deixa entusiasmados, pois entramos por vezes em hiperfoco com diversas temáticas e muitas vezes uma delas pode ser sobre o próprio Transtorno do Espectro Autista. Porém, costuma ser muito complexo explicar sobre o autismo para neurotípicos, visto que, as experiências de cada autista são únicas, por se tratar, como dito, de um espectro. Logo, de acordo com Anahí Guedes de Mello (2019, p. 61):

O fato de a deficiência trazer uma compreensão do mundo distinta de outras interpretações faz com que às vezes seja difícil de transmiti-la a pessoas não deficiadas. Não se trata de pessoas sem deficiência não entenderem as complexidades da experiência das pessoas com deficiência, mas sim de perceber que essa experiência é específica do indivíduo.

Assim, o meu corpo com TEA surge em campo também como uma espécie de produto de pesquisa, à medida que coloco a minha visão de mundo no meu fazer etnográfico, produzindo uma etnografia idiossincrática, autista. Ao adentrar em campo, levo comigo, toda a minha “bagagem” de características neurodivergentes e por ser afligida por diversas vezes pelas minhas particularidades, sinto receio e ansiedade, pois eu sei como o meu corpo se comporta, mas não tenho controle das reações daqueles/as que estão ao meu redor. Desse modo, essa dissertação é um produto das minhas experiências em campo, de modo que, as minhas percepções são fundamentais para a análise etnográfica, sendo portanto, fruto das minhas inseguranças, desafios e superações ao realizar a minha pesquisa.

Como eu pude vivenciar (e agora descrever e analisar) ser uma pessoa autista em meio a uma multidão de neurotípicos, nunca foi fácil. Até porque eu sempre me senti como se estivesse em uma peça de encenação quando vou me socializar com outras pessoas. *Não pode falar assim. Fale com tranquilidade para não transparecer ansiedade para as pessoas. Não fale alto, as pessoas não suportam gente escandalosa. Quando for se socializar com alguém, interaja e tente parecer uma pessoa amigável.* E isso eu fiz durante toda a minha vida, é cansativo e desgastante quando você precisa “ser outra pessoa”.

Durante a cena da Cultura de Baile percebi que havia outras cenas em jogo: eu, com todo o meu acanhamento (dificuldade na interação social) em fazer

novos contatos com aquelas pessoas que eu admirava e respeitava. E, de certa forma, várias das pessoas que fazem parte do meu campo e que precisaram “esconder” ou “disfarçar” as suas próprias divergências, no caso, em termos de identidades, por exemplo, sexuais e de gênero, também compartilhavam, em outros termos, dessa sensação de “encenação” para sobreviver. Embora sejam experiências distintas, há algo que nos aproxima em termos da necessidade de lidar com divergências sociais significativas com pessoas ditas “normais”.

Quando eu estava em campo, minhas interlocutoras sabiam que eu era neurodivergente (TDAH, como apontei, foi o meu primeiro diagnóstico), porém eu tinha dificuldade de compartilhar o meu diagnóstico com as outras pessoas da Cultura de Baile. Outro problema que eu passava e ainda passo é o fato de não ter nada que me “identifica” como pessoa neurodivergente, seja como TDAH inicialmente, quanto posteriormente com o autismo. A única forma que as pessoas me identificam é pelo meu crachá de identificação de pessoa autista que adquiri há pouco tempo e que chegou a minha residência no dia 13 de setembro de 2023.

Figura 3: Cartão de Identificação – cordão de girassol.



Fonte: Fotografia do meu acervo pessoal.

Para que todos/as vejam: Na imagem é possível notar um crachá de identificação sobre uma mesa amarela. Este crachá possui um cordão verde com girassóis amarelos, no cartão de identificação está escrito Autista CID 11 6A02.0 e logo abaixo possui uma foto minha. Sou uma pessoa branca, cabelos castanhos na altura dos ombros, utilizo óculos na cor azul e estou vestida com uma regata branca e uma jardineira azul clara. Embaixo da minha foto está escrito o meu nome Brendaly Santos de F. Januário.

Ocorre que, mesmo que eu esteja utilizando o meu cordão de girassol com CID 11 6A02.0, escrito: *Autista*, que foi uma informação que eu fiz questão de colocar para as pessoas me identificarem, ainda assim, eu passo por situações de me confundirem com os funcionários de uma loja e me perguntarem: Você trabalha aqui? Isso acontece pelo fato de eu estar com um crachá e as pessoas não identificarem que o cordão de girassol significa que aquele que utiliza este cordão possui uma “deficiência invisível”, que é, de certa forma, o meu caso. Adianto que pretendo futuramente desenvolver mais profundamente uma análise das relações entre os estudos socioantropológicos sobre autismo na conexão com os estudos mais amplos e mais antigos sobre estudos socioantropológicos sobre deficiências, questão que infelizmente não terei condições de desenvolver aqui.

Dessa forma, o meu cordão de girassol é o objeto que me identifica e me caracteriza enquanto pessoa autista. Quando eu não estou usando o cordão, eu me “faço passar” por uma pessoa neurotípica, ou seja, que possui o funcionamento neurológico típico, diferente do termo neurodivergente definido por Baumer & Frueh (2021):

A neurodiversidade descreve a ideia de que as pessoas vivenciam e interagem com o mundo ao seu redor de muitas maneiras diferentes; não existe uma maneira "certa" de pensar, aprender e se comportar, e as diferenças não são vistas como déficits. A palavra neurodiversidade refere-se à diversidade de todas as pessoas, mas é frequentemente usada no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como outras condições neurológicas ou de desenvolvimento, como TDAH ou com dificuldades de aprendizagem. O movimento da neurodiversidade surgiu durante a década de 1990, com o objetivo de aumentar a aceitação e inclusão de todas as pessoas ao mesmo tempo que abraça as diferenças neurológicas. [tradução minha do texto original do inglês]

A minha experiência com o Transtorno do Espectro Autista ainda é muito recente, por isso ainda não presenciei muitas formas de capacitismo, porém com o meu cartão de identificação tive o apoio e o suporte de muitas pessoas que me identificaram como uma pessoa neurodivergente. Como foi o caso de ser chamada nas filas preferenciais e não precisar enfrentar longas filas ou o dia em que eu tive o suporte de uma mãe autista quando eu estava quase tendo uma crise de *meltdown* por não ter o apoio do meu plano de saúde que se negava a tratar o meu caso como prioridade para que eu conseguisse iniciar as minhas terapias.

Para explicar o que eu teorizo como *passabilidade-neurotípica* dialogarei brevemente com os estudos da teórica feminista e queer Judith Butler (2003). Bom, o intuito nesse momento era de discorrer sobre o conceito de performatividade de gênero da autora, se não fosse a obra que tem acontecido no apartamento acima ao meu e ter dificultado muito a produção deste ponto do texto. A ideia aqui, portanto, é demonstrar como algumas ocorrências que acontecem no

dia a dia podem me tirar do eixo na escrita desta dissertação. “*Vruuum, Tatatata*”, onomatopeias dos barulhos que nem o melhor abafador de sons consegue reduzir os danos gerados pela obra.

Sei que esses ruídos são um incômodo para todas as pessoas, inclusive para as neurotípicas e tenho a consciência de que não posso simplesmente pedir para que o vizinho interrompa a sua obra ou ignorar a elaboração de algo relevante para a minha dissertação. Porém, o que para alguns pode soar como “pequenos inconvenientes” para mim pode ser um gatilho para uma crise sensorial que impossibilita ou debilita muito os meus agenciamentos. Não consigo ler um texto, nem escrever sobre o conceito que eu tinha me programado a teorizar e a irritabilidade juntamente com o cansaço ficam crescentes. Todavia, resolvi narrar sobre esse acontecimento que faz parte do meu cotidiano e de muitas pessoas autistas.

Figura 4: Abafadores de ruído.



Fonte: Fotografia do meu acervo pessoal.

Para que todos/as vejam: Na imagem é possível observar três abafadores de ruídos. Da esquerda para a direita, o primeiro abafador possui a cor vermelha, conta com haste metálica preta e com acolchoado para o conforto na cabeça, o nível de redução de ruídos é de 21dB, sendo este o abafador mais potente dos três. Ao lado, existe um par de protetores de ouvido, sua nomenclatura se difere por ser do tipo intra auricular, possui a cor preta e está guardado em uma caixa própria. O último abafador apresenta a haste almofadada na cor azul clara, do lado contém desenhos abstratos de múltiplas cores.

Após um período recarregando minhas energias, resolvi voltar para escrever o que eu tinha proposto a fazer. Somente no dia seguinte ao barulho da obra que eu consegui recuperar as minhas forças. Me parece de suma importância relatar esses “imponderáveis” da vida real de uma socióloga autista, como maneira de marcar esta etnografia efetivamente das cores do autismo com o qual vivo. Por qual razão devemos extirpar de nossos textos essas situações que nos afetam profundamente a nossa capacidade de ação, de reflexão, análise e de escrita? Afinal, isso tudo também faz deste texto, um texto “autista”.

Quando me enfrento com situações como a do barulho da obra narrado, a sensação que eu tenho é de que um aparelho ultramoderno foi inserido em minha pele, sugando toda a minha energia, o cansaço é tão intenso que sempre que isso acontece eu preciso descansar ou apenas me isolar. Se porventura eu não adotar essas estratégias e continuar próximo aos estímulos eu tenho um *shutdown*, que nesse caso o meu corpo entra em uma espécie de “colapso” e cessa todo tipo de resposta, é como se fosse um computador que sofre um “apagão”. Este termo se refere a uma analogia ao comando utilizado na área da informática, através do

qual é enviado ao sistema operacional, Windows por exemplo, a instrução para que ocorra a finalização de todas as funções que estão em execução. Neste momento, o computador é desligado<sup>34</sup>.

Devido eu estar me sentindo melhor neste momento, irei retornar à apresentação do conceito de performatividade de gênero de Judith Butler (2003). Apesar de ter lido as obras de Butler (2003), assistido a aulas no mestrado que abordavam os seus principais conceitos, sempre tive muita dificuldade de compreender as suas ideias. Isso não se dá ao fato de seus trabalhos serem inacessíveis, que é algo que sempre critiquei da linguagem acadêmica, de restringir o conhecimento somente para a comunidade universitária. A dificuldade de compreensão no caso da Butler (2003) ocorre por outros motivos, dentre eles estão as incontáveis fontes que a filósofa se inspira para teorizar os seus conceitos.

As maiores influências de Butler (2003) são as obras do filósofo Michel Foucault e do pensador francês Jacques Derrida, por terem grande prestígio nos pensamentos da filósofa, boa parte das pessoas a classificam como pós-estruturalista, devido esta ser a sua “escola de pensamento”. Todavia, ela possui diversas outras inspirações, como os trabalhos das pensadoras feministas como a antropóloga norte-americana Gayle Rubin, a filósofa existencialista Simone de Beauvoir e as filósofas francesas contemporâneas Luce Irigaray e Monique

---

<sup>34</sup> Este conceito foi elaborado com o auxílio de Caio, meu companheiro, por conta da sua formação ser em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e por exercer suas atividades na área. Aproveito o momento para agradecer este apoio e pela orientação nas terminologias que não são da minha área de conhecimento.

Witting. A importância de outros pensadores na construção de suas ideias continua, como é o caso da teoria psicanalista com a obra de Sigmund Freud e de Jacques Lacan. Também é possível notar que por diversas vezes Butler referencia os escritos de Louis Althusser, ou seja, a influência marxista está presente em sua obra.

Conforme preconiza a professora de inglês Sara Salih (2016) na obra “Judith Butler e a Teoria Queer”, a filósofa Judith Butler (2003) não pode ser classificada nem como “pós-estruturalista”, “foucaultiana”, “freudiana”, “marxista” e até mesmo como uma “feminista” (o que eu acho difícil de concordar devido a sua relevante contribuição aos estudos feministas). Em vez de classificá-la, a autora sugere mencionar que Butler possui conexões com essas teorias, porém não se associa mecanicamente a elas, somente utiliza as abordagens teóricas em diferentes posições e onde pareça mais oportuno.

Inclusive, Salih (2016) foi uma referência dentre as inúmeras contribuições que a banca de qualificação me sugeriu. Deixo aqui o meu agradecimento ao meu coorientador Dr. Luis Antônio Bitante, por ter me sugerido essa obra. A menção à autora ocorreu pelo fato da banca de qualificação ter me perguntado se eu iria utilizar a filósofa Judith Butler (2006) na minha escrita da dissertação. Prontamente eu mencionei a minha dificuldade de compreender as suas ideias, foi então que o meu coorientador me indicou a obra de Sara Salih (2016), bem como os estudos de Guacira Lopes Louro (2016), sendo esta última responsável pela tradução desta obra.

Logo no início dos seus escritos, Salih (2016) explica que não possui o intuito de definir as teorias de Judith Butler (2003), pois isso iria contra as ideias da filósofa. Isso porque Butler (2003) em muitos aspectos da sua obra não define suas ideias ou ao menos responde suas próprias indagações, o que muitas vezes deixa o/a leitor/a em confusão por não ter a sua dúvida sanada, o qual foi levantada pela própria autora. Acontece que faz parte do estilo de escrita da Butler (2003), o seu intuito não é de ter todas as respostas, mas sim de trazer questionamentos válidos à reflexão.

Dentre as notáveis colocações da autora sobre Butler (2003) em “Problemas de Gênero”, eu não tinha compreendido alguns conceitos quando realizei as minhas reflexões sobre a obra. Dentre os conceitos está a teoria da performatividade e do armário, sendo que ambas estão relacionadas. Os primeiros estudos feministas possuíam o entendimento de que o sexo era algo que poderia ser visto como “natural” e o gênero “cultural”, mobilizando a dicotomia clássica entre natureza e cultura, acompanhada de outras dicotomias como mulher x homem, privado x público, etc.

Como vimos anteriormente, já nos anos de 1980 nos discursos feministas não havia uma estabilidade absoluta para a definição da categoria “mulher”. Assim, teóricas como Eve Sedgwick, Gayle Rubin e Judith Butler começaram a desenvolver tal instabilidade dessa fonte, contribuindo para o que hoje conhecemos com teoria *queer*, a qual surgiu através de uma aliança das teóricas feministas, “pós-estruturalista” e psicanalíticas, entre outras, que investigavam a

categoria do sujeito, com o intuito de afirmar que havia uma “indeterminação e instabilidade de todas as categorias sexuais e ‘generificadas’” (Salih, 2016, p. 15). A palavra *queer*, aliás, advém de uma apropriação subversiva do termo que era considerado um insulto, utilizada por diversas vezes para nomear pessoas consideradas “estranhas”, sobretudo pessoas dissidentes em termos de gênero e sexualidade. Com isso, a teoria *queer* reivindicou o uso dessa palavra para designar um movimento que não está preocupado com a estabilidade e a fixação das categorias identitárias.

Para Butler (2003), portanto, a composição do sujeito por meio do sexo e do gênero poderia ser compreendida, entre outras questões, como o produto das instituições e não a causa delas. Desse modo, os indivíduos não criam ou causam as instituições, mas sim são constituídos e formulados por elas. Assim, tudo aquilo que conhecemos como sexualidade, gênero e sexo são frutos desses discursos que nos categorizam, ou seja, somos “falados, moldados e classificados” por meio da linguagem que advém antes mesmo da nossa constituição como sujeito.

Possuindo essas bases epistemológicas, para Butler (2003) a noção identitária do sujeito é performativa. É claro que devemos ter um cuidado ético com os estudos feministas anteriores a esse conceito, não devemos ter a prepotência de invalidar as considerações e produções das feministas conhecidas como o movimento de primeira e segunda onda. Muito pelo contrário, é necessário reverenciá-las devido suas inúmeras contribuições e abertura de caminhos que hoje podemos percorrer. É interessante aqui também aproximar a

ideia de performatividade de gênero da ideia de que outros processos hegemônicos de apresentação de si também passam pela ideia de performatividade, para além mesmo do gênero, como é o caso tanto da ideia de “neurotípico”, quanto de “neurodivergente”. Há algo performático também em ambas as categorias e que pretendo analisar mais a fundo em futuras oportunidades.

Com o intuito de descrever as categorias identitárias do gênero, Butler (2003) recorre à ideia do armário. Embora mais a frente em seu livro *“Bodies That Matter: On the discursive limits of sex”* (2011), a filósofa refute essa analogia, irei me ater a ela para teorizar alguns conceitos. Ela demonstra que o “fazer” do gênero, ou seja, a sua expressão de gênero pode ser traduzida como uma metáfora do armário, onde a escolha da peça pode ser comparada a definição do seu visual corporal. É claro que essa “escolha” não é livre e ilimitada, mas está restrita ao número de peças disponíveis no guarda-roupa.

Em termos de pensar agenciamentos e constrangimentos sociais, de forma similar eu me sinto dessa maneira ao conviver com as pessoas e precisar “fazer o social”. De certa maneira, para me adequar às regras neurotípicas, eu precisei me “camuflar” e escolher, por assim dizer, uma das “roupas” disponíveis no armário. Assim, eu performei por muito tempo, realizando o que eu chamo de *passabilidade-neurotípica*. Meu interesse nesse momento, portanto, é aproximar algumas das reflexões de Butler sobre performatividade de gênero, para pensar o

caráter reiterativo da normalidade neurotípica, sem ignorar que tal caráter também incide sobre as noções de neurodivergência.

Por ter sido criada desde a infância em um lar conservador e cristão, onde certas práticas e concepções “padrão” deveriam ser seguidas, sempre me comportei “como uma mocinha”. Ou seja, ser quieta, não dar trabalho, ser responsável, me diferenciar dos meninos com quem eu brincava. Sempre que eu obedecia, porém, sentia que eu não pertencia àquele padrão imposto. Sentia que produzia um personagem para me encaixar socialmente, para ser aceita, porque apesar de ser uma criança, eu também tinha o desejo de pertencimento social. Porém, esses significantes impostos, me moldaram e, até certo ponto, “definiram” quem eu sou, logo, eu era conhecida como a menina mais quieta da escola.

Assim como há uma espécie de pedagogia de gênero, através das práticas reiterativas intrínsecas a performatividade de gênero analisadas por Butler, seria possível afirmar existir também uma *pedagogia da neurotipia* em que cada ação e comportamento vistos como “atípicos”, “esquisitos”, “aberrantes”, “bizarros”, “destoantes” são apontados, destacados, censurados, corrigidos, ridicularizados, de maneira a conduzir quem é objeto destas práticas disciplinadoras vistas como adequadas e normalizadas. Assim que, se há performatividade de gênero de maneira a produzir um sujeito inteligível e generificado, seria possível afirmar também a existência de uma *performatividade neurotípica* desde a mais tenra infância e tais performatividades se misturam e se conectam com variadas outras

práticas disciplinadoras que docilizam o sujeito. Tais práticas, ao mesmo tempo que o submetem ao controle, também o produzem o sujeito.

Nesse sentido, antes de adentrar no colégio, por volta dos 5 anos de idade, na fase de alfabetização, minha mãe me deu instruções e eu me lembro delas como se fosse hoje. As principais eram: - *Não dê um “piu” dentro da sala de aula e não fica levantando-se para ir ao banheiro.* Como o autismo já estava presente desde a infância, embora eu não soubesse disso, eu segui as regras à risca, eu era literal. Dessa forma, eu não falava uma palavra na escola, me comunicava por mímica com os colegas e não ia ao banheiro no meu primeiro ano do colégio. Como eu seguia o padrão de menina comportada, obediente e disciplinada, meus pais nunca desconfiaram do meu autismo, afinal, para olhos desatentos, eu parecia em conformidade tanto com a performatividade de gênero quanto à performatividade neurotípica.

Até os meus quatro anos de idade, antes de entrar para a escola, eu era conhecida por ser uma criança muito brava e muito tímida. Até hoje aqueles/as que me conheceram na infância comentam dessas minhas características marcantes. Porém, com o tempo eu passei a perceber que essas minhas atitudes eram recriminadas pelos meus pais e não eram socialmente aceitas e foi nesse período da minha vida que comecei a fazer o *masking* (mascarar os meus sintomas do autismo). Assim, eu passei a “performar” e parecer uma menina calma e disciplinada fora de casa e no conforto do meu lar era a criança nervosa, que se irritava com pequenas coisas. Meus pais não entendiam o porquê de eu ser daquela

forma, atribuíram ao fato de ser o meu “jeitinho” e o meu temperamento. Recordando o episódio em que fui diagnosticada com bipolaridade e Transtorno Explosivo Intermitente, tais diagnósticos vieram de meus relatos sobre tais episódios da infância que se estenderam para a adolescência e fase adulta.

Meu neuropsicólogo<sup>35</sup>, me explicou que isso se deve ao fato da minha casa ser o meu ambiente seguro, por isso eu me sinto confortável para ser quem eu realmente sou e ter as minhas crises de *meltdown*. Logo, o *masking* que surge com mais expressão com meninas, apareceu pelo fato de eu não ser compreendida fora de casa. Para ser socialmente aceita eu mascarava os meus sintomas e manifestava-os no conforto do meu lar, dessa forma eu passava por neurotípica para o mundo exterior.

Quando eu tive o diagnóstico oficial de TEA, toda a minha infância, adolescência e vida adulta foram ressignificadas e começaram a fazer sentido para mim. Essa “ressignificação” do passado, aliás, é narrada por muitas pessoas que recebem tal diagnóstico. Eu comecei a me compreender melhor e agora estou em um processo de autoconhecimento. Eu sei que essa busca será longa e serão muitas sessões terapêuticas para me compreender melhor em uma jornada de autoconhecimento, porém o que eu também tenho convicção é de todo o zelo e apoio que eu tenho da minha família, de Caio, meu companheiro, de minhas

---

<sup>35</sup> O neuropsicólogo, foi responsável por aplicar os meus testes neuropsicológicos, sendo ele o encarregado por me entregar o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Sou muito grata por todo o apoio não somente no meu diagnóstico, mas também pelas conversas e por compartilhar comigo a sua obra, que me auxiliou para elaborar este texto de dissertação.

interlocutoras durante meu trabalho de campo, assim como de colegas e docentes do PPGS e da FCS/UFG, têm sido fundamentais para essa minha trajetória de compreensão pessoal e de respeito e melhor administração de minhas características, limitações e potencialidades.

A minha intenção de trazer esse extenso relato foi para discorrer sobre o *masking* e para teorizar o que eu denomino de *passabilidade-neurotípica* como um dos resultados da ideia de *performatividade neurotípica* e seus efeitos em minha vida e em meu campo. Além disso, busquei demonstrar como o trabalho de campo se desenvolveu de modo multifacetado para mim, contribuindo tanto para me constituir como etnógrafa, quanto como pessoa autista. Uma pessoa autista, aliás, que resolveu pesquisar em um local que normalmente eu não frequentaria, por conta dos estímulos visuais, sonoros e aglomerações. O campo, aliás, como abordarei no capítulo a seguir, também se configurou em um contexto não apenas de crises, dificuldades e sofrimento psíquico-sensorial, mas também em um espaço de cuidado e de apoio social que minhas interlocutoras produzem entre si e que estenderam também a mim em momentos que necessitei. O importante agora é que me senti acolhida na Cultura de Baile e consegui ser “eu mesma” em um lugar que também proporciona esse espaço de viabilidade existencial para outras pessoas subalternizadas, no caso, sobretudo por suas expressões e identidades de gênero e/ou sexuais. Meu campo, portanto, se tornou não meramente um contexto de investigação, mas um local em que eu estou tendo

um encontro comigo mesma e podendo experimentar esse sentimento de pertencimento que eu nunca consegui desfrutar.

### Capítulo III - *Vogue performance* e as categorias de moda e beleza

No dia 18 de fevereiro de 2023, eu havia combinado com a Andreia de irmos para uma *ballroom*. Geralmente as *balls* (bailes), como eram mais comumente chamadas por minhas interlocutoras, possuem um nome e tema específicos. Essa era denominada de “Baile do Mancha” e aconteceria no Setor Central da cidade de Goiânia. Como esse era o meu primeiro Baile depois do que havia ocorrido no campus Samambaia da UFG, fiquei bastante insegura. Assim, resolvi enviar uma mensagem para a Andreia para confirmar o nosso compromisso de nos encontrarmos no local.

Todas as vezes que eu vou a um novo ambiente ou me encontrar com pessoas que eu não tenho familiaridade, eu busco uma pessoa de apoio. É como se eu me “apegasse” a alguém que eu tenho mais contato e eu só apareço neste local se a pessoa de apoio confirmar o encontro. Esse meu posicionamento se tornou uma espécie de estratégia, para que eu não ficasse tão ansiosa ou me sentindo deslocada. Durante toda a minha trajetória pessoal eu me comportei assim sem ao menos desconfiar do meu diagnóstico de autismo. Nessa época do Baile, eu não tinha sido diagnosticada com TEA, mas sim com TDAH, por isso eu já me considerava uma pessoa neurodivergente.

Não demorou muito tempo para que a Andreia me respondesse, ela comentou que já iria me enviar uma mensagem, porque não sabia chegar no evento. Por isso ela havia combinado de passar na casa da Ariel para as duas irem

juntas. Foi então que eu me coloquei à disposição para levá-la, pois ficaria mais confortável para ela e me faria companhia, ou seja, seria conveniente para nós duas. Andreia e Ariel, como pontuei, foram minhas interlocutoras mais próximas, me abrindo portas, me apresentando a outras pessoas, explicando categorias, noções, conceitos locais, além das composições das casas, suas histórias, etc.

A partir desse combinado se iniciaria uma saga que se estenderia até mais tarde. Nas redes sociais da Cultura de Baile foi anunciado que o evento iniciaria às 18:00. Próximo a esse horário eu enviei uma mensagem para a Andreia perguntando se poderia buscá-la. Eu sou muito criteriosa com horários, geralmente eu chego mais cedo nos locais. Porém, Andreia afirmou que ainda estava se arrumando, o que achei muito estranho, visto que o evento estava prestes a iniciar. Todavia, procurei não me apavorar, porque a companhia dela era muito importante para mim, comentei que ela não precisava se preocupar e que poderia se arrumar com tranquilidade, porque eu precisava passar na farmácia. Assim eu fiz, depois de comprar os meus remédios, fui em direção ao seu setor, no intuito de quando ela me enviasse mensagem avisando que estava pronta, eu já estaria próxima e não me atrasaria ainda mais.

Por isso, aproveitei que eu estava no Setor Campinas e fui comprar uma comida típica da cidade de Goiânia, a pamonha<sup>36</sup>. Uma paixão particular que

---

<sup>36</sup> Comida típica da região de Goiás, embora presente em outros estados do Brasil, preparada com milho verde ralado e misturada com óleo e sal. Após a produção da massa, embrulham os ingredientes na palha do milho e leva-se ao cozimento na água quente, até ficar no ponto de corte. Estes ingredientes resultam na pamonha salgada, a mais comum na região, mas pode-se encontrar a versão de doce, à moda (com linguiça e pimenta), dentre outras variedades.

tenho por esse alimento me faz desfrutá-la sempre que estou nesse setor. Outro motivo para consumir a pamonha é pela memória afetiva que ela me traz de uns oito anos atrás. Naquela época, eu participava das reuniões de uma igreja evangélica, chamada Presbiteriana Renovada, localizada no setor Campinas, depois do culto sempre saímos com uma turma grande para comermos pamonha e isso se tornou uma espécie de “comfort food”, que poderia ser traduzido por “comida afetiva”, ou seja, alimentos consumidos, entre outras razões, com o objetivo, consciente ou não, de gerar conforto emocional e sensações de prazer e tranquilidade.

A minha relação e a do Caio, meu companheiro, com a igreja se deu por vários anos. Ele era líder de jovens e eu filha de pastor<sup>37</sup>, nascida e criada, como disse, na igreja Assembleia de Deus. Porém, por vários motivos, meus pais congregavam na Assembleia, eu e o Caio éramos membros na Presbiteriana Renovada. Com esse contato de fé e união aprendemos muito e nos tornamos mais solidários, sempre ajudando os jovens com transporte, por essa razão, levar a Andreia e outras pessoas para suas casas não nos geraria transtornos. Contudo, ao longo do tempo, nos afastamos da igreja por vermos muita discriminação e preconceito com a comunidade LGBTQIAPN+ que se sobressaíram no ano de 2018, com a eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

---

<sup>37</sup> Na igreja que meus pais congregam, o meu pai possui o cargo de evangelista, porém pela experiência e os anos dedicados à igreja, ele é considerado um pastor, exercendo as mesmas atividades que o cargo oferece.

Retornando a narrativa daquele dia, quando eu estava terminando de comer, recebo uma mensagem da Andreia perguntando se poderia me ligar, concordei e aguardei a sua ligação. Durante a conversa, ela me disse que duas de suas amigas decidiram ir de última hora e que ela não queria me atrasar, mas se caso eu quisesse a sua companhia, me perguntou se era possível outras pessoas irem conosco.

No decorrer do assunto, ela me explicou que não teria ninguém no local, somente a comissão organizadora e já era por volta das 18:45. Também me disse que os bailes se estendem até mais tarde, por volta das 03:00 da manhã e já teve vezes de sair ao raiar do dia. Foi então que eu comentei: “E você me fala isso agora, bicha?”, falei de forma descontraída e íntima, porque nós nos acostumamos a conversar assim, brincando com leveza uma com a outra. Ela respondeu: “Vish amiga, é mesmo eu esqueci de te avisar, é porque a gente já está acostumada e esqueci que você não (está)”.

A partir desse momento que eu compreendi a tranquilidade dela quanto ao horário, comentei que não tinha problemas e que poderíamos ir todas juntas. Porque chegar no local cedo nessas condições se tornaria inviável, devido às batalhas<sup>38</sup> se prorrogarem até o amanhecer. Saindo da pamonharia, recebo uma mensagem de voz da Andreia comentando que outra pessoa decidiu ir. Por isso eram 4 pessoas e somente 3 vagas no carro, ela também me disse que iriam

---

<sup>38</sup> As batalhas são consideradas competições disputadas entre as/os integrantes da Cultura de Baile.

demorar muito, pois uma das meninas ainda estava arrumando as unhas. Nesse momento, decidi ir sozinha, para ela ficar à vontade e se despreocupar comigo.

Ao chegar no evento, por volta das 19:00, comecei a sentir um turbilhão de emoções, pelo fato de ter muita dificuldade de socializar por conta da ansiedade social, também possuo sensibilidade auditiva e percebi que o local estava com um som alto e eu estava sozinha. Nessa hora, milhares de pensamentos passaram na minha mente, eram muitos detalhes que eu precisava me preocupar. Como fazer contato com as pessoas que frequentam os Bailes? Como me comportar, de modo a não chamar muita atenção? Como não se incomodar com o som alto? Quanto tempo devo permanecer aqui? Por isso, apesar do fato de eu estar extremamente entusiasmada para começar o campo, havia questões físicas e mentais que me preocupavam e afetavam muito.

É importante ressaltar que apesar de eu ter sido diagnosticada com TDAH, eu estava investigando com a médica outras questões que chamamos de comorbidades<sup>39</sup>. Desse modo, uma das formas de auxiliar no diagnóstico é

---

<sup>39</sup> De acordo com o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais 5ª edição (DSM-5) as comorbidades do Transtorno do Espectro Autista poderiam incluir: “o comprometimento intelectual e transtorno estrutural da linguagem (i.e., incapacidade de compreender e construir frases gramaticalmente corretas), que devem ser registrados conforme os especificadores relevantes quando aplicáveis. Muitos indivíduos com transtorno do espectro autista apresentam sintomas psiquiátricos que não fazem parte dos critérios diagnósticos para o transtorno (cerca de 70% das pessoas com transtorno do espectro autista podem ter um transtorno mental comórbido, e 40% podem ter dois ou mais transtornos mentais comórbidos). Quando critérios tanto para TDAH quanto para transtorno do espectro autista são preenchidos, ambos os diagnósticos devem ser dados. O mesmo princípio aplica-se a diagnósticos concomitantes de transtorno do espectro autista e transtorno do desenvolvimento da coordenação, transtornos de ansiedade, transtornos depressivos e outros diagnósticos de comorbidade. Entre indivíduos que não falam ou têm déficits de linguagem, sinais

listando os sintomas que eu tenho. Assim, eu escrevia as minhas características e meus sentimentos no que eu denomino de diário de bordo.

O Baile ocorreu em um espaço fechado e ao fundo havia uma pista de *skate*. Antes de chegar nela, era necessário passar por uma espécie de bar e uma loja de produtos, com tênis, calças, blusas *oversized*. Ao notar essa loja, fiquei muito entusiasmada, porque é o estilo que eu costumo me vestir, porém, tentei não perder o foco principal que era o Baile. Entrando no local que havia a pista de skate, pude notar que algumas pessoas estavam ensaiando, por isso, concluí que as performances aconteceriam naquele ambiente. Também havia uma escada que dava acesso a uma espécie de mezanino, escolhi esse lugar, devido ele dar uma visão privilegiada da pista, além de me garantir melhores condições para lidar com o excesso de estímulos que eu viria a enfrentar.

---

observáveis, como mudanças no sono ou na alimentação e aumento no comportamento desafiante, devem desencadear uma avaliação para ansiedade ou depressão. Dificuldades específicas de aprendizagem (leitura, escrita e aritmética) são comuns, assim como o transtorno do desenvolvimento da coordenação. As condições médicas normalmente associadas ao transtorno do espectro autista devem ser registradas no especificador “condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental”. Tais condições médicas incluem epilepsia, distúrbios do sono e constipação. Transtorno alimentar restritivo/evitativo é uma característica que se apresenta com bastante frequência no transtorno do espectro autista, e preferências alimentares extremas e reduzidas podem persistir”. (DSM-5 p. 58-59).

Figura 5: Início de evento da Cultura de Baile/*Ballroom*, realizada no dia 18 de fevereiro de 2023 - Setor Central.



Fonte: Fotografia do meu acervo pessoal.

Para que todos/as vejam: A foto foi tirada de uma espécie de mezanino. Embaixo deste local é possível notar a presença de várias pessoas, o espaço de encontro é uma pista de skate. De frente ao público é possível observar três cadeiras vazias, da cor preta e material plástico. O espaço é fechado por uma estrutura de metal, sendo iluminado com vários refletores. Nas paredes deste ambiente, verifica-se a existência de desenhos coloridos como se fossem quadros.

Fiquei um período neste local observando, até que percebi uma movimentação maior na pista. Resolvi descer, passado pouco tempo o Baile iniciou. Algumas pessoas eu já tinha visto no Baile realizado na UFG, com parceria do Ser-Tão. Antes de iniciar as batalhas, houve uma espécie de apresentação, cada participante demonstrou a sua habilidade através da performance de dança, até mesmo as juradas/os participaram.

Posteriormente, iniciaram as batalhas, que são uma espécie de competição de dança, geralmente duas pessoas participam e as/os juradas/os avaliam o/a vencedor/a em variados critérios. Nesse baile havia três juradas/os, que se posicionavam na frente do público e era formado um corredor onde as/os integrantes performavam. Eu percebi que a cada apresentação era cantado um hino e eles eram diferentes uns dos outros, fiquei um pouco deslocada, porque não conseguia acompanhar como eu desejava.

Também há diversas categorias e cada uma delas possuem regimentos e expectativas próprias. Existem categorias só para pessoas trans, outras somente para pessoas negras. De todas as que eu pude observar, a que eu mais gostei foi a

*BateKoo*, somente pessoas negras podem *performar* e é uma espécie de *funk* como o próprio nome sugere e a música é mais frenética.

Durante as apresentações as pessoas que assistem as apresentações batem palmas para animar e reverenciar quem está apresentando. Percebi que alguns participantes recebem muitos aplausos e outros são quase ignorados/as. Após algumas pessoas serem desprezadas pelo público, uma das organizadoras do evento disse ao microfone: “Se não sabe o hino da casa, pelo menos bate palma, caralho!” e ainda alertou: “Essa é a última vez que isso acontece e se ocorrer de novo, a coisa vai ficar feia!”.

No mesmo instante, todos os presentes começaram a aplaudir, se estavam bebendo, largaram suas bebidas para ficarem com as mãos desocupadas ou davam um jeito de aplaudir de outra forma. Nessa hora eu percebi que essa organizadora, uma travesti, com idade aproximada de 30 anos, uma pessoa negra, era muito respeitada naquele local. Com a chegada mais tarde de Andreia perguntei quem era, ela me informou que aquela era a mãe fundadora de uma das casas mais relevantes aqui em Goiânia.

Durante a minha observação, percebi que aquele era um evento grandioso e tratado entre os/as frequentadores/as como uma celebração relevante e de muita representatividade. As batalhas que ocorrem durante as apresentações são intensas e as/os juradas/os são criteriosos/as quanto às notas. Notei que existem participantes iniciantes nas apresentações, por isso, às vezes erram alguns critérios que as categorias demandam. Com isso, eles/elas recebem as notas, porém não

passam para a próxima fase e a coordenadora do evento pede aplausos como sinal de reverência e respeito.

No decorrer do baile, houve uma pessoa que perdeu o celular. Quando foi comunicado às coordenadoras do evento sobre o ocorrido, as apresentações/batalhas foram interrompidas e todas as pessoas se mobilizaram para ajudar a encontrá-lo. Foi incrível ver a união e solidariedade para ajudar a recuperar o celular perdido. Depois de um tempo ele foi encontrado e voltaram a programação normal. Logo em seguida, vejo Andreia com suas amigas e um rapaz; percebi que ele era namorado de uma delas. Ela me cumprimentou, disse que ficaria com suas amigas e me perguntou se eu preferia ficar sozinha ou permanecer com elas, me deixando bem à vontade para que eu tomasse a decisão mais confortável para mim. Nessa hora eu fiquei muito apreensiva, porque eu não compreendo muito bem essas regras sociais, não sei se ela queria mesmo que eu fosse ou só me convidou por educação. Como eu queria conhecer as pessoas, e não queria ficar só, decidi ficar com elas.

Porém, no mesmo instante a Andreia foi chamada para tirar foto com as participantes que receberam premiações no evento, eu pensei que eram suas amigas. Contudo, após participar de outros bailes e de conversar com a Andreia, eu fiquei sabendo que aquelas pessoas faziam parte da sua *família* e da sua *casa*. Acontece que nesse momento eu fiquei sozinha com as amigas da Andreia que acabara de conhecer, aproveitei para falar sobre o que eu tenho mais experiência: a timidez. Isso porque Andreia estava bem no fundo do grupo, quase não estava

aparecendo, então eu comentei: “Ela é tímida, né?”, a amiga dela me respondeu: “Um pouquinho”, fazendo um sinal com os dedos e mostrando um tamanho significativo. Percebi que ela estava sendo irônica, eu consigo notar ironias, mas não é todas as vezes, é necessário estar bem explícito, pois caso contrário eu entendo como deboche ou ignorância.

Quando a Andreia voltou, as amigas dela decidiram comprar uma bebida no bar que ficava em frente. Chegando lá eu descobri que na verdade comprariam somente suco de uva, para acompanhar a vodka que haviam levado. Depois de conseguir o suco, me ofereceram a mistura com vodka, novamente eu não sabia como agir, nunca tinha experimentado. Não sabia se eu queria ou não. Seria educado aceitar? Seria considerado grosseria não aceitar? E se eu não gostasse, poderia falar? Todas essas dúvidas passam pela minha mente por um milésimo de segundo.

Alguns instantes depois, foi levantada a hipótese de sair do evento e ir para outro bar, sendo que tinham acabado de chegar. A Andreia ficou sem entender e perguntou: “Mas a gente não veio ver o baile?” Elas desconversaram e começaram a levantar hipótese se iriam ou não. Sempre que utilizo os pronomes elas/delas, é pelo fato do único homem que estava conosco, não interagiu muito e nem participava das conversas.

Para deixar Andreia mais à vontade, comento que eu ficaria, mas que ela poderia ir sem nenhum problema. Notei que ela estava um pouco indecisa, porque queria ver as apresentações e não tinha visto uma sequer. Pouco tempo depois

Andreia me disse que a amiga dela não queria ficar. Me despedi e entrei para ver as performances.

Ao chegar no local, me lembrei que eu também pesquisaria sobre os circuitos realizados pelos/as jovens urbanos, ou seja, as circulações das minhas interlocutoras pela cidade, por isso decidi ir com elas. Logo me deparei com a Andreia e comentei que iria para o bar. Quando estávamos saindo, uma de suas amigas a chamou e disse: “Uai, Andreia, você não fala comigo mais não?”, percebendo que se tratava de uma conversa particular, me afastei.

Andreia então veio até nós e comentou que não poderia mais sair, porque estava acontecendo uma desavença no baile, por isso ela permaneceu mais um pouco no local. Enquanto isso, aproveitei o momento para tirar algumas dúvidas com ela. Perguntei o que era o sinal que elas/eles fazem com a mão, ela me explicou que significava *axé*. Andreia também me ensinou muitas outras coisas, como por exemplo, no meio das performances é formado um círculo em volta de quem está apresentando, ela me disse que essa pessoa *vende* a dança para o público e para as/os juradas/os. O público *compra*, ou seja, reage com entusiasmo, com palmas, gritos, manifestações de aprovação, a dança de quem mais se destacou e isso ajuda na escolha do/a vencedor/a.

Ficamos pouco tempo e caminhamos em direção ao bar que também ficava no Setor Central, a uma distância de cerca de 950 metros, um trajeto de cerca de 14 minutos andando, era por volta das 22:45 da noite. Elas me disseram qual era o bar escolhido, mas eu não fazia ideia onde ficava, meu senso de direção

é péssimo, por isso só acompanhei. Andamos um pouco e eu estava ficando cansada, por estar tarde da noite, estávamos sozinhas/os, eu comecei a ficar muito tensa, com medo de alguém nos abordar ou de sermos assaltadas/os. Durante o percurso, algumas pessoas mexeram com a gente, me refiro a “cantadas”, fazer comentários deselegantes, percebi que estavam zombando do nosso grupo, mas sempre ficávamos caladas/os e continuávamos o nosso caminho.

Na metade do trajeto, um grupo de jovens começou a gritar conosco e nos seguiram, como se quisessem brigar ou sacanear. Eu fui a primeira a perceber a aproximação deles, fui alertar e sem perceber falei muito alto, na hora a amiga da Andreia me repreendeu e pediu para que eu falasse baixo, não com um tom de briga, mas para que eu não chamasse ainda mais atenção. Na hora eu me senti muito mal, porque eu me controlo muito nas interações sociais, tento não falar alto e não ser inconveniente, ou seja, parecer o mais neurotípica possível. Porém, como eu estava tensa, não consegui me controlar, a sensação era como se eu falhasse.

Contudo, eu sei que esse sentimento é temporário, eu só preciso seguir em frente. Assim eu fiz, depois de uns 10 minutos andando, finalmente chegamos, mas para a surpresa de todos/as o bar estava fechado. Eu estava super estimulada com o barulho que estava no local, pela quantidade de pessoas que havia do lado de fora do bar e eu tinha extrapolado o meu limite de cansaço e de estímulos. Neste bar, havia outras pessoas que integram a Cultura de Baile, com esse encontro, elas/eles começaram a planejar irem para outro bar. Eu sabia que não

conseguiria ir, por isso chamei a Andreia e disse que eu iria embora, ela concordou. Perguntei se queriam carona para casa e elas aceitaram. O Caio, meu companheiro, veio me buscar às 23:00 e aproveitamos que estávamos de carro e levamos elas e o rapaz para a casa da Andreia.

\*\*\*

O relato acima é também um trecho adaptado do meu diário de campo. Neste capítulo, irei descrever e analisar algumas ocasiões presenciadas na cena da Cultura de Baile que eu estive presente. Além disso abordarei a concepção de *família* formada entre as/os integrantes das *balls* e a formação das redes de apoio e suporte social. Para trazer a minha perspectiva e relatar de forma detalhada o modo que os eventos são realizados, vou me ater aos trechos do meu diário de campo, as conversas que tive com as minhas interlocutoras, descrevendo as sensações que experimentei ao adentrar em campo, sendo essas, as minhas dificuldades, desafios, angústias, ansiedades e superações.

A partir do dia 18 de fevereiro eu estive presente na minha primeira *ball* fora do campus da Universidade Federal de Goiás – UFG e pude relatar as minhas experiências no meu diário de campo, juntamente com as minhas impressões pessoais. Também relatei em meu diário de bordo todas as emoções que eu sentia

em campo, devido a ansiedade social e o local que eu frequentava me gerar crises sensoriais devido aos estímulos que eu recebia na cena da Cultura de Baile.

As cenas que irei relatar aqui são provenientes da Cultura de Baile de Goiânia, capital do Estado de Goiás, sendo a sua origem apontada como estadunidense, mais conhecida como a *ballroom scene*, possuindo diferentes influências de várias partes do mundo. Uma vez que é difícil contextualizar a origem com exatidão da Cultura de Baile, sendo popularizada no Século XX e possui referências de diversas partes do globo. Grande parte da cultura “voguing” ganhou impulso internacional com o documentário de Jeannie Livingston (1990) “Paris is Burning”, e também da música e do videoclipe de Madonna (1990) para a música “Vogue”. Por fim, em um novo impulso, a cultura da *ballroom* mais recentemente se popularizou também através da série exibida na HBO: “Pose” (2018-2021), dos criadores Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals. Esta série contribuiu fortemente para uma transnacionalização das categorias, das concepções e das práticas performáticas associadas à *ballroom scene* em vários pontos do globo, incluindo, é claro, Goiânia.

Escrever este capítulo foi uma das etapas mais desafiadoras nesta dissertação, por diversas razões. Uma delas é o do fato de que desde a *ball* organizada pelo Ser-Tão em dezembro de 2022, realizada dentro do Campus 2 “Samambaia” da UFG até a última *ball* que eu pude presenciar, ou seja, entre dezembro e o mês de abril de 2023 eu consegui participar ao todo de quatro eventos da cena da Cultura de Baile. Apesar de ter inúmeros acontecimentos e

conversas que tive com minhas interlocutoras para além do espaço das *balls*, algo me incomodava, que é a sensação de não ter o conhecimento suficiente da Cultura de Baile para apresentar uma visão holística, do todo, desta conjuntura.

Sendo assim, procuro colocar em suspensão a necessidade de dar conta de retratar o todo em seus ínfimos detalhes e me ater às informações e análises que tive efetivamente condições de realizar considerando todos os desafios que já mencionei e examinei até aqui, os quais me levaram a produzir esta *etnografia autista*. Ela abre espaço tanto para considerar limitações em campo, quanto para destacar potencialidades surgidas das minhas próprias características. Me inspiro aqui também na ideia de *etnografias do particular* de Lila Abu-Lughod (2018), autora que critica a expectativa de analisar e reconstituir exaustivamente no texto etnográfico do “todo” de um determinado contexto social. Para ela, devemos nos ater na etnografia às pessoas “de carne e osso” com as quais lidamos em campo, de modo a evitar generalizações e essencializações problemáticas frente a contextos em que múltiplos pontos de vista, não necessariamente coesos e coerentes, podem ser encontrados.

A intenção de discorrer sobre as questões que irei desenvolver aqui, portanto, é para demonstrar os imprevistos que eu tive na escrita deste capítulo de dissertação e como a mudança na previsibilidade me gerou uma crise. O tempo de pesquisa do mestrado, por diversas vezes pode ser desafiador, isso porque ele possui uma duração de dois anos. O primeiro ano geralmente nos dedicamos a cumprir os créditos, ou seja, realizar as matérias obrigatórias e optativas. No ano

seguinte, a depender da pesquisa e temática, fazemos a pesquisa de campo, como foi no meu caso, para depois começar a escrita do texto de qualificação. Após sermos aprovadas/os na qualificação, aperfeiçoamos os detalhes do trabalho, com os *feedbacks* e orientações da banca, para assim iniciarmos a escrita da dissertação, sendo este o trabalho final para a nossa defesa.

Contudo, nesse meio tempo entre qualificação e defesa, eu precisei antecipar o mestrado, ou seja, defender antes do prazo máximo. O período era até 30 de abril de 2024 e precisei marcar a defesa para início de março. Logo, teria menos tempo para analisar meus dados e anotações da pesquisa e também para a escrita da dissertação. Até aqui eu estava tranquila, pois eu sabia de todas essas questões quando decidi antecipar o mestrado, era uma escolha única e exclusivamente minha e eu precisava me responsabilizar pelas minhas decisões. Realizei um cronograma com as datas de entregas dos capítulos e tentei ao máximo cumprir todos os prazos.

Acontece que para discorrer sobre algumas temáticas e esclarecer as minhas dúvidas, eu precisava marcar uma última reunião com a minha interlocutora. Porém, ocorreram muitos imprevistos, tanto na minha vida pessoal quanto da minha interlocutora. Sempre que tentávamos marcar uma conversa, uma de nós possuía um compromisso ou até mesmo ocorria um imprevisto de última hora. São eventualidades que ocorrem na pesquisa de campo, em tese precisamos estar preparadas/os para essas circunstâncias. Como eu estava com o prazo apertado, não foi possível nos reunirmos uma última vez, por isso, adiantar

a defesa não era o que estava me afligindo, mas a impossibilidade de sanar algumas dúvidas e a mudança de estratégia para a escrita deste capítulo, visto que, a previsibilidade é essencial para mim, pois eu consigo ter o controle das situações sem ser “pega de surpresa”.

Eu tenho plena consciência de que esses contratempos são comuns na pesquisa de campo, acontece que o sentimento de frustração me traz a sensação de que todo o meu trabalho se tornou limitado. Nessa hora, eu não consigo pensar em soluções e estratégias, é como se o meu cérebro entrasse em pane e eu só consigo sentir desapontamento e frustração. Aí me pego pensando sobre as expectativas de realizar uma etnografia aos moldes malinowskianos em que o etnógrafo poderia, por vezes, ficar anos em campo, para então ter condições de, ao longo de muito tempo, redigir monografias com as inúmeras anotações em diários e cadernetas de campo, além de fotos, vídeos, croquis, e outras formas de registro. O modo como desenvolvemos investigações etnográficas no Sul Global, depois da pandemia devastadora da Covid-19, e também de um governo terrível que durou quatro anos, com prazos apertados e precariedades tão visíveis apontam para a exigência de “etnografias do exequível”, ou seja, aquelas que podem ser feitas do modo como são possíveis de serem feitas.

Com todos os imprevistos que ocorreram, ao se aproximar do período de escrita deste capítulo, minha ansiedade aflorou. Eu perdi o controle daquilo que eu tinha me programado a fazer, por isso a irritabilidade e aflição sobressaíram a ponto de não conseguir pensar em uma solução. Interrompi todas as minhas

atividades e me recolhi no meu quarto, o Caio estava trabalhando no mesmo local, visto que ele exerce suas atividades em *home office*. Quando eu estou em períodos de crise como eu estava, todos os barulhos se tornam mais intensos e para piorar a situação um dos vizinhos começou a utilizar a furadeira, era um vizinho diferente da outra situação. Morar em apartamento muitas vezes tem seus inconvenientes. Caio percebeu que eu estava em crise, perguntou o que estava ocorrendo, às vezes eu converso com ele para desabafar, como ele mesmo diz: “Abre o seu coração, o que está te afligindo?”. Porém, em algumas situações eu não quero conversar, como foi esse caso e ele sempre respeita o meu momento.

Tanto eu quanto Caio sabemos que eu fico muito sensível nestes períodos, tanto sensorialmente quanto emocionalmente e uma simples situação que ocorresse me sobrecarregaria a ponto de eu ter uma crise explosiva que é o *meltdown*, como já abordei. Eu ainda estou desenvolvendo estratégias para que as crises não ocorram ou ao menos que elas diminuam de frequência. Uma das técnicas que o Caio aprendeu para lidar com essas minhas crises é de me dar um abraço bem apertado. De fato esse é um dos procedimentos adotados para diminuir a ansiedade em pessoas autistas que estão experimentando o *meltdown*. Porém, ele já adotava essa estratégia antes mesmo de eu ser diagnosticada com autismo e não teve acesso a nenhum material que abordasse o assunto, elaborando a tática sozinho, simplesmente pela sua experiência instintiva comigo.

Quando Caio percebeu que eu estava sobrecarregada, ele interrompeu o que estava fazendo e me chamou com toda a sua sensibilidade para me dar um

abraço. O abraço precisa ser bem forte, a ponto de aliviar a tensão que eu estou sentindo e assim ele fez. Geralmente eu “desabo” em choro, mas sinto uma sensação momentânea de tranquilidade. Como eu comentei anteriormente, o autismo não é “leve” e por mais que o meu caso seja o nível 1 de suporte, eu ainda preciso de suporte e Caio é o meu maior suporte em múltiplos campos, tanto pessoal quanto acadêmico e, embora ele não seja um interlocutor de campo, foi uma pessoa crucial para o desenvolvimento do que pude apresentar nesta *etnografia autista* na conjuntura enfrentada.

Figura 6: Desenho que simboliza a minha relação de afeto e apoio com o Caio, meu companheiro.



Fonte: Desenho realizado pela artista Andy C. Gabe<sup>40</sup>, uma pessoa não-binária, autista e TDAH.

Para que todos/as vejam: O desenho acima retrata o período de acolhimento que eu recebi do Caio, meu companheiro. Nele eu estou com uma camisa roxa, óculos de grau e estou recebendo o abraço do Caio, que está com uma camisa vermelha. Ele possui cabelos castanho claros e barba por fazer.

Após esse período conturbado de crise, eu refleti um pouco sobre o propósito não somente deste capítulo, como também de toda esta dissertação. Desde que eu fui diagnosticada com o TEA e essa temática se integrou a minha pesquisa, várias adaptações foram necessárias para que eu abordasse esse outro assunto que se mostrou muito mais intenso e incidente em minhas análises do que inicialmente imaginei. Com isso, percebi que eu não precisava dominar a elaboração e análise de todos os marcadores sociais da diferença, as relações familiares, as *houses* instituídas na cena da *ballroom*. Dado que, nem se eu tivesse anos de pesquisa, conseguisse formar inúmeras/os interlocutoras/es, não daria conta de esgotar todos os tópicos dignos de análise da Cultura de Baile que conheci em meu campo.

Por isso, este capítulo é um relato da minha própria experiência nos bailes, sobre os elementos que eu pude observar, as aproximações que eu consegui realizar e acima de tudo é uma descrição das minhas especificidades de uma pessoa autista na cena da Cultura de Baile, com todos os meus momentos de

---

<sup>40</sup> Quero agradecer a Andy por esse trabalho magnífico e de tamanha sensibilidade.

vulnerabilidades, crises, angústias e medos. Logo, existem elementos que não conseguirei analisar, mas não é por isso que o meu trabalho se torna insatisfatório ou incompleto, muito pelo contrário, revela que a minha pesquisa é específica da minha vivência como pessoa autista em campo e é, em suma, a *etnografia autista* que pude desenvolver a partir de todos os elementos já problematizamos até aqui.

A fim de trazer uma definição das *balls*, utilizarei o trabalho de um investigador que é participante da Cultura de Baile que também analiso. Trarei aqui a dissertação de mestrado em Performances Culturais pela UFG de Icaro Ribeiro da Silva (2022). Através de seu trabalho “*Narrativas de bixas e travestis pretas: teorias e a Cultura de Baile na Grande Goiânia*”, ele pondera que a *Ballroom Scene* (a cena da Cultura de Baile) surgiu por volta dos anos 1980 e 1990, nos Estados Unidos. Considerando que Icaro já desenvolveu uma contextualização histórica da cena, o trago à baila de contextualização. De acordo com o autor, o início da Cultura *ballroom*:

Surge no Harlem [Nova Iorque, Estados Unidos], onde esses sujeitos organizavam *balls*. Uma mescla de competição e festa, onde os candidatos caminhavam em categorias de moda, beleza e performance. E além das *balls* havia as *houses*, famílias constituídas por vínculos afetivos que foram elaboradas como espaço de acolhimento para jovens. Houve um processo de expansão que possibilitou a chegada da Cultura *ballroom* em território goianiense. A pauta social ainda existe e resiste de forma intensa nos espaços onde a Cultura se manifesta. Sendo palco destes corpos interseccionados e de sujeitos que não

correspondem às expectativas da heterossexualidade e binaridade de gênero. (Silva, 2022, p.14)

De acordo com Icaro Ribeiro da Silva (2022) ao trazer os conceitos de Arnold e Bailey (2009), o pesquisador afirma que a Cultura de Baile nos Estados Unidos era (e hoje em dia, em Goiânia, é) um local de acolhimento a corpos que desestabilizam as normas, em particular de gênero, sexualidade e étnico-raciais, fundada por mulheres trans, travestis, homens gays e latinos. Ela era realizada por esses grupos tidos como oprimidos, a partir da não-inserção em outros ambientes sociais onde eram excluídos, sofrendo preconceitos e discriminações, segregando esses sujeitos dos espaços de convivência.

Os Bailes de Goiânia atualmente são divididos em duas categorias, as *balls* e as *miniballs*. Sendo que as *balls* possuem um evento com um maior público, mais integrantes que performam e consequentemente um número elevado de categorias que são disputadas dentro da cena. Nas *balls*, é possível ter o patrocínio do evento, como foi o caso do *Goiânia Todas as Cores*, que teve o patrocínio da prefeitura e proporcionou um megaevento, com muita divulgação e estrutura para promover a Cultura de Baile. Por outro lado, as *miniballs* possuem um ambiente mais intimista, com menos integrantes para disputar as categorias. A única *miniball* que eu participei aconteceu dentro de um bar de Goiânia, que cedeu o local para os/as organizadores/as realizarem o evento.

Com as minhas observações de campo e com a leitura de materiais sobre a temática, percebo que a Cultura de Baile é formada por dois grandes pilares: as

*balls* e as *houses* (casas). As *balls*, como já mencionado, são locais de encontro onde os integrantes se reúnem com o intuito de competirem nas categorias de moda, beleza e performance. Por sua vez, as *houses* (casas) são locais de acolhimento que os/as integrantes da Cultura de Baile fazem parte. Portanto, as *houses* se configuram em *famílias* que contribuem para a Cultura de Baile.

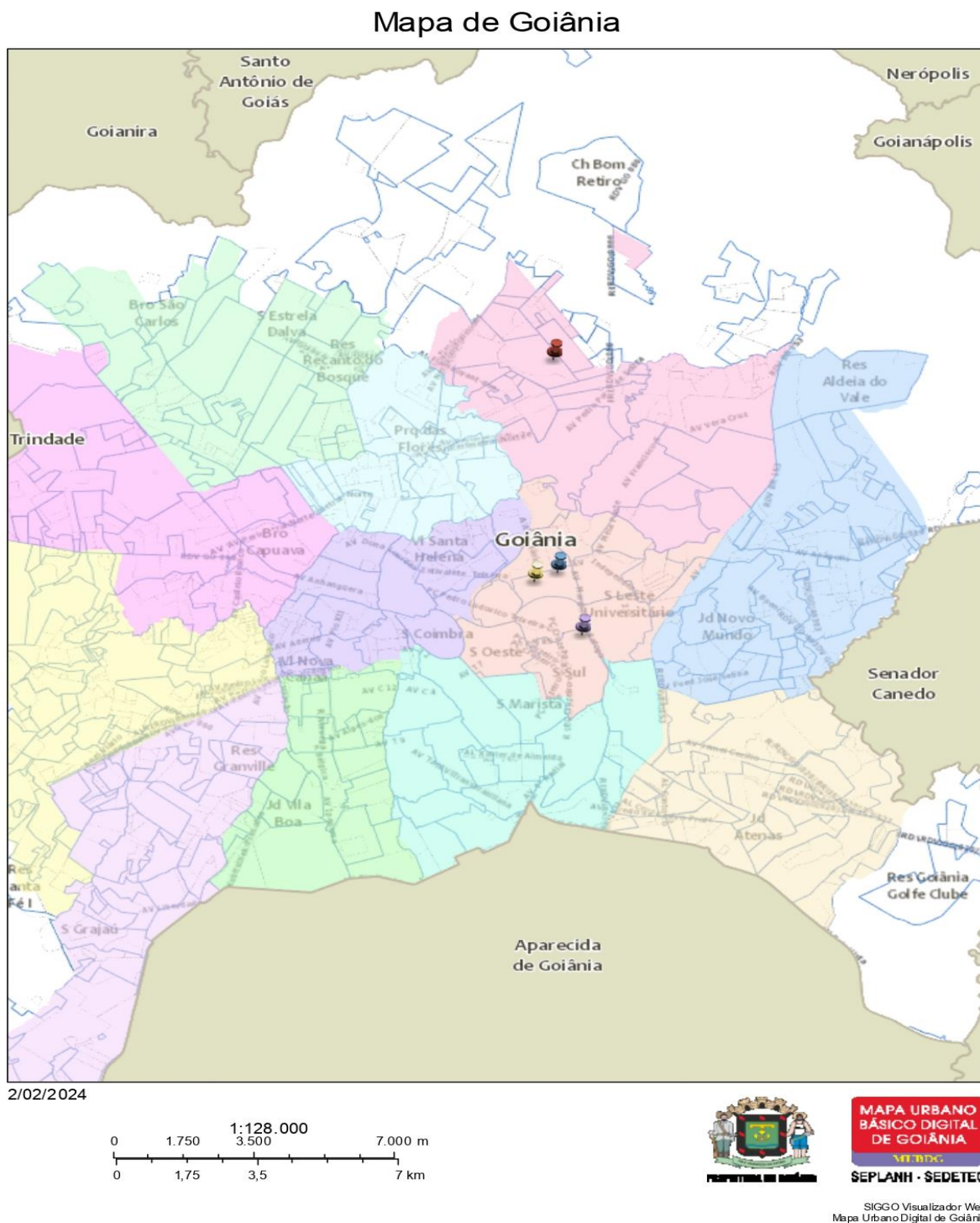
De acordo com Silva (2022), as *houses* surgem na década de 1970 nos Estados Unidos (no entanto, tendo raízes ainda anteriores, nos anos 1960), com a *queen* Crystal LaBeija. Isto posto, há vários, digamos, “mitos fundadores” da cena de *ballroom* em questão. Segundo Henrique Cintra Santos (2018), em sua dissertação de mestrado em Linguística Aplicada intitulada: “A transnacionalização da cultura dos *Ballrooms*”, a *drag queen* Lottie, do Harlem, bairro de Nova Iorque, pediu para que Crystal LaBeija fosse co-produtora de uma *ball* na década de 1960. Crystal, por sua vez, que também foi retratada no documentário “Paris is Burning”, era uma das únicas *queens* negras a ter prestígio em um baile de brancos, no contexto segregacionista e racista nos Estados Unidos dos anos 1960 e 1970, possuindo o título *Queen of the Ball*.

Ao se cansar de todo movimento anti-negros promovidos nas *balls*, decidiu promover o seu próprio Baile. Lottie concordou com Crystal e propôs que ela formasse um grupo com o nome *House of LaBeija*, com Crystal possuindo o título de *mãe*. Assim surgiram as *houses*, após a fundação da *House of LaBeija* muitas outras se formaram no Harlem, posteriormente foram expandidas para outras localidades de Nova York, como o Brooklyn, até ser difundida para outras

localidades do globo. Logo, cada *house* possui uma *mother* (mãe) e/ou um *father* (pai) que auxiliam os membros de sua família nas questões mais íntimas, como auxílio financeiro, amparo, cuidados variados, saúde, bem-estar, quanto nas questões mais complexas e variadas da vida social, tendo em mente que muitos membros das *houses* e das *famílias*, haviam sido expulsos de suas famílias de origem (de “sangue”) e possuíam poucas redes de apoio social que não fossem as próprias *casas ballrooms*.

Para trazer trazer essa contextualização para o contexto goianiense e mais detalhes quanto a localidade dos eventos que eu participei na cena da Cultura de Baile, demonstrando quais os setores que ocorreram cada Baile, um mapa foi confeccionado com os locais de encontro que eu pude presenciar:

Figura 7: Mapa da cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás com locais de encontro das cenas da Cultura de Baile/Ballroom.



Fonte: Imagem criada através do site da Prefeitura de Goiânia, realizada por Adaleny Paiva<sup>41</sup>  
Para que todos/as vejam: A imagem acima representa o mapa da cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. Nele é possível observar as várias localidades de Goiânia, existem quatro pontos marcados no mapa. O primeiro ponto em vermelho, representa a primeira *ball* que eu comparei, realizada no Setor Itatiaia no Campus Samambaia da UFG. O Segundo ponto na cor azul escura, retrata a segunda *ball*, nomeada Baile do Mancha estando localizada no Setor Central. O terceiro ponto em roxo, simboliza a *miniball* de Páscoa, realizada no Setor Sul. O quarto e último ponto na cor amarela, representa a *ball* “De todas as cores”, localizada no Setor Central de Goiânia.

Como em cada capítulo eu discorri sobre uma *ballroom* distinta e essa descrição não foi realizada na ordem cronológica que ocorreram os Bailes que eu participei, aqui irei retomar meu diário de campo para trazer organização do circuito que eu percorri cronologicamente da primeira à última *ball* que frequentei. O primeiro baile que eu participei está descrito na introdução desta dissertação; ele ocorreu no campus da UFG, no setor Itatiaia e foi organizada pelo Grupo de Estudos Ser-Tão da Faculdade de Ciências Sociais. A segunda *ball* foi retratada neste terceiro capítulo, nomeada de Baile do Mancha e aconteceu no setor Central em um local onde havia uma pista de *skate*. Já o terceiro Baile, a única *miniball* de Páscoa que eu presenciei, ainda não foi mencionada, irei trazer alguns elementos importantes dela neste capítulo. Por fim, a quarta e última *ball* “*De todas as cores*” foi o evento patrocinado pela prefeitura de Goiânia, por meio da Secretaria Municipal da Cultura - SECULT e organizado pelo Circuito Cultural

---

<sup>41</sup> Gostaria de agradecer a minha amiga Adaleny Paiva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG, pelo auxílio na confecção deste mapa.

Goiânia Todas as Cores. Este evento está descrito no início do segundo capítulo em que eu relato a minha intensa crise em meio ao público.

Nos bailes que eu pude comparecer, por mais que houvesse distinção entre *ball* e *miniball* e a quantidade de recurso recebido para realizar o evento fosse nítida, algumas possuíam patrocínio da Secretaria Municipal da Cultura – SECULT, já outras dependiam da generosidade e dos contatos realizados para que houvesse a disponibilidade de um local para que o baile ocorresse. Todavia, apesar dos auxílios e dimensões dos eventos serem diferentes, a organização e formato eram bem semelhantes.

Em todos os bailes, as categorias que seriam disputadas eram divulgadas antecipadamente por meio do Instagram da *Cultura de Baile* em Goiânia<sup>42</sup>. Além do mais, em cada *post* das categorias anunciadas, havia uma breve explicação, informando como elas seriam avaliadas, quais cores dos *looks* deveriam ser usadas e principalmente, quais pessoas poderiam performar naquela categoria. Isso acontecia com o intuito de orientar as/os participantes, pois essas regras divulgadas são seguidas de forma rigorosa e quem não estiver adequada/o, no começo da apresentação recebe um *chop*. Esse *chop*, consiste em uma avaliação das/os juradas/os, por meio da sinalização de um X com os braços, mostrando que

---

<sup>42</sup> O Instagram da Cultura de Baile da cidade de Goiânia é @culturadebailegyn, podendo ser encontrado no seguinte link: <https://www.instagram.com/culturadebailegyn?igsh=MTJud2kwM2pvMnRvbg==>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

houve um descumprimento às regras da categoria e a desclassificação do/a participante.

Neste processo de divulgação via Instagram também é anunciado quais serão as/os juradas/os que irão compor a avaliação das/os participantes. Também é revelado o nome da *Chanter*<sup>43</sup>, bem como, ocorre a apresentação da/o DJ<sup>44</sup> (quando houver), já participei de *miniballs* que havia uma caixa de som para reproduzir as músicas no momento das apresentações. O local e horário também são compartilhados no Instagram, por meio da conta oficial da Cultura de Baile da cidade de Goiânia/GO.

De acordo com Icaro Ribeiro da Silva (2022), a seleção das/os juradas/os ocorre quando as pessoas se oferecem ou são indicadas/os. Normalmente, há um número total de três juradas/os. Na quarta *ball* que eu participei foi explicado que geralmente é um número ímpar para que não ocorra empate no momento das decisões. Outro ponto importante, se dá ao fato das/os juradas/os serem pessoas que possuem conhecimento e experiência nas categorias disputadas, para que ocorra uma avaliação adequada, e muitas vezes fazem parte ou têm conexões variadas com membros das *houses* e das famílias em questão.

Na página do Instagram também são postadas fotos e vídeos das cenas da Cultura de Baile realizadas na capital goianiense. Além dos projetos e treinos

---

<sup>43</sup> Este termo se refere a pessoa responsável pela apresentação das categorias, palavra de origem francesa que significa “cantar”.

<sup>44</sup> Este termo vem da língua inglesa “Disc Jockey”, sendo referida a figura responsável por transmitir a música nos eventos.

realizados por integrantes da *ballroom*. Ao navegarmos na página é possível perceber encontros de *workshops*, oficinas lideradas por participantes da cena que possuem experiência e prestígio nas *balls*. Esses treinamentos servem para ensinar as/os participantes que estão iniciando nas performances e ainda não possuem um conhecimento vasto das categorias e dos movimentos corporais. Ao saber desses encontros, tive a minha dúvida sanada do primeiro baile que eu compareci, organizado na UFG: “parecem que as pessoas treinam e/ou ensinam uns aos outros” e de fato é isso que ocorre. Existe um espírito de cooperação e de cuidado mútuo muito forte para auxiliar as pessoas que estão ingressando na Cultura de Baile.

No início do Baile, ocorre a apresentação das personalidades indispensáveis para a constituição das *balls*. Assim, as/os juradas/os e a *chanter* são convidadas/os a compor seus respectivos lugares, mas antes acontece uma rápida performance. Depois, é formada uma espécie de passarela, ao final ficam as/os juradas/os e ao lado a *Chanter* juntamente a/ao DJ. Após esse período ocorre a *LSS*, porém eu ainda não sabia o que se tratava essa sigla, perguntei para as minhas interlocutoras e por ter uma origem da língua inglesa elas não conseguiram me explicar.

Por isso, eu recorri novamente à dissertação de Icaro Ribeiro da Silva. Nessas horas devemos ter a modéstia e franqueza de apresentar o que não sabemos e reverenciar os trabalhos que constituem e explicam as informações que não

tivemos a elucidação no nosso campo. Icaro Ribeiro da Silva (2022) apresenta o seguinte:

Após a introdução desses sujeitos há um momento chamado de *LSS*. *Legends, stars and statements*. *Legends* são as lendas da cultura presentes naquele espaço, as mais conhecidas, as que mais ganharam *Grand Prizes*, as mais antigas e as históricas. *Stars* são as estrelas, pessoas que tem destaque e reconhecimento. *Statements* são as pessoas que possuem status e popularidade na cultura. Os *LSS* são pessoas, mas também o nome do momento. (Silva, 2022, p. 82)

Em seguida, iniciam as competições de dança e desfile, chamadas de *performances*, sendo disputadas por meio das categorias. Nas minhas observações de campo pude notar a dedicação e o espírito competitivo entre as/os participantes. Geralmente as batalhas ocorrem em duelos e a escolha da melhor performance é exclusiva das/os juradas/os.

As categorias que eu pude presenciar, irei trazer a definição, juntamente com a minha percepção de cada uma delas. Nos Bailes temáticos os nomes das categorias são acompanhados de uma espécie de subtítulo com o tema da *ballroom*, o Baile do Mancha que ocorreu no setor central, na pista de *skate*, possuía elementos carnavalescos por ter sido realizado na época do carnaval. Já a *miniball*, possuía inspiração na Páscoa, por isso as vestimentas, maquiagens e títulos das categorias contavam com referências à temática. Por isso, trarei

primeiramente as categorias disputadas no Baile do Mancha e posteriormente da *miniball* de Páscoa.

A categoria *realness* casal - “A melhor boca do bloquinho” - geralmente essa categoria representa as reproduções da realidade de alguma personalidade relevante ou até mesmo de uma ideia-chave. Neste baile, era necessário reproduzir as paixões carnavalescas, sendo demonstrado por meio de um beijo notável. Na época, achei que esta categoria representava bastante a cena da Cultura de Baile, pois proporcionava que casais LGBTQIAPN+ demonstrassem o seu carinho em um ambiente acolhedor.

*Baby vogue “carnakids”*, esta advém da categoria “*vogue*” ou “*voguing*”, sendo sem dúvidas a maior referência ao mencionar a cena *ballroom*. Esta categoria possui origem nas *houses* clássicas estadunidenses, por meio das práticas *throwing shade*, isto é, a postura de “provocar” a/o competidor/a oponente, através da ironia ou técnicas corporais que coloque a/o rival em uma situação de “inferioridade” e ridicularização (Cintra, 2018).

De acordo com Lawrence (2011), o surgimento do *vogue* ocorreu em um clube intitulado *Footsteps*, em Nova York, no qual Paris Dupree estava junto a várias *queens* negras, jogando *shade*. Foi quando Paris enquanto estava dançando, retirou da sua bolsa uma revista *vogue*, abriu em uma página e parou na mesma pose da modelo, na mesma batida da música que estava tocando. Depois, virou a folha e reproduziu outra pose, vendo este movimento, outra *queen* ficou em frente a Paris e fez uma pose, jogando o *shade*. Pouco tempo depois desse

acontecimento, a categoria foi incorporada nas *balls*. Conforme Henrique Cintra (2018) a categoria *vogue* possui as habilidades das práticas de *Kung-fu*<sup>45</sup>, bem como as referências nos movimentos dos hieróglifos egípcios.

Além do mais, a categoria *Baby*, é exclusiva para integrantes que estão iniciando as performances na Cultura de Baile, sendo um prestígio para as pessoas principiantes que ainda não possuem experiência. Também pela temática, era necessário a utilização de um *look* inspirado em crianças que se divertem no carnaval, fazendo alusão ao termo “*baby*” (bebê).

*Vogue ota* “Brega”, novamente uma categoria *vogue*, porém nesta era necessário se inspirar nos *looks* bregas do carnaval. A palavra brega originou nos anos 1960 como um gênero musical e hoje ela é utilizada para representar *looks* cafonas, ou seja, considerados de mau gosto ou sem elegância. Nesse dia, a categoria estava aberta para todos os formatos de *Vogue performance: new way, old way* ou *vogue Femme*. Para definir esses estilos, Silva (2022), pondera que os formatos de *vogue*:

Dos seus respectivos períodos [seriam]: *old way*, lento, gradual, fazendo pose através de pose; *new way*, envolvendo maior movimento corporal e elementos de ginásticas, esticando o corpo; *femme vogue* ou *cunty vogue*, realizados de forma exageradamente afeminada. (Susman e Jackson apud Silva, 2022, p. 83)

---

<sup>45</sup> O Kung-fu é uma arte marcial de origem chinesa.

Já a categoria *Face* “Baile de máscaras”, é a que possui o intuito de mostrar a beleza. No Baile do Mancha, esta categoria era exclusiva para pessoas trans e travestis. As/os participantes fazem movimentos suaves com suas mãos, contornando seus rostos. Em uma espécie de desfile, demonstrando autoconfiança e realçando seus traços faciais.

*BateKoo* - “o jeitinho brasileiro” -, por sua vez, é a categoria fechada para pessoas negras, embora na *miniball* de Páscoa a categoria foi aberta para todas as pessoas. Ela possui elementos brasileiros, sua performance se assemelha ao *Funk* e se afastam, ou pelo menos se diferenciam, até certo ponto dos referenciais estadunidenses das *ballrooms*. Particularmente é a minha categoria favorita, todas as vezes que eu presenciei fiquei deslumbrada pelos movimentos que são realizados. A música é frenética e as/os participantes dançam até o chão, com muito rebolado, mexendo seus bumbuns. Se formos retomar o processo de viagens transnacionais, sobretudo dos Estados Unidos para o Brasil, mais particularmente para Goiânia, essa era a categoria mais explicitamente “brasileira”.

*Runway* “corre atrás do trio”, nesta categoria a dança não é permitida, é possível somente caminhar. Me lembro bem desta categoria, pois em todos os Bailes a *chanter* entoava a seguinte frase: *Caminha, caminha, caminha na passarela!* Quando presenciei esta categoria realmente me lembrei dos desfiles de moda, ativando uma pequena parte do meu subconsciente que me fez lembrar da minha infância. Minha mãe trabalha com moda, ela possui uma pequena loja

*online* de roupas “femininas” e é responsável pela criação e desenvolvimento dos modelos. Por isso, cresci assistindo e comparecendo a desfiles de moda e garanto, o caminhar é parecido com os que eu presenciava na infância.

### 3.1. Êxodo 12: redes de apoio, família e Páscoa na cena *ballroom*

No dia 7 de abril de 2023, participei do meu terceiro Baile que aconteceu no setor Central de Goiânia, sendo esta intitulada de *miniball* de Páscoa. Essa nomeação ocorreu devido ser uma *ball* menor, mais intimista, com menos participantes e pelo fato de acontecer no feriado de Páscoa e como de costume as/os integrantes que performaram no Baile estavam caracterizadas/os com acessórios, *looks* e maquiagens de coelho, por este ser um dos símbolos da Páscoa.

Neste dia eu estava mais tranquila e menos ansiosa com o Baile, talvez pelo fato de estar me habituando com o ambiente e conseqüentemente tendo menos ansiedade social. No dia seguinte da *ball* eu tinha uma viagem programada para a cidade de Jussara/GO, onde a minha sogra mora. Na verdade, essa viagem estava programada para o mesmo dia do Baile, porém quando foi divulgado que aconteceria a *ball* no dia 7 de abril eu conversei com o Caio, meu companheiro, para irmos no outro dia e ele concordou, pois sabia que era importante eu participar do evento e me aproximar das pessoas.

Na parte da manhã do dia 7 eu recebi uma mensagem da Andreia confirmando comigo se eu iria para a *miniball*, nesse momento perguntei se ela precisava de transporte, pois para mim não seria problema levá-la. Ela aceitou e prometeu que dessa vez não atrasaria como na outra *ball*, eu disse para ela ficar tranquila, pois agora eu já sabia como funcionava o evento e compreendi que nunca começam no horário programado.

Durante todo o dia passei me organizando para a viagem, por isso estava um pouco cansada e me perguntei se teria fôlego para o Baile, que costuma se estender por horas até a madrugada. Quando cheguei em casa mandei mensagem para Andreia para que ela me avisasse quando estivesse pronta, pois assim eu não precisaria ficar enviando mensagem o tempo todo e ela ficaria mais tranquila para se arrumar. Ela me respondeu super-rápido me prometendo que dessa vez não se atrasaria e que estava se arrumando desde as 18:00 e já era por volta das 19:30. Eu falei para ela ficar tranquila, pois estava descansando e nem havia começado a me arrumar.

A *miniball* iniciaria às 21:00, quando era por volta das 20:30 eu me dirigi até a casa de Andreia, embora ainda não tivesse a confirmação que ela estaria pronta. Chegando no Setor Campinas, novamente eu e Caio paramos para comer uma pamonha, se tornou uma rotina para mim, por isso eu não costumo mudar os hábitos que eu adquiri, mesmo em uma situação nova que é o comparecimento aos Bailes. Porque quando adquiro uma rotina em novos cenários, eu tenho a sensação de conforto e isso me deixa menos ansiosa, mais tranquila e confortável.

Andreia ficou pronta às 21:40, então fui em direção a sua casa. Chegando no local vi na *live* do Instagram da Cultura de Baile que o Baile havia começado, porém não me importei com essa situação, porque estava muito feliz em ter a companhia e o suporte da Andreia. Ao adentrar no carro, ela estava um pouco constrangida por ter demorado a se arrumar, pediu mil desculpas e para deixá-la mais confortável comecei a brincar com ela.

O trajeto para a *miniball* foi rápido, cerca de 15 minutos, por isso não tivemos muito tempo de conversa. Chegando no local Caio, meu companheiro, perguntou se Andreia dançava nos Bailes, ela disse que ainda não, mas estava ensaiando para isso. Creio que ela ainda não se sente preparada, pois comentou o quanto as/os participantes dão *show* nas apresentações. Caio então brincou com Andreia, dizendo para ela me “arrastar” para o meio da pista de dança, logo eu que não sei dançar! Seria certamente um outro tipo de “observação-participante”...

O local que estava ocorrendo a *miniball* de Páscoa era pequeno e super abafado, pois era dentro de um bar, não tinha janelas e estava lotado. Fiquei muito agoniada, pois tenho sensibilidade ao calor, como já mencionei. Eu costumo sentir muito frio ou muito calor, como se tivesse com um termostato interno estragado. Isso se dá ao Transtorno do Espectro Autista, meu corpo tem uma dificuldade de regular a temperatura corporal. Embora nessa época, ainda não tivesse sido diagnosticada com TEA, eu já possuía, é claro, essa característica. Também tenho muita aflição com o suor, fico com o corpo “pregando” nas roupas e isso me traz

um grande desconforto, além de uma preocupação em relação ao cheiro decorrente da transpiração.

Após 15 minutos que havíamos chegado, Ariel nos encontra e começamos a conversar. Andreia então pergunta se poderia fumar em qualquer lugar, ao que Ariel respondeu: “Claro que não né, você não lembra o que aconteceu?” Provavelmente ela estava comentando do incêndio que ocorreu na Boate *Kiss*<sup>46</sup> embora não tivesse ocorrido por chama de cigarro, mas como o local em que estávamos era muito abafado, um ambiente fechado e estava lotado, uma faísca seria perigosa.

Por isso, Andreia me avisou que iria fumar em um *hall* aberto que ficava dentro do bar. Era um corredor comprido e estreito, mas ficava ao céu aberto, assim não teria problema de fumar neste lugar. Acenei para ela, como se estivesse concordando, tentando demonstrar que não havia problemas, pelo fato dela não ter me convidado para acompanhá-la, permaneci no mesmo local. Pouco tempo depois, houve uma pausa nas performances, algo que sempre acontece para que as/os participantes recuperem o fôlego entre uma apresentação e outra. Nesse meio tempo me senti deslocada e ansiosa, pois não conhecia muitas outras pessoas e não tinha uma pessoa de apoio comigo neste momento, como Andreia e Ariel. Porém, tentei abstrair e relaxar, é importante etnografar essas etapas em campo, pois creio que irá auxiliar a criar identificações e referências para outras pessoas

---

<sup>46</sup> Este caso se refere a tragédia que ocorreu na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, no dia 27 de janeiro de 2013. A casa de shows nomeada “Boate *Kiss*” foi incendiada, ocasionando a morte de 242 pessoas e 646 feridos/as.

que estão realizando pesquisa de campo e que também possuem algum tipo de ansiedade social ou neurodivergências.

No meu caso a ansiedade social é muito forte, tanto é que nesse período não consegui me socializar com outras pessoas. Porém, achei Ariel que estava com um rapaz alto, negro, de olhos claros e jovem. Fui até Ariel e elogiei o seu *look*, que estava, de fato, esplêndido. Era uma saia jeans, estava usando meia calça rendada vermelha, um top, uma faixa nos pulsos e o sapato rosas, cheio de pêlos que foi customizado por ela. Ariel, então, me apresentou esse rapaz e depois saiu.

Fiquei a sós com esse jovem e ele não puxou conversa, fui ficando aflita, pois estava parada de frente a ele. De súbito tive uma ideia de oferecer uma das minhas comidas de conforto, a batatinha frita. Falei que eu não estava com muita fome e se ele queria dividir comigo, para a minha surpresa ele recusou, explicando que estava cheio. Fiquei em choque, primeiro pelo fato de que, como alguém recusa uma batatinha grátis?! Segundo, porque na minha cabeça eu deveria estar fazendo tudo errado. Não deveria ter oferecido nada, ele não me conhece, recusaria mesmo, o que eu estava fazendo? Então eu fingi que fui ao balcão comprar, falei com a atendente e saí. Porque eu não queria comer, o intuito era só criar uma conexão com aquela pessoa.

Em seguida, encontrei Andreia cercada de amigos. Claro que eu não iria para aquele lugar sem um convite, talvez ela quisesse ficar com os amigos dela, então eu achei uma cadeira e me sentei para mexer no celular, esse é um truque que eu faço para me sentir menos deslocada. Depois de aguardar por um tempo,

decidi ir até ela, mas perdi a coragem e voltei para a cadeira. Depois, criei coragem e fui novamente, mudei de ideia e voltei, fiz esse movimento inúmeras vezes. Senti que também estava *performando*, era como se fosse movimentos de valsa, “um para lá, dois para cá”, todo esse esforço para criar coragem de ir até a minha amiga.

Por sorte, ela me notou e me convidou para me juntar a seus amigos, me explicando que estava fumando, como se quisesse perguntar se eu me importava com o cheiro e a fumaça. Respondi que não tinha problema, assim, ficamos por pouco tempo no local, pois logo as performances voltaram a acontecer. As apresentações, então, foram divididas em diferentes categorias, cada uma delas possui suas próprias regras, sendo algumas restritas a pessoas trans, pessoas negras, dentre outras. As categorias disputadas foram as já abordadas: *face*, *runway*, *vogue performance* e *batekoo*. A competição dentro de cada apresentação inicia com performances individuais, em seguida por uma disputa em dupla, até que um/a vencedor/a seja declarado/a. As/os juradas/os são muito criteriosos quanto a nota e também na escolha da pessoa vencedora, ao todo foram três juradas/os, a nota 10 quer dizer que foi aprovada/o e o “X” reprovada/o ou desclassificada/o.

O evento foi organizado sobretudo por pessoas não-binárias, sendo cobrado um valor de 10 reais para o pagamento na hora, 5 reais para as pessoas que assinassem o formulário de presença e as pessoas trans possuíam uma lista própria para ter acesso gratuito ao evento. O valor arrecadado foi destinado às

custas do evento e para a premiação das/os participantes vencedoras/es das categorias da *ball*.

Durante as batalhas, houve um momento que eu, observadora inexperiente em *ball*, achei marcante e maravilhoso. Duas pessoas trans estavam batalhando - embora eu não saberia dizer se consideravam mulheres trans ou travestis - e uma delas retirou a tiara da outra, sendo este um item obrigatório para competir naquela categoria. O público gritou bastante e ao final as duas se abraçaram. Depois comentei sobre essa disputa com a Andreia, falei como se fosse uma competição saudável, porém ela comentou que não foi bem assim. Ela me explicou que essa atitude não é bem-vista dentro da competição, é como se a adversária estivesse jogando “sujo”, nas palavras dela, podendo até acontecer uma briga entre as competidoras. Por isso, que o abraço no final da disputa foi tão importante, pois estava sinalizando que estava tudo tranquilo e apaziguado entre elas.

Nesse ínterim, ocorreu uma outra pausa e chegou ao local uma das mães pioneiras, responsável por trazer a Cultura de Baile para a cidade de Goiânia/GO. Percebi que ela era muito querida e respeitada entre as/os integrantes. Quando ela entrou no corredor que estávamos, o ponto de encontro das pessoas que queriam fumar, todas as pessoas presentes levantaram uma cantoria gritando em coro: PIONEIRA, PIONEIRA!!!

Depois disso, ela mencionou que ficaria por pouco tempo e iria embora, assim ela fez, cumprindo a sua palavra. Eu, Andreia e seu amigo ficamos

conversando por um tempo. Andreia então me chamou para entrar e vermos as últimas performances da categoria *BateKoo*. Porém quando chegamos já havia encerrado, porém, havia uma senhora de aproximadamente 70 anos, cabelos brancos, ela era mãe de um rapaz que a levou para conhecer as performances. Essa simpática senhora tinha passado no beco onde as pessoas estavam fumando, cumprimentando a todos/as, quando adentrei na área de performance, ela estava dançando da maneira dela e as/os integrante ao redor, como se fosse uma apresentação performática. Particularmente, eu achei admirável tanto o respeito das/os integrantes, quanto da senhora que olhava para nós e elogiava dizendo: “Vocês são maravilhosos!”.

Logo que a *ball* encerrou, fomos comprar a minha tão esperada batatinha frita e duas caipirinhas. Ao nos sentarmos para comer, a batatinha era muito grande, então ofereci a todas as pessoas que sentavam conosco. Com isso, mais e mais pessoas foram chegando para conversar e comer; era tudo o que eu queria! De uma maneira estranha eu acredito que esses petiscos agrupam pessoas ao redor e fica mais fácil trocar um papo bacana. Andreia me apresentou a algumas pessoas, mas ainda não consegui manter um diálogo por muito tempo. De todo modo, já era um começo... Depois, ela me perguntou se eu queria ir embora. Concordei, pois iríamos embora juntas. Caio voltaria para nos buscar e já era 01:20 da manhã.

Enquanto esperávamos, ela comentou que poderíamos fazer uma parceria já que estávamos pesquisando sobre a mesma temática, Cultura de Baile. Fiquei

super empolgada, mas comentei de forma descontraída que ela possui mais conhecimentos e vivência na área. Ela, no entanto, discordou, pois me disse que como eu estava no mestrado, portanto, conhecia mais autores/as, além de ter formação em Direito, o que ela via como algo muito positivo, pois isso auxiliaria bastante o seu trabalho, devido ele ter uma vertente na mesma área. Essa parceria nossa era muito positiva, pois sentia que ela me auxiliava muito ao longo do meu campo, mas eu também era vista por ela como alguém que a auxiliava e compunha suas redes de apoio social na academia e além.

Pouco tempo depois, Caio chegou, deixamos Andreia na casa dela e fomos para a nossa. Ao chegar na minha residência, recebo uma mensagem da Andreia perguntando se chegamos bem. Fiquei muito feliz com a mensagem, pois demonstra preocupação, carinho e que ela se importa comigo. Alguns dias depois Andreia me chama no Instagram e me mostra um vídeo de um acontecimento maravilhoso que ocorreu na *ball* naquele dia, porém nós não presenciamos o evento. Um rapaz pediu outro jovem em casamento, neste *post* do Instagram havia o vídeo do pedido, uma legenda agradecendo a parceria e uma linda declaração de amor.

Fiquei muito feliz pelos dois, mas triste por ter perdido esse momento ao vivo. Porém, ficar com a Andreia e conversar com ela é gratificante, sou feliz pela nossa amizade para além mesmo da minha etnografia. Afinal, quando estamos em campo um conjunto múltiplo de relações podem se desenvolver, entre elas, afetos e amizades. Com esse pedido e a partir de algumas conversas que tive nessa *ball*,

percebi que o conceito de *família* que eles/elas têm no contexto da Cultura de Baile muitas vezes é mais relevante do que o de famílias de sangue para lidar com os desafios do dia-a-dia em uma sociedade ainda tão racista, homofóbica, lesbofóbica, transfóbica e capacitista. E os apoios que eu mesma recebi em campo, em momentos de crise já relatados, também demonstram que acabei, em vários momentos, sendo incluída nas redes de apoio social, tanto recebendo como oferecendo suporte social em condições desafiadoras.

\*\*\*

O relato acima faz parte do meu diário de campo adaptado. Nesta etapa do terceiro capítulo, abordarei os vínculos de afeto, as relações familiares e estabelecerei uma conexão dos vínculos de parentesco instituídos na cena *ballroom* com a passagem bíblica do livro de Êxodo que menciona a celebração da Páscoa. O intuito não é o de trazer uma visão cristã a Cultura de Baile, muito menos amenizar os discursos intolerantes praticados por membros evangélicos contra a população LGBTQIAPN+, acredite, eu deixei de frequentar a igreja evangélica por esses mesmos motivos. A minha intenção é de trazer a minha vivência com essas passagens bíblicas, suscitando um novo significado e uma perspectiva distinta a este versículo bíblico.

No dia da *miniball* de Páscoa, um dos momentos mais marcantes e com expressiva representatividade da formação desses vínculos familiares ocorreu ao final do evento. As pessoas que integram a Cultura de Baile da cidade de Goiânia foram chamadas a frente, assim, um grupo extraordinariamente grande e diversificado se formou para registrar o momento com uma fotografia, e Andreia também se juntou ao coletivo. Havia um conjunto de 40 pessoas, nele se encontravam homens e mulheres trans, pessoas não-binárias, travestis, gays, lésbicas, bissexuais, dentre outras identidades e orientações sexuais que só com a observação e os contatos e conversas que eu tive, não era possível prever.

No retorno da Andreia, comentei da quantidade de integrantes que marcaram presença, ela me respondeu que não havia nem a metade dos membros da Cultura *ballroom* que ela conhecia em Goiânia. Ela ainda acrescentou: “é uma grande família”, “essas pessoas são a minha família, amiga!”. Perguntei como funcionava, se havia só mãe, pai e filhos/as, ela respondeu: “Não, amiga, temos todos os vínculos de parentesco. Eu por exemplo, tenho minha mãe e a minha mãe também tem a mãe dela, que se torna a minha avó”. Percebi que possuíam todos os/as integrantes de uma família e a Andreia continuou: “tenho primas/os, irmãs/aós, tudo. Por isso que a família é grande”. Nesse caso ela não estava mencionando a sua “família de sangue”, mas a sua família produzida a partir das *casas* da Cultura de Baile.

No outro Baile que eu participei, a *ball* “De todas as cores”, Andreia conversou comigo sobre as *houses*. Ela me disse que quando uma participante sai

de uma *house* para fundar a sua própria *house* e se tornar uma *mother*, em algumas situações ocorre quase que um rito de passagem. A sua *mother* lhe presenteia com a sua benção, pois acredita que esse movimento deveria acontecer naquele momento e que essa era a ocasião para ela cumprir a sua função e se tornar uma outra *mother* com relativa independência.

Essa situação me lembrou o ambiente que eu convivi por 24 anos, a igreja. É claro que a Cultura de Baile não tem a pretensão de se parecer com um ambiente religioso cristão de modo algum (aliás, muitas participantes inclusive se identificam e se associam com religiões de matriz afrobrasileira), é só uma analogia com o contexto que eu convivi e enfrentei durante muitos anos. Na igreja, o pastor é uma figura muito respeitada, muitas vezes dependendo da relação com os seus membros, ele é visto como uma figura simbólica do “pai”, enquanto a pastora é associada à “mãe”, e os membros da igreja são vistos como os seus “filhos”. Ou seja, analogias de parentesco que tem grande efetividade e impacto nesse contexto. Quando este integrante deixa de congregar neste templo para fundar a sua própria igreja, solicita-se a benção do pastor/a. Este ato é uma demonstração de respeito, carinho e gratidão por todo o tempo e ensinamentos oferecidos pelo pastor. Acredito que a intenção de abençoar a sua filha, no contexto das casas da Cultura de Baile apresenta um sentido próximo. Obviamente ela não possui uma conotação cristã, mas possui o intuito de lhe oferecer aprovação e o desejo de êxito para essa nova fase da sua trajetória.

Em relação a religião, nos eventos que eu participei e os diálogos trocados com alguns integrantes da Cultura *ballroom*, pude notar que várias pessoas que integravam as *houses* da cena goianiense, como comentei, integravam religiões de matriz afrobrasileira, como a umbanda e o candomblé. Por isso, um termo que eu escutava com recorrência era “Axé”, era muito comum me despedir das pessoas e ouvir: “Tchau amiga, *axé* para você”, eu ficava encantada com o carinho, porque sei da potência do significado positivo de *Axé*.

A definição para essa palavra pode ser diversa e com múltiplos significados. Porém uma das interpretações mais fascinantes que eu encontrei foi da mestra em Antropologia Social pela UFG, Angélica María Rivera López<sup>47</sup>, com sua dissertação “*EL PASO DE MI PASO: una etnografía sobre el despertar de la fertilidad femenina en la religión regla ocha-ifá*”:

*Por aché, entiendo aquí las fuerzas espirituales vitales que circundan por todo el universo, que emanan los orichas que fluye y vibra con las piedras, los elementos ofrecidos a ellos, las personas se entrelazan y permiten que en esas energías tomen lugar las sanaciones. Esas energías viabilizan la intervención en modos de ser-estar en aras de mayor bienestar social, físico y/o emocional*<sup>48</sup>. (López, 2024, p. 78)

---

<sup>47</sup> Quero aproveitar para agradecer imensamente a Angélica, pela sensibilidade, carinho e por disponibilizar sua magnífica dissertação.

<sup>48</sup> Para facilitar a compreensão desta citação em espanhol, trouxe a sua tradução para o português: “Por *axé* entendo aqui as forças espirituais vitais que circundam todo o universo, emanadas dos orixás que fluem e vibram com as pedras, os elementos que lhes são oferecidos, as pessoas se entrelaçam e permitem que a cura aconteça nessas energias. Estas energias permitem intervir nos modos de ser em prol de um maior bem-estar social, físico e/ou emocional.” (tradução minha).

Retornando às definições dos vínculos afetivos denominados por elas como “familiares”, em conversa com minhas interlocutoras e por meio das minhas observações da cena da Cultura de Baile, eu percebi que essa rede familiar por diversas vezes “substituem” ou pelo menos complementam as suas famílias de origem, chamadas por elas, às vezes como “famílias de sangue”. Ocorre que, os cenários familiares das/os integrantes das *balls* são diversos, existem as pessoas que não possuem uma rede de apoio nas suas relações de parentesco de origem e experimentam formas de acolhimento e suporte na Cultura *ballroom*. Outros contextos são daqueles/as que por motivos distintos precisam sair da sua cidade natal, por vezes contextos interioranos, necessitando se deslocar para a “cidade grande”, Goiânia, e aqui encontram essa relação familiar ansiada, ligada por vínculos de afeto e apoio mútuo. Outras conjunturas estão disponíveis na cena *ballroom*, porém o campo e as trocas de diálogos, não me permitiram presenciar todas elas e não terei como trazê-las à análise nessa ocasião.

Logo, eu pude constatar que a Cultura de Baile em Goiânia não é somente um local de convivência e de lazer que acolhe as diversidades, mas também cumpre o seu papel social de suporte e cuidado para aqueles/as que não possuem formas mais sólidas de amparo em suas famílias de origem e “de sangue”. Constituindo assim uma nova rede familiar alternativa para além dos laços consanguíneos, em especial nos casos de famílias que expulsaram os seus filhos e filhas ou os trataram de modo violento, agressivo, intolerante de diversas maneiras. Desse modo, a Cultura *ballroom* é um espaço considerado de teor

familiar onde todas/os fazem parte - embora também existam hierarquias e conflitos, é claro - de um ciclo, no geral, mais afetivo com vínculos familiares também baseados na amizade e de apoio recíproco.

Ao observar este contexto, me lembrei da tese do antropólogo Carlos Eduardo Henning (2014) intitulada: “Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo”. Pude perceber uma afinidade daquele trabalho com a minha pesquisa, mesmo sendo propostas e campos distintos. O antropólogo pesquisou na cidade de São Paulo as relações de homens com práticas sexuais homoeróticas na meia idade e velhice, e muitos deles se encontravam em situação semelhante, não possuindo laços sólidos de apoio social com suas famílias de origem.

Dessa forma, em um trabalho de campo minucioso, o antropólogo entrevistou vários homens de meia idade e na velhice que possuíam relações homoeróticas, nas conversas com os sujeitos de sua pesquisa, foi revelado que havia uma espécie de acordo entre alguns deles. Este acordo constituía em ter uma rede de apoio para que ao final de suas vidas, caso eles precisassem de cuidados, eles teriam com quem contar, já que suas famílias eram constituídas sobretudo por seus laços produzidos através de amizades e relações afetivo-amorosas pregressas.

De forma semelhante em meu trabalho de campo tive a percepção que essa relação também ocorre no cotidiano das *houses* que integram a Cultura de Baile em Goiânia, onde há uma rede de apoio que se tornaram suas famílias, para além

dos laços de consanguinidades, se tornando, como pontua Henning (2014), algo próximo a “famílias do coração”, conforme seus interlocutores chamavam esses arranjos. Essa definição, por sua vez, terá um papel fundamental para a análise dessas relações semelhantes em meu campo, pelo fato de que:

Na análise dessas narrativas, a “família do coração”, mais do que meramente indicar vínculos e laços de parentesco (embora tais indicações não possam ser menosprezadas), parece quase sempre se mesclar à ideia própria de redes de suporte social. Dessa forma, quanto mais próximo estivesse um determinado sujeito de ser considerado relevante no contexto dessas malhas, mais provável seria, por exemplo, considerá-lo integrante da “família de coração”. (Henning, 2014, p. 358).

Logo, esse vínculo familiar é também formado por meio das *houses* no contexto analisado por mim, embora as/os integrantes, em geral, não possuam laços de consanguinidade, as relações são formadas por meio de características como amizades, experiências e interesses afins. O surgimento das *houses* no Harlem, bairro da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos entre os anos 1960 e 1970, contribuía para o acolhimento jovens que haviam sido desalojados de suas casas e que, de certo modo, foram punidos por suas orientações sexuais e/ou identidades de gênero serem vistas como dissidentes. A partir disso, as *mothers* e *fathers* desempenham um papel de cuidado, amparo e de apoio social em diversos momentos. Essa é outra das configurações que parece ter também se estabelecido no cenário analisado por mim em Goiânia.

Contudo, apesar de na cena goianiense da Cultura de Baile esse cenário não ser a integralidade de todos os contextos familiares das/os integrantes das *houses*, na minha relação de amizade com a Andreia eu consegui observar essa responsabilidade de proteção e carinho das *mothers* e *fathers* para com seus filhos/as, e vice-versa, assim como entre as filhas/irmãs, por exemplo. Ainda que as/os integrantes possam ter uma boa relação com seus pais de vínculos consanguíneos, quando a pessoa entra para uma *house* ela poderá contar com esse suporte da matriarca e/ou patriarca, assim como se espera laços recíprocos de obrigações e expectativas.

É importante ressaltar que diferente do que eu pensava inicialmente, fazer parte de uma *house* não necessariamente significa residir na mesma casa. A categoria *casa/house*, nesse caso, tem um peso simbólico que prescinde da figura física, arquitetônica, de uma casa para coabitação da família de conjunto. Por diversos motivos, no entanto, isso pode ocorrer, quando a/o integrante já possui uma localidade para habitar ou quando as *houses* em diversos contextos podem até mesmo estar superlotadas. Porém, o que pude constatar é que em nenhuma circunstância as/os integrantes são desamparadas/os por suas *mothers* e/ou *fathers*, e estes também esperam formas de apoio e suporte social de seus filhos e filhas.

Outro fato importante a se observar é referente a periodicidade dos bailes, grande parte das *balls* ocorrem em datas comemorativas como carnaval, páscoa, natal, dentre outras festividades, as quais muitas vezes, na impossibilidade de

serem desfrutadas no ceio das famílias de origem, acabam sendo passadas junto à respectiva *house* da Cultura de Baile. Isso demonstra certa sensibilidade e o sentimento de fraternidade e amparo mútuo a cada membro da família que integra a cena *ballroom*. Apesar dos eventos acontecerem nas datas de celebração, os bailes quase sempre estão lotados, comprovando o empenho e dedicação de seus e suas integrantes.

Como dito, a *miniball* que ocorreu no mês de abril de 2023, por conta da sua data, teve como temática a Páscoa. Por ser um ambiente mais intimista e com menos participantes, consegui observar com mais detalhes os vínculos de afetos e os laços familiares formados pelas “famílias do coração” (Henning, 2014) nesse contexto. A celebração de Páscoa sempre foi um momento muito marcante na minha infância, era o período que na Escola Bíblica Dominical<sup>49</sup> eu era ensinada sobre o seu significado cristão. Não comia ovos de Páscoa ou me fantasiava de coelho, pois esses eram símbolos considerados “mundanos”, ou seja, contrários a propagação de fé cristã da minha família. Apesar da rigidez doutrinária e a hostilidade com elementos que não faziam parte do ambiente cristão, na igreja eu aprendia também sobre a comunhão familiar.

Embora atualmente eu não me considere mais uma pessoa particularmente religiosa, arrisco trazer um trecho da Bíblia que me auxiliou a botar em perspectiva, a partir da minha própria trajetória de vida em uma família

---

<sup>49</sup> A Escola Bíblica Dominical, também conhecida como EBD, são reuniões que geralmente ocorrem no domingo de manhã nas igrejas evangélicas e possuem o intuito de ensinar sobre os textos bíblicos.

profundamente evangélica, a relevância das redes de apoio social e o senso de partilha e comunhão que são explicitados nesse trecho, mas que também encontrei - obviamente com muitas particularidades e à sua própria maneira - em meu campo entre as *casas* e *famílias* na Cultura de Baile. O versículo a seguir contextualiza uma passagem sobre a figura de Moisés e os ensinamentos por ele recebidos pelo Criador:

O Senhor disse a Moisés e a Arão, no Egito: Este deverá ser o primeiro mês do ano para vocês. Digam a toda a comunidade de Israel que no décimo dia deste mês todo homem deverá separar um cordeiro ou um cabrito, para a sua família, um para cada casa. Se uma família for pequena demais para um animal inteiro, deve dividi-lo com seu vizinho mais próximo, conforme o número de pessoas e conforme o que cada um puder comer. Ao comerem, estejam prontos para sair: cinto no lugar, sandálias nos pés e cajado na mão. Comam apressadamente. Esta é a Páscoa do Senhor. (Êxodo capítulo 12:1- 4; 11)

O capítulo acima é referente ao livro de Êxodo que faz parte do pentateuco, ou seja, um conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia. Nesta passagem é descrita a história dos hebreus que foram escravizados pelos egípcios. Moisés, um homem que foi adotado pela filha de Faraó, é escolhido por Deus, segundo a Bíblia, para “libertar” os hebreus. Em minha infância recebi o ensinamento que este versículo fazia parte da narrativa que simbolizava a morte e ressurreição de Cristo. Assim, como essa passagem também narra uma história

de comunhão, nessa época do ano, nos reuníamos com nossa família como forma de gratidão a Deus.

Apesar das inúmeras discordâncias que eu tive com a igreja evangélica, essas passagens e celebrações fazem parte do meu repertório e da minha criação no contexto de minha família de origem. Por isso, o conceito de família, comunhão e gratidão foram aprendidos por mim, por meio das doutrinações de fé. Logo, não há como desvincular a religião cristã quando me deparo com elementos que me remetem a essa época, embora eu tenha plena consciência que justamente esse universo cristão e evangélico é visto por várias de minhas interlocutoras como produtor de muito sofrimento, sentimentos de rejeição e violências preconceituosas múltiplas.

Ademais, ainda que existam contextos e posicionamentos completamente distintos da passagem bíblica com a Cultura *ballroom*, considero alguns elementos sugestivos em ambos os eventos. Como por exemplo o conceito de família, na igreja considerávamos todos os membros/as como irmãs e irmãos, logo, as reuniões eram quase sempre vistas como momentos de comunhão e celebração. De maneira semelhante parece ocorrer nas *balls* essa sensação de comunhão e de partilha de visões de mundo que resultam, entre outras coisas, em apoios concretos para navegar uma sociedade profundamente excludente e preconceituosas com pessoas dissidentes em termos de expressões de gênero e sexualidade. Na cena da cultura de Baile, também parece haver o encontro de *famílias* que frequentam o mesmo espaço com o objetivo de cumprirem um

propósito em comum. Neste caso, o intuito é fomentar e contribuir para o fortalecimento da Cultura de Baile e por vezes, até mesmo para garantir os direitos humanos básicos de poder existir como a pessoa que se é.

Ao mobilizar um trecho bíblico que foi importante na minha história pessoal de forma a aludir às experiências analisadas em meu campo na Cultura de Baile, eu também procuro desestabilizar a associação mecânica entre tal escritura “sagrada” e o preconceito e perseguição de pessoas como as que convivi e me tornei amiga em campo. Perseguição e preconceito que ocorrem através de líderes religiosos de distorcem tais escrituras para avançar em seus próprios propósitos pessoais, quase sempre político-econômicos. De modo muito oposto a isso, esse mesmo texto tem o potencial de destacar o amor ao próximo, a compreensão para com as diferenças, o respeito e o direito à vida e ao livre-arbítrio, o “não atirar a primeira pedra”, a importância de criar, alimentar e sustentar redes de apoio social na vida coletiva, além de muitas outras questões que apontam para a compaixão e o respeito. Até certo ponto, é um texto com múltiplas potências, quero crer, e aqui o utilizo de forma subversiva justamente para apoiar, lançar amor, conforto e aceitação para minhas interlocutoras em campo e além dele.

Nesse sentido, nas *balls* eu me deparei com experiências libertadoras de construções identitárias. Podendo experimentar a autonomia de seus próprios corpos, até certo ponto livres das amarras sociais e religiosas de controle das suas sexualidades e/ou identidade de gênero. Considero que o ambiente da cena *ballroom* em Goiânia, se tornou um ambiente acolhedor e sustentador não apenas

para minhas interlocutoras, mas também para mim, não simplesmente pelo apoio e receptividade para comigo e minhas características. Como também, encontrei nas *balls* um espaço familiar que me despertou surpreendentemente memórias de infância. Porém, ao contrário do contexto cristão que eu estava inserida, na Cultura de Baile eu tenho a oportunidade de descobrir, explorar e experimentar de fato quem eu sou, ou quem posso vir a ser, sem nunca ter tido qualquer nenhum tipo de retaliação, por exemplo, por ser autista ou por estar desenvolvendo questionamentos sobre minha identidade de gênero. De certa forma e guardadas as devidas diferenças, eu também encontrei afetos familiares nessa cena e sou muito grata por isso. Espero que este caminho continue a ser trilhado - que assim seja, e com todo respeito, *Axé*<sup>50</sup>!

---

<sup>50</sup> A palavra Axé foi utilizada como forma de agradecimento ao acolhimento recebido em campo.

## **É Fim do Baile...**

Esta *etnografia autista* é fruto das minhas vivências intersubjetivas em campo, sendo escrita por meio dos diálogos, observações, conselhos, redes de apoio e enfrentamento de crises, inseguranças, receios e, sobretudo, de certa inspiração na resiliência e coragem de minhas interlocutoras em campo. Ademais, apesar das minhas dificuldades com a comunicação social e dos desafios sensoriais que encontrei em campo, o apoio e as conversas com minhas interlocutoras foram fundamentais para que este trabalho se desenvolvesse com fluidez e êxito desde o início da minha pesquisa até desfecho desta dissertação. Nas linhas finais deste trabalho quero deixar registrado toda a minha gratidão às minhas interlocutoras que me concederam experiências memoráveis, repletas de diálogos, cuidados e suportes.

Do mesmo modo, a minha experiência com este campo me proporcionou um encontro com uma manifestação cultural complexa que desenvolve além de competições, performances e valorização dos corpos e existências LGBTQIAPN+, muitas vezes também de pessoas negras, sendo um espaço de celebração, júbilo, construção e encontro das *famílias* e de liberdade para manifestarem e viverem quem realmente são ou quem desejam ser em processo.

A realização desta pesquisa de campo ocorreu em um momento que eu estava procurando respostas às questões relativas à minha saúde mental. Ser

diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista, nível 1 de suporte, ajudou a elucidar várias indagações acumuladas ao longo da minha trajetória pessoal. Todavia, me trouxe muitos receios de como eu daria continuidade a uma pesquisa cujo local possuía vários elementos que geravam gatilhos sensoriais e emocionais.

Logo, pairava os meus pensamentos a seguinte indagação: “É possível fazer etnografia em um local com muitos estímulos, sendo uma pessoa autista? De certa maneira, eu preocupava com os artifícios que eu deveria utilizar para não ser afetada. Seria possível, de fato, realizar uma etnografia sendo uma pessoa autista? Contudo, uma pesquisa etnográfica deve trazer os elementos em cena, demonstrando como eles estão presentes, influenciam o campo e a depender do trabalho etnográfico, podem integrar a experiência socioantropológica do pesquisador e pesquisadora. A reflexividade sobre a posicionalidade de quem pesquisa, nas etnografias contemporâneas, exige ser desenvolvida com afincamento, criatividade e criticidade.

Nesta circunstância se encontrava a minha pesquisa de campo. Por isso, o questionamento a se fazer seria: “De quais modos posso realizar uma etnografia autista?”. Porque as minhas experiências de uma pesquisadora autista, não meramente interagem com o meu campo, elas também constituem o meu próprio campo. Logo, as minhas vulnerabilidades, crises sensoriais, *meltdowns*, *shutdowns* e sensibilidades a barulhos, foram produtos de análises que desenvolvi desde as primeiras páginas deste trabalho, de modo que esta etnografia foi

idiossincrática da minha vivência na cena da Cultura de Baile, na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás.

Como afirmei, de certa forma, esta pesquisa contribuiu para a minha própria constituição subjetiva como pessoa autista, pois através dos desafios que enfrentei em campo, conjuntamente aos meus itinerários terapêuticos, acabei descobrindo um diagnóstico. E também as características que apresento não me foram somente “negativas” na realização do meu campo. Ao compartilhar minhas crises, dificuldades e desafios, eu construí laços de afeto, respeito e cuidado mútuo, os quais também já eram desenvolvidos entre as/os integrantes das casas na Cultura de Baile, como analisei no último capítulo. Portanto, de várias maneiras, considero de fato ter desenvolvido uma etnografia autista, pois ela é indissociável do ponto de vista desta etnógrafa, com todas as suas características e relações que puderam ser construídas em campo a partir disso.

Portanto, para escrever esta dissertação eu precisei exercer um ato de coragem para me expor e me colocar em posição de vulnerabilidade. Não é comum encontrar etnografias contemporâneas em que tantos desafios e dificuldades em termos de questões de saúde mental do/a etnógrafo/a em campo sejam tão centralmente trazidas para a análise da produção etnográfica. Geralmente esses desafios se tornam meras notas de rodapé tímidas, como se devessem ser higienizadas do texto, por serem vergonhosas, ou ilegítimas. Eu as trouxe para o centro da minha dissertação. Todos os meus questionamentos, medos, angústias e diagnósticos estão presentes neste trabalho. Porém, a minha

determinação em compartilhar análises sobre esses momentos sobreveio em grande medida do acolhimento que eu recebi em campo e das redes de suporte estabelecidas entre minhas interlocutoras.

Aliás, o acolhimento e as redes de suporte social são o eixo que une as minhas duas temáticas: a cena da Cultura de Baile, e minhas experimentações em campo como uma etnógrafa autista. Durante a escrita desta dissertação, fui impactada pelas redes de apoio nas *balls* e para além delas. Sem este elemento, a pesquisa de campo seria uma tarefa árdua, talvez até mesmo inviável, diferentemente do que fato ocorreu. As minhas características autistas não foram empecilhos para entender e interpretar o cenário analisado. Pelo contrário, elas justamente contribuíram para que - a partir das relações de apoio e solidariedade que eu recebi em campo como pessoa autista - eu pudesse entender a centralidade do cuidado e das redes de apoio social que subjazem o cenário festivo e celebratório dos bailes e competições entre mães, filhas, casas e *ballrooms*. Além disso, posso dizer que apesar dos meus desafios em campo, ele se tornou a parte mais instigante desta pesquisa e procurei elaborá-lo da melhor maneira possível com o tempo e as circunstâncias que tive na produção desta etnografia autista, que espero que seja a primeira de muitas nas Ciências Sociais.

Por receber este apoio em minha pesquisa, eu decidi abrir a porta deste armário<sup>51</sup> neurodivergente e sair. Este armário representa a minha tentativa de me

---

<sup>51</sup> Referência ao conceito da Epistemologia do Armário de Eve Kosofsky Sedgwick (1993).

camuflar nas regras e padrões neurotípicas próprias da performatividade e normatividade neurotípica. Logo, eu abandono este armário à procura de respostas para novas questões, trilhando novos caminhos em um cenário de múltiplas possibilidades. Embora eu não tenha a pretensão de ter todas as respostas com a escrita desta dissertação, eu saio do campo com uma certeza: a cena da Cultura de Baile e as conversas que eu tive com minhas interlocutoras me impulsionaram a explorar esse novo campo que irei percorrer, em busca de identidades mais genuínas e viáveis para mim e definitivamente sem o *masking* que me assombrou a vida toda.

Nos momentos que eu estive mais vulnerável, eu recebi apoio. Logo, eu sou uma pessoa autista e preciso de suporte, mas também eu necessito ser eu mesma. E essa necessidade de suporte está presente também, de distintas maneiras, entre minhas interlocutoras. Assim como elas me ofereceram apoio, eu procurei em campo e agora também nesta dissertação, oferecer distintas formas de apoio. Assim como elas o faziam durante os bailes, eu também estou no caminho para descobrir ou para recriar quem sou, mas eu tenho o privilégio de contar com uma rede de pessoas dispostas a me acolher e me auxiliar neste meu itinerário pessoal. Algo nem sempre disponível do mesmo modo entre minhas interlocutoras, para além de suas casas, mães e outras parentes no *ballroom*.

Ademais, apesar da minha corporalidade singular e as minhas adversidades em campo, esta dissertação me permitiu vislumbrar que o marcador social da diferença relacionado à corporalidade e à características

neurodivergentes presentes na minha vivência, não necessariamente me incapacita na vida e sobretudo na prática etnográfica. Ao invés disso, me oferece a possibilidade de ação, de modo que a rede de apoio criada em campo, foi baseada em parcerias, cooperação e apoio mútuo. Agora, ao fim de minha dissertação, percebo que minhas características neurodivergentes, de nenhum modo, impossibilitaram a realização de minha etnografia, mas sim deram um sabor e um caráter específico para ela.

Do mesmo modo, esta dissertação também possui o intuito de contribuir com a produção de novas experimentações etnográficas, com isso demonstrei os detalhes do campo com todas as minhas dificuldades de realizar a pesquisa, os contratempos e meus sentimentos de frustração. Não há um único modo de realizar pesquisa de campo, seria inexequível, autoritário e muito problemático propor um manual de condutas, métodos e técnicas rígidos para o desenvolvimento de etnografias. Todavia, ofereço a contribuição de uma etnografia autista em processo e experimental, com a minha perspectiva e todas as sensações experimentadas no campo. Porque neste caso, o campo não se configura somente na cena da Cultura de Baile, a minha corporalidade neurodivergente também me coloca em cena como sujeito incorporado e analisado etnograficamente em suas posicionalidades, pontos de vista e características. Por isso, disponibilizo a minha vivência etnográfica como elemento de análise, assim, compartilho a minha experimentação particular como uma socióloga no Espectro Autista e desejo, por fim, que outros/as cientistas

sociais e demais pesquisadores/as possam ampliar e elaborar ainda melhor as suas próprias etnografias e investigações a partir de pontos de vista neurodivergentes com maior desenvoltura e facilidades as quais eu mesma não pude contar quando da realização desta investigação e dissertação. Que o ônus dessa experiência tão desafiadora e edificante que foi realizar esta etnografia autista possa se tornar, de algum modo, uma espécie de bônus para que futuros trabalhos possam florescer com vigor e sem *capacitismos epistemológicos* nas ciências sociais e além.

## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita contra a cultura**. Equatorial, v. 5, n. 8, jan/jun 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

ARNOLD, Emily A.; BAILEY, Marlon M. **Constructing home and family**: How the ballroom community supports African American GLBTQ youth in the face of HIV/AIDS. Journal of gay & lesbian social services, v. 21, n. 2-3, p. 171-188, 2009.

BAUMER, Nicole; FRUEH, Julia. **What is neurodiversity?**. Harvard Health Publishing, Harvard medical school, 23 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.health.harvard.edu/blog/what-is-neurodiversity-202111232645>. Acesso em: 25 ago. 2023.

Belek, Ben. (2019) 2023. “**Autism**”. Na Enciclopédia Aberta de Antropologia, editada por Felix Stein. The Cambridge Encyclopedia of Anthropology. Disponível em: <http://doi.org/10.29164/19aut>. Acesso em: 28 dez. 2023.

BIEHL, João. **Antropologia do devir**: psicofármacos-abandono social-desejo. Revista de Antropologia, p. 413-449, 2008.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**: On the discursive limits of sex. Taylor & Francis, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, José Jorge de; KIDOIALE, Makota; CARVALHO, Emílio Nolasco de; COSTA, Samira Lima da. **Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e encontro de saberes**. Sociedade e Estado. Brasília, v. 35, n. 1, p. 135-162, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/yxrR4dMvNYmB3SZYTdZCVCQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2023.

DAMÁSIO, Ana Clara. Isso não é uma autoetnografia!. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, p. 1-14, 2022. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46479> Acesso em: 18 ago. 2023.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de antropologia, p. 13-37, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 2, 2020, p. 188-208. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/aa/5872> Acesso em: 10 ago. 2023.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

GONDIM, Linda. Lições da escola de sociologia de Chicago para a pesquisa urbana contemporânea no Brasil. Anais do XIV Seminário da História da Cidade e Urbanismo, 2016.

GRECO, Cinzia. **Divergent ethnographies: Fieldwork at the intersection of anthropology and neurodiversity**. 2022. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/divergent-ethnography-conducting-fieldwork-as-an-autistic-anthropologist>. Acesso em: 25 dez. 2023.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900> Acesso em: 18 jun. 2023.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras**: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/noticias-eventos/sociologia/11003/contato> Acesso em: 15 maio 2022.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. “Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias”. In: HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). **Marcadores sociais das diferenças**: fluxos, trânsitos e intersecções. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 27-53.

Hull, L., Petrides, K.V. & Mandy, W. “**The Female Autism Phenotype and Camouflaging**: a Narrative Review”. *Rev J Autism Dev Disord* 7, 306–317 (2020). <https://doi.org/10.1007/s40489-020-00197-9>. Link: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40489-020-00197-9>. Acesso em: 13 de setembro de 2023.

JANUÁRIO, Brendaly Santos de Freitas; HENNING, Carlos Eduardo. “**Etnografando as cenas de Ballroom na cidade de Goiânia**: apontamentos iniciais de uma pesquisa em andamento”, 2023, p. 01. Link: <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=296>. Acesso em: 10 setembro 2023.

LAWRENCE, Tim. “Listen and You Will Hear All the Houses: A History of Drag Balls, Houses and the Culture of Voguing,”. In \_\_\_\_\_. **Voguing and the House Ballroom Scene of New York City, 1989–92**, London: Soul Jazz Books, 2018.

LeWINE, E Howard. **Attention-deficit hyperactivity disorder (ADHD)**. Harvard Health Publishing, Harvard medical school, 21 de março de 2022. Disponível em: [https://www.health.harvard.edu/a\\_to\\_z/attention-deficit-hyperactivity-disorder-adhd-a-to-z](https://www.health.harvard.edu/a_to_z/attention-deficit-hyperactivity-disorder-adhd-a-to-z). Acesso em: 27 ago. 2023.

- LÓPEZ, Angélica María Rivera. **El paso de mi paso**: una etnografía sobre el despertar de la fertilidad femenina en la religión regla ocha-ifá. [manuscrito] /Angélica María Rivera López, 2024.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Boitempo Editorial, 2015.
- MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021.
- MEAD, Margaret. **Culture and Commitment: A Study of the Generation Gap** Hardcover. The Bodley Head: London, 1975.
- MEAD, Margaret. **Sexo y temperamento en las sociedades primitivas**. 1978.
- MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever**: uma autoetnografia ciborgue. Tese de Doutorado em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215355/PASO0498-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em: 03 ago. 2023.
- OLIVEIRA, Iêda Figueiró. **Do íntimo ao coletivo**: Figueira Infinita em busca da plenitude ontológica. 2021.
- ORTNER, Sherry. Teoria na Antropologia desde os Anos 1960. *Mana*, 17(2): 419-466, 2011.
- PARIS Is Burning**. Direção: Jennie Livingston. Distribuidora: Miramax Films. New York (US). 78min. 1990.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 2, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 01 jul. 2022.
- POSE**. Direção: Janet Mock; Gwyneth Horder-Payton, et al. Produção: Ryan Murphy; Brad Falchuk e Steve Canals. [S.l.]: Color Force; Brad Falchuk Teley-Vision; Ryan Murphy Television; Fox 21 Television Studios; FX Productions; FX Network. 2018- 2021.

RILEY, Denise. **'Am I that name?'**: Feminism and the category of 'women' in history. Springer, 1988.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Autêntica, 2016.

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. 2018. Tese de Doutorado.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos pagu, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA, Icaro Ribeiro. **Narrativas de bixas e travestis pretas: teorias e a cultura de baile na grande Goiânia**. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12129> Acesso em: 08 jun. 2023.

SPIVAK, Gayatri C. "**Can the Subaltern Speak? Speculations on Widow Sacrifice**." *Wedge*, v. 7, n. 8, p. 120-130, 1985a.

VELHO, Gilberto Cardoso Alves. **Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Editora FGV, 2008.

**VOGUE**, Madonna. Gravadora: Sire; Warner Bros. Lançamento: 20 de março de 1990. Formatos: CD single, cassete, vinil (4.7 min).